

Introdução

O ponto de partida para esta pesquisa tem como eixo central a minha experiência, no Instituto Raul Soares, que é um hospital psiquiátrico, por onde circula uma vasta categoria de afecções psicopatológicas, que acometem os usuários desse hospital, culminando em suas várias passagens, seja pelo serviço de urgência, pelo ambulatório ou pela internação. Ao longo desses anos, uma das questões com que sempre me deparo é o diagnóstico diferencial na clínica das psicoses. Questão que se renova a cada caso enfrentado, trazendo sempre indagações que se traduzem por uma inquietação em busca de investigação, seja no campo teórico-conceitual, seja no campo clínico. No entanto, uma questão sobressai: Qual é o devido lugar que a melancolia ocupa na clínica psicanalítica, do ponto de vista estrutural? Nesse contexto é que o caso clínico M. torna-se um forte motivo de investigação e me coloca na via desta pesquisa. Destaco alguns fragmentos do caso que ilustram esta dissertação.

M. tem seis anos de idade quando se surpreende ao assistir à cena de seus pais tendo uma relação sexual, cena que permanece na sua lembrança como grotesca, selvagem, estarrecedora. Para ele, a mãe, antes vista como uma santa, passa a ser a suja, a imunda. A partir daí, vêm a insônia e os pesadelos, em que, sempre, os pais estão copulando. Nunca mais é o mesmo, vai-se desligando da mãe e procura, com frequência, ficar sozinho. Enquanto a mãe é qualificada de suja, descontrolada e traidora, o pai somente surge em seus pesadelos quando a cena traumática se lhe impõe e retorna em seus sonhos, levando-o a se defender com a insônia.

Aos 12 anos, é seduzido por um professor, com quem é forçado a ter relação sexual. Passa, então, a se descuidar da própria higiene, abandona a escola e começa a se esconder das pessoas. Julga-se sujo, tal qual a sua mãe, a ponto de jogar fora o talher com que come. Após tal episódio, passou a se apresentar retraído em todas as suas relações, isolando-se sempre em seu quarto. Desde a adolescência, faz uso abusivo de drogas e isola-se de amigos e familiares. A primeira crise, aos 25 anos, leva-o à primeira internação, devido a uma *overdose* de cocaína e *crack*. Ao perder seus pais, anos depois, sente-se “aliviado”, por sentir muita culpa diante deles. Culpa que sempre o levava a se agredir, ora batendo com um martelo em sua mão até conseguir quebrar um dedo, ora queimando os braços com cigarros e cortando o próprio rosto, para se “punir da própria vida”. Chama atenção o fato de ele dizer que os cortes e as queimaduras em seu corpo não lhe causavam dor. As internações passam a fazer série em sua vida com tal frequência que, certa vez, quase morreu ao ingerir grande quantidade de medicamentos. Tal episódio culminou em sua internação, durante dois meses, em estado de coma, no setor de neurologia do Hospital de Pronto Socorro. A automutilação está, assim, presente, e as tentativas de auto-extermínio multiplicam-se desde a primeira internação. Observa-se, o predomínio da pulsão de morte, marcado pelas mutilações corporais: deixa-se descuidar dos dentes, corta os pulsos, queima-se com cigarros, corta o rosto. Quando não está se mutilando, M. se apresenta ingerindo medicamentos em excesso. A ele falta o controle. Por isso, desde a morte de seus pais é controlado por um irmão, que cuida de seu dinheiro, de sua comida e que fiscaliza seu tratamento. E esses indicativos levam-me a enquadrar o caso na clínica das psicoses, já que se caracterizariam como um empuxo à morte, sem qualquer dialética fálica, o que, por sua vez, me orienta para o diagnóstico de melancolia e me propõe a questão da sua especificidade, considerando-se a estrutura da psicose.

Na clínica das psicoses, o estabelecimento do diagnóstico diferencial é um ponto básico, pois, a partir dele, pode-se assumir o tratamento psicanalítico, sustentando a direção da cura com as particularidades de cada caso. De início, o ponto de partida crucial de minha investigação esboça-se na constatação de que, nesse contexto, quase sempre se está diante de uma ausência de fenômenos elementares e, mesmo, de sintomas típicos da psicose — entre eles, o delírio. Sobressai, no entanto, o fato clínico das passagens ao ato que implicam suicídio ou automutilações, que reforçam o axioma freudiano de que, na melancolia, “a sombra do objeto caiu sobre o eu”, ou seja, o eu identifica-se ao objeto como perda. Assim, os ataques, ou as mutilações, que seriam endereçados ao objeto, dirigem-se ao eu. Levando-se em consideração a posição de cada sujeito diante do Outro, na melancolia, alguns mecanismos próprios do sujeito — como, por exemplo, aquilo que Freud assinala como mecanismo da auto-acusação — merecem ser mais investigados, no sentido de orientar quanto à condução clínica.

É importante ressaltar que, no âmbito da melancolia, o sujeito se incrimina a tal ponto, que sua culpa lhe retorna como autopunição. E pode chegar, muitas vezes, bem próximo da morte, em consequência de sucessivas tentativas de auto-extermínio, que podem culminar inclusive, em certas ocorrências, com a própria morte.

Justifica-se buscar saber se a autopunição por meio do ato de mutilar-se, agredir-se e suicidar-se não constitui uma manifestação do que Freud denominou, no final de sua obra, como mais além do princípio do prazer, a saber: a pulsão de morte. Portanto, o interesse desta investigação é mostrar de que modo essa modalidade se presentifica nos quadros clínicos melancólicos, enquanto uma forma específica de psicose. Importa demonstrar, sobretudo, em que medida o mecanismo de incidência da pulsão de morte na melancolia se distingue da paranóia. É sabido que, para Freud, o paradigma da psicose é a paranóia.

Justifica-se, portanto, uma investigação sobre a especificidade e a pertinência da melancolia ao campo das psicoses, tomando-se como base o texto freudiano e as contribuições subseqüentes de Lacan e seus leitores acerca desse tema clínico.

Para seguir esse percurso, esta dissertação será dividida em três capítulos: No Capítulo 1, faço uma breve incursão na discussão empreendida pela psiquiatria clássica, especialmente em Cotard e em Séglas, em torno dos pressupostos psiquiátricos que sustentaram a investigação sobre a psicose melancólica. Ver-se-á o quanto é importante a contribuição da psiquiatria clássica para a clínica da melancolia, sobretudo, por ter isolado o fenômeno de auto-acusação, o delírio de negação, a dor moral e o delírio de indignidade, próprios da melancolia. Investigo a obra de Freud em suas primeiras elaborações acerca da melancolia, ressaltando aquelas que constituem as idéias principais da dissertação aqui proposta, tanto do ponto de vista clínico quanto teórico.

No Capítulo 2, percorro o texto freudiano e a leitura que Lacan empreendeu, deles extraindo conceitos essenciais para a descrição da melancolia. Assim, procuro extrair na obra de Freud os conceitos com os quais ele buscou sustentar a descrição da melancolia. Dentre esses, destaca-se o fenômeno de “hemorragia de libido”, o mecanismo de auto-acusação, a problemática da identificação narcísica ao objeto perdido e a “pura cultura de pulsão de morte”. Ainda nesse capítulo, busco em Lacan e em outros autores as contribuições que permitem reler o texto freudiano, apontar alguns impasses e avançar na investigação, sobretudo no que concerne ao percurso traçado pela orientação lacaniana acerca do mecanismo próprio da melancolia.

Sabe-se da dedicação de Freud em buscar as origens das patologias psíquicas, bem como em separá-las em categorias distintas, sempre fazendo analogias, distinções e comparações entre as mesmas. A melancolia, ao longo de sua obra, é uma patologia que

merece ser mais investigada, pois algumas vezes Freud a colocou mais perto das neuroses, sobretudo da neurose obsessiva, quando compara o papel do conflito entre o eu e o supereu nesses dois quadros. Em outras, compara a melancolia com as psicoses, sobretudo em 1924, quando Freud denomina a melancolia como uma “psiconeurose narcisista”. Nesse sentido, rastreio o caminho que Freud fez, lendo-o também a partir de seus leitores, para reunir condições de localizar a devida estrutura a que a melancolia pertence. Além disso, busco abrir a discussão acerca das conseqüências para o sujeito, quando ele está identificado narcisicamente ao objeto perdido. No Capítulo 2, reúno material teórico-conceitual que me possibilita, no Capítulo 3, uma clara distinção entre a paranóia e a melancolia.

O Capítulo 3 extrai conseqüências dos dois primeiros. Nele, busco fundamentar os principais mecanismos presentes na psicose melancólica, aprofundando na problemática da identificação narcísica, fazendo um contraponto com o trabalho de luto. Meu intuito é delimitar a posição particular do sujeito melancólico diante do Outro, bem como os efeitos mortíferos da identificação narcísica para o melancólico.

Capítulo 1 – Hemorragia de libido

Por volta dos anos 1850, muitos estudos já haviam sido feitos pela psiquiatria no campo das perturbações mentais e, no entanto, a melancolia ainda era vista como uma perturbação mental inserida no delírio de perseguição, como uma das formas do delírio de perseguição. Se nesse está presente a megalomania, no entanto, quando um perseguido nega, é por desconfiança, por medo de ser tolo, por estar alienado em sua convicção delirante. Não se observa neles, distúrbios morais.

O médico francês, Ernest-Charles Lasègue, do grupo da Salpêtrière, em 1852, destacou de uma maneira inédita o delírio das perseguições das diversas formas de melancolia. A partir desses estudos é que Jules Cotard, psiquiatra que fazia parte do corpo clínico da Salpêtrière, prosseguiu investigando a afecção melancólica, encontrando, então, três tipos distintos de melancolia: a melancolia simples, a estuporosa e a ansiosa. Ao mesmo tempo em que analisou seus sintomas específicos, separou-a do delírio de perseguição e construiu um arcabouço conceitual que muito favoreceu não só o avanço dessa diferenciação, mas, sobretudo, abriu caminho para o devido recorte psiquiátrico dessa categoria clínica. Vale extrair desse campo conceitual, o desenvolvimento da expressão *hipocondria moral*, uma vez que ela obteve um lugar especial ao longo de suas investigações e daquelas realizadas por pesquisadores que vieram depois.

1.1 Do delírio de perseguição ao delírio de negação

Interessa enfatizar a relevância das investigações da psiquiatria clássica porque é nesse terreno que se descreveu o fenômeno de base da melancolia, a saber: o mecanismo de

auto-acusação. Tal mecanismo tem um lugar de destaque entre os mecanismos próprios da melancolia, desde a psiquiatria clássica, passando pela obra de Freud, de Lacan e de outros autores contemporâneos da psicanálise. Nesse sentido, Cotard é muito relevante para esta pesquisa, ao ter descrito o mecanismo de auto-acusação. Encontra sustentação para seus estudos, a seguinte citação do psiquiatra e neurologista alemão Wilhelm Griesinger: “Sob a influência do mal-estar moral profundo que constitui o distúrbio psíquico essencial da melancolia, o humor ganha um caráter absolutamente negativo” (Cotard, 1882). É, pois, por esse caminho, que Cotard edifica sua investigação acerca do delírio de negação melancólico. Ele busca inspiração, sobretudo, no fator isolado por Griesinger, que diz respeito ao humor negativo do melancólico. A partir daí, encontra razões para estabelecer a distinção entre o *delírio de perseguição* e o *delírio de negação*. Assim, ele designa o estado desses doentes como “delírio de negações”. Nesse quadro, a disposição negativa é levada ao mais alto grau, no qual o doente apresenta negação de tudo, opondo-se e resistindo a tudo.

Com a finalidade de continuar estabelecendo as diferenças entre o *delírio de perseguição* e o *delírio de negação*, Cotard percebeu a importância de distinguir um tipo de hipocondria do quadro geral das hipocondrias. Trata-se, pois, da *hipocondria moral*. O paciente com delírio de perseguição apresenta traços que vão desde a hipocondria inicial até a megalomania, ao passo que o paciente com delírio de negação apresenta uma profunda depressão, com ansiedade queixosa e um profundo distúrbio da sensibilidade moral. Na origem do delírio de negação está a melancolia com depressão ou estupor e a melancolia agitada ou ansiosa. Não escapou a Cotard um ponto de extrema importância: o delírio não se modifica, mesmo se a manifestação da melancolia se alternar ora em depressão, ora em agitação.

É importante observar que as várias características destacadas por ele, nessa afecção psíquica, estarão presentes nos estudos de Abraham e de Freud, mas é possível eleger um trecho de suas elaborações que corrobora o que foi dito acima:

Nestas formas predominam a ansiedade [...], os temores, os terrores imaginários, as idéias de culpa, de perdição e de danação; os doentes acusam a si mesmos, eles são incapazes, indignos, fazem a infelicidade e a vergonha de suas famílias, irão prendê-los, condená-los à morte; irão queimá-los ou cortá-los em pedaços.¹

Isso quer dizer que, diferentemente do *delírio de perseguição*, na melancolia com *delírio de negação*, os pacientes *acusam a si mesmos*, e com isso, eles próprios são seus perseguidores. A singularidade das descrições de Cotard sobre os sintomas melancólicos desses pacientes consiste na delimitação e na extração do traço principal do delírio de negação: o fenômeno de auto-acusação. Conseqüentemente, a distinção entre o delírio de perseguição e o delírio de negação é a manifestação, nesse último, do fator da auto-acusação. É claro que no delírio de perseguição também está presente o fenômeno da acusação, mas ele se apresenta de maneira diferente; nesse caso, a acusação é feita ao Outro.

A partir do que foi desenvolvido até agora, percebemos que o fenômeno da acusação desempenha um papel fundamental na estruturação do delírio de negação. Como se constatará mais adiante, esse fenômeno servirá de guia ao estudarmos outros autores, não só Freud e Abraham, como também Lacan e seus leitores.

Além desse ponto, é importante ressaltar na melancolia o que o saber psiquiátrico isolou como sendo a predisposição mórbida profunda, que é acompanhada de alteração da sensibilidade com a presença da anestesia. Esse fator da anestesia relacionada à melancolia

¹ COTARD. Texto originalmente publicado em Archives de neurologie.

será tema observado também pelo contemporâneo de Cotard, Jules Séglas, que irá desenvolver com mais profundidade esse assunto, e por Freud, como se verá em seus primeiros rascunhos.

Com o intuito de construir o caminho por onde evolui o delírio do melancólico que apresenta auto-acusação até chegar ao delírio das negações, Cotard introduz então, a expressão “hipocondria moral”.² Até então, já havia sido feita a oposição entre as duas manifestações da hipocondria: a *hipocondria ordinária* e a *hipocondria moral*. Partindo, então, da *hipocondria moral* é que Cotard pretende fundamentar sua exposição a respeito da evolução do delírio das negações. Nessas condições, o doente que se encontra sob esse domínio não acredita naquilo que o outro afirma de positivo a seu respeito, nem nas manifestações de afeto que lhe são dirigidas. A evolução do delírio melancólico se dá desta maneira:

Os melancólicos ditos sem delírio são atingidos por um delírio triste, tendo como objeto o estado de suas faculdades morais e intelectuais, e já apresentando uma forma negativa evidente. Eles têm vergonha ou mesmo horror de sua própria pessoa e se desesperam pensando que não poderão jamais reencontrar suas faculdades perdidas. Eles lamentam sua inteligência esvaecida, seus sentimentos apagados, sua energia desaparecida. [...] Afirmam que não têm mais coração, afeição por seus parentes e seus amigos, nem mesmo por seus filhos.³

Algumas vezes essas manifestações são acompanhadas por idéias de ruína, que se parecem com um delírio negativo, conforme descrito acima. Tornam-se empobrecidos e se apresentam assim para as pessoas que lhe são próximas. Merece destaque o modo pelo qual Cotard se refere ao delírio de negação, opondo-lhe o delírio de perseguição, favorecendo à delimitação do campo conceitual: “Isso é o avesso dos delírios de grandeza em que os

² Essa expressão não é dele, foi tomada de empréstimo aos estudos desenvolvidos pelo psiquiatra francês, Dr. J. Falret.

³ COTARD. Texto originalmente publicado em Archives de neurologie.

doentes se atribuem não só imensas riquezas, como também todos os talentos e todas as capacidades.”⁴

Nesse sentido a hipocondria moral se opõe à hipocondria ordinária e, mais uma vez, o psiquiatra francês faz uma contraposição entre a melancolia e a paranóia: “A hipocondria é para o delírio de ruína, de culpa, de perdição e de negação, aquilo que a hipocondria ordinária é para o delírio das perseguições.”⁵ Uma das primeiras negações que se manifesta precocemente no melancólico é a da possibilidade de se curar. Essa negação irá culminar num quadro de negação do mundo exterior e de sua própria existência. Em um grau mais elevado do delírio de negação, quando o delírio de negação já se encontra constituído, ele tem como objeto a própria personalidade do doente ou o mundo exterior. No caso de serem eles mesmos o objeto, o doente apresenta uma característica bem peculiar, que foi isolada por Baillarger⁶ ao estudar os paralíticos. Nesses casos, os doentes apresentam-se sem estômago, sem cérebro e sem cabeça e ainda se recusam a comer e não conseguem mais digerir. Frequentemente retêm suas fezes. Podem se apresentar também com a idéia de que nunca irão morrer. Para Cotard isto se deve ao fato de que, na fase de estupor, os doentes imaginam antes de tudo que estão mortos. O fato de acreditarem que não têm estômago traz uma conseqüência ainda maior: uma recusa à alimentação. Ao passo que, no delírio de perseguição, a recusa de alimentos aparece quando a idéia delirante diz respeito ao fato de acreditarem que alguém possa envenená-los.

Se na hipocondria dos melancólicos há uma prevalência da humildade, da pobreza e da ausência absoluta de valor, na hipocondria dos perseguidos prevalece uma boa imagem

⁴ COTARD.

⁵ *Idem.*

⁶ Jules-Gabriel Baillarger foi aluno de Esquirol.

de si, com preservação da organização. Nesses, há uma responsabilização do mundo exterior por seus males. Muitas vezes acusam seu médico e chegam ao delírio de perseguição confirmado. Assim, no perseguido, as influências nocivas convergem de *fora para dentro* de sua pessoa, ao passo que no melancólico a influência nociva parte de *dentro dele para o mundo externo*.

Cotard é incisivo em sua investigação, e os elementos que reuniu até aqui parecem recortar bem as distinções entre uma afecção e a outra, caracterizando com clareza o delírio de negação em relação ao delírio de perseguição. No entanto ele vai nos indicar que, nos casos mais graves da melancolia com delírio de negação, costuma-se detectar a presença de alucinações, “onde os doentes crêem-se envolvidos por chamas [...] e escutam vozes que lhe reprovam seus crimes; a eles lêem sua sentença de morte ou repetem que estão danados”.⁷

Vale ressaltar que na alucinação dos perseguidos os pacientes chegam a dialogar, respondendo a seus interlocutores imaginários. Nos melancólicos, diferente disso, quando existe alucinação, não se observa o diálogo.

Um fator grave que predomina na melancolia com idéia de danação é o *suicídio*. Embora nesses quadros os pacientes acreditem já estarem mortos, eles não deixam de se destruir: “Uns querem queimar-se, sendo o fogo a única solução; outros querem ser cortados em pedaços e buscam por todos os meios possíveis satisfazer essa necessidade mórbida de mutilações, de destruição, de aniquilamento total.”⁸

Por isso é que, na clínica da melancolia, o ato de mutilar-se, auto-agredir-se e suicidar-se é característica central, mesmo na ausência de fenômenos típicos da psicose, tais

⁷ COTARD.

⁸ COTARD.

como o delírio. Mais adiante, à luz do texto de Freud, ver-se-á como ele desenvolveu e esclareceu tal situação. Tais fenômenos são pontos ápices neste estudo, pois irão elucidar, dentro do objetivo aqui proposto, a questão da melancolia em relação à estrutura à qual ela pertence.

Para os propósitos de cura, Cotard observa que ela é de prognóstico *deplorável*, embora se refira ao fato de que, com o tratamento, os fenômenos possam diminuir. Mas as idéias delirantes e as negações persistem no mesmo grau. Considera uma certa melhora o fato de que o doente passe a apresentar um quadro de *loucura circular* ou quadros de *acesso* ou *intermitentes*. Essa idéia de loucura circular será esclarecida mais adiante, com as investigações de Abraham.

A importância de Cotard para nossa pesquisa se situa no modo em que formulou o delírio das negações como avesso do delírio de perseguição. Esse avanço no estudo da melancolia influenciou pesquisas posteriores realizadas sob a luz da psicanálise. Nesse campo, destaca-se o psiquiatra francês Jules Séglas que, partindo desses estudos, faz avançar a investigação da melancolia, ao extrair da *hipocondria moral* de Falret, um dos principais fenômenos na base desta afecção, que é a *dor moral*. Iremos ver o quanto suas idéias são relevantes, sobretudo para Lacan, que buscou a expressão *dor de existir*, derivando-a da *dor moral* de Séglas.

1.2 A dor moral e o delírio de indignidade

Em 1894, Jules Séglas, psiquiatra que fazia parte da Salpêtrière, destacou-se ao descrever o quadro melancólico em suas lições clínicas, nas quais apresentou os fenômenos

elementares dessa patologia.⁹ Entre os fenômenos, todos da maior relevância, encontram-se dois fatores essenciais: a dor moral e o delírio de indignidade. A anotação desse último vem elucidar que, embora ruidoso e sem se dirigir agressivamente ao outro, a sua manifestação constitui fator decisivo na clínica, no que diz respeito à elucidação do diagnóstico. Tais fenômenos constituem o quadro da melancolia simples sem delírio, também designada como *melancolia com consciência* ou *hipocondria moral*. São eles: A dor moral, os distúrbios cenestésicos e os distúrbios intelectuais, sendo esses últimos também designados de *parada psíquica*.

Observa-se que a dor moral é própria da melancolia e já havia sido recortada há séculos, como principal elemento da melancolia.

Quanto aos distúrbios físicos da melancolia, esses são muito variados e Séglas os descreve como: dores sem muita localização, fadiga intensa, palpitações, perda do apetite, constipação, insônia e sonolência. Além desses, existem os distúrbios psíquicos que acompanham os físicos. Esses são denominados de *depressão psíquica*. Trata-se então de abulia ou apatia, falta de resolução, lentidão dos movimentos, monotonia da fala, falta de cuidados corporais.

Embora outros autores acreditem que é a *dor moral* que causa a *parada psíquica*, Séglas é categórico ao afirmar que a *dor moral* é secundária, ou seja, que ela resulta da derivação da consciência das modificações advindas no exercício das faculdades intelectuais.

A cenestesia presente na melancolia é descrita como sendo o sentimento de inexistência do corpo. Nesse aspecto, os distúrbios que sobrevêm em decorrência do início

⁹ Trata-se das lições 10 (De la mélancolie sans délire) e 11 (Le délire dans la mélancolie).

da melancolia atingem as funções orgânicas e culminam em numerosas sensações novas que podem modificar o complexo cenestésico habitual. Séglas localiza o modo em que tais distúrbios se apresentam:

As imagens interiores não são mais adequadas às suas excitações normais; e as sensações, mesmo regularmente transmitidas, não chegam à consciência, senão como um tanto de impressões alarmantes por sua estranheza.¹⁰

Essa descrição permite compreender o distúrbio da melancolia e pode-se associar ao modo em que Freud descreverá o processo da melancolia como sendo “barrado” em relação ao trabalho interno entre as instâncias psíquicas, por ocasião de uma grande perda. Veremos em “Luto e melancolia”, a aproximação entre a melancolia e a esquizofrenia.

O processo descrito por Séglas para falar da dor moral se origina do estado cenestésico penoso e do distúrbio do exercício intelectual. Na verdade, a dor moral pode ser resumida em um sentimento de impotência, que se traduz por uma “depressão dolorosa.” Nessas condições o melancólico se apresenta com expressões bem particulares em suas atitudes, na sua fisionomia e na mímica, que expressam a sua dor e “traduzem toda a gama das paixões tristes, desde o abatimento e o tédio até a angústia, o terror ou o estupor”.¹¹ Tudo isso provoca no melancólico um estado de anestesia e desestesia psíquica:

O melancólico fica insensível às excitações normais, o que faz com que ele se isole cada vez mais do mundo exterior, fechando-se sobre si mesmo. Ele não participa mais do que se passa ao redor dele, tudo lhe parece penoso. [...] Ele vê tudo negro.¹²

Segundo Séglas, Griesinger já afirmara que o humor do melancólico é negativo. E, de uma forma bem ampla vimos em que e como isso se desdobra no delírio das negações,

¹⁰ SÉGLAS. Dixième leçon: De la mélancolie sans délire, p. 287.

¹¹ *Ibidem*, p. 290.

¹² *Ibidem*, p. 287.

em Cotard. Mas para Ségla, esses são sintomas da melancolia simples, que é designada assim por ser sem delírio ou com consciência. Caso o delírio se desenvolva, “ele é uma tentativa de explicação dos fenômenos dolorosos primitivos”.¹³ Nesse sentido, o delírio é um sintoma secundário na melancolia. Mais adiante iremos tirar conseqüências dessa situação, seguindo essa afirmação de Ségla, quando aprofundaremos na questão dos fenômenos elementares da melancolia, à luz da psicanálise.

Vale destacar o modo como o autor descreve o suicídio melancólico, dizendo que as tentativas, às vezes fracassadas, de se matar, são justificadas pelo fato de que, ao melancólico, falta energia suficiente para despendar tal ação:

Sem dúvida, a maioria dos melancólicos ruma durante muito tempo seus projetos de suicídio, inventando todas as espécies de planos [...] mas na realidade, somente escondem uma falta absoluta de decisão e de iniciativa, inerente à sua condição mesma de melancólicos [...] eles são incapazes de deslocar energia necessária e fazer um esforço sério para se matar [...] Esta falta de energia nos explica por que, a maioria das vezes, suas tentativas são ridículas ou inacabadas [...] mas elas podem acontecer de repente, sob o golpe de um ataque ansioso, de terror panofóbico, pelo fato de uma impulsão súbita.¹⁴

Baseando-se nessa questão do suicídio, Ségla tem razão. A clínica da melancolia nos ensina que é muito raro o melancólico se matar quando está gravemente deprimido. O que se vê é que é preciso coragem para se matar, é preciso despendar uma grande quantidade de força para realizar tal ato. É preciso, e veremos isso em Freud, um eu mais decidido a impulsionar a ação.

Quanto à melancolia delirante, ela é descrita por Ségla sob variadas formas, cuja característica principal é a humildade e a auto-acusação. Vale lembrar que Cotard já

¹³ SÉGLAS. Dixième leçon: De la mélancolie sans délire, p. 290.

¹⁴ *Ibidem*, p. 295.

assinalara que a auto-acusação está na base do delírio de negações. A descrição de Cotard é bem parecida com a de Séglas:

Idéias de ruína, de humilhação, de incapacidade, de auto-acusação, de culpabilidade para com a sociedade, para com Deus, idéias de danação, de perseguição, medo do castigo, de tormentos, do inferno, e, às vezes, idéias mais especiais de negação e de imortalidade.¹⁵

Mas, como já foi dito, o delírio do melancólico é uma formação secundária, onde, em sua origem principal, estão os fenômenos descritos por Séglas como sendo manifestações da dor moral, que é um dos elementos fundamentais da melancolia. O fenômeno da “parada psíquica” guarda relação com os distúrbios das idéias sobre si mesmo. Como Séglas disse, “as imagens interiores não são mais adequadas”, e o que chega à consciência são “impressões alarmantes por sua estranheza”.

Quanto à auto-acusação e à humildade, Séglas assinala que não são suficientes para o diagnóstico da melancolia, pois estão também presentes em outras manifestações patológicas. Mas, em se tratando da melancolia, elas estão sempre presentes, como fundamentais, integradas na constituição da justificativa delirante.

É, pois, a dor moral, com todos os seus sintomas psíquicos, a causa do delírio na melancolia. Esse se apresenta com um círculo de lamentações bem monótono e uma fixação em relação à parada psíquica. Nesse aspecto, Séglas já assinala uma distinção com o delírio paranóico: “É bem diferente da sistematização progressiva de outras certezas delirantes.”¹⁶

A indignidade presente no melancólico se manifesta através da descrição de suas idéias sobre si mesmo, presentes pelo sentimento de incapacidade, onde o paciente se sente

¹⁵ SÉGLAS. Onzième leçon: Le délire dans la mélancolie, p. 297.

¹⁶ SÉGLAS. Onzième leçon: Le délire dans la mélancolie, p. 297.

indigno de conviver com outras pessoas e merecedor de todo o mal que o aflige. A descrição do melancólico feita por Séglas merece ser apresentada:

Ele se acredita culpado, indigno de comunicar com seus semelhantes; ele não passa de um animal, uma besta; em suma, uma porcaria. Ele não serve para nada na Terra; melhor seria se estivesse morto.¹⁷

Um dos aspectos relevantes na investigação de Séglas é, além de ter descrito a “dor moral” na melancolia, ter buscado subsídios em seus contemporâneos, tanto em Cotard, quanto em Guislan e Falret, para estabelecer a distinção entre o melancólico e o perseguido: “O melancólico não acusa os outros, ele acusa a si mesmo.” O delírio do melancólico tem então uma forma centrífuga, onde ele é o centro do mal e do crime, pois nele vê-se que se inicia na própria pessoa e passa a envolver parentes, amigos e até toda a humanidade. Nessa forma centrífuga, marcado pela humildade, o sujeito acredita ser nocivo ao Outro. Ao passo que, nos perseguidos, as características são diferentes, pois eles acusam os outros, sendo então o seu delírio marcado pela característica centrípeta, na qual o sujeito, orgulhoso, afirma que o Outro é que é nocivo. Além disso, o melancólico é um humilde, ao passo que o verdadeiro perseguido é um orgulhoso. No primeiro, destaca-se um “delírio de espera” acompanhado por um medo de uma infelicidade lhe chegar por ter provocado algo ruim a alguém: “alguém vai matá-lo, ele será maldito, sua família será arruinada”.¹⁸

O delírio de indignidade mostra a posição indigna, de humilhação que o paciente se refere em suas relações pessoais. Isto se manifesta a partir do modo em que o paciente se apresenta. Seu andar é tímido, embotado. Sua voz é sempre baixa. Uma característica que

¹⁷ SÉGLAS. Onzième leçon: Le délire dans la mélancolie, p. 302-303.

¹⁸ *Idem.*

Séglas destaca é a recusa do paciente em cumprimentar o outro. Isso se justifica da seguinte forma:

[...] porque ele não é digno de receber as expressões de estima que lhe dirigimos, que não vale a pena que se ocupe dele. Ele recusa a se assentar no lugar que lhe oferecemos; ou se o deixamos livre, ele escolhe o assento que lhe pareça o menos confortável [...] Se ele recusa os alimentos é porque ele não pode pagá-los e porque ele descobre que eles são muito suculentos para ele. Se ele trabalha, ele se constrange às tarefas as mais repugnantes.¹⁹

O delírio do melancólico se refere a esse lugar do sujeito de dejetos, de negação de si e do mundo, e é causado pela nocividade que ele representa para os outros, ou seja, o delírio do melancólico, monotemático e empobrecido, justifica e desvela seu *status* abjeto. As idéias delirantes do melancólico são acompanhadas de passividade e de resignação. Muitas vezes essa resignação aparece para o doente portando um sentimento de aniquilação por estar submetido a um poder tão invencível, que o faz se sentir incapaz de lutar. Séglas assinala que “se eles sofrem é porque mereceram devido as suas faltas, é apenas justiça.”²⁰ Tal resignação pode levar o paciente a produzir, inclusive, uma expectativa delirante de punição. Em uma de suas pacientes, Séglas observou que ela se sentia num tribunal, pronta para se dirigir para o palanque de execução. Percebe-se o quanto o delírio de indignidade traz conseqüências e abarca em grande escala o modo como o melancólico convive com as pessoas à sua volta, reiterando sua posição passiva, humilde, inferior e resignado em relação aos outros.

Nessa via é que Lasègue, que já descrevera o delírio de perseguição, o distingue do delírio do melancólico: “O melancólico é um *indiciado (prévenu)*, e o perseguido é um

¹⁹ SÉGLAS. Onzième leçon: Le délire dans la mélancolie, p. 303.

²⁰ *Ibidem*, p. 304.

condenado (condamné).”²¹ Ser indiciado significa ficar numa posi o de espera da sentença, ou seja, da puni o e do castigo.   isso que caracteriza a expectativa delirante de puni o que Freud descrever  em “Luto e melancolia”. Quanto ao paranóico, esse já recebeu a condena o de morte dada pelo Outro e passa a se sentir perseguido.

Se Cotard descreveu o delírio de nega es no qual o sujeito não tem nome, não tem idade, não nasceu, não tem nem pai nem mãe, e, em alguns, eles próprios não existem e não estão vivos, para S glas, a dor moral apresenta todo um comprometimento para o melancólico, em que temos a descri o da “parada psíquica” como efeito da dor moral. As idéias dos dois convergem para um mesmo plano, tanto do ponto de vista clínico, quanto do ponto de vista conceitual. Iremos ver o quanto Freud se utilizar  desses conceitos ao descrever a melancolia ao longo de sua obra.

  ao que passaremos a seguir, a uma incursão na obra de Freud, partindo de seus primeiros escritos sobre a investiga o acerca da melancolia.

1.3 A ferida psíquica e as modifica es no eu

Os primeiros artigos escritos foram denominados de “rascunhos” por Freud. Esses formam o pilar de sustenta o de seus estudos desenvolvidos posteriormente. Trata-se de um momento em que descobrir as causas das patologias psíquicas apontava para a questão do desenvolvimento sexual como uma pista fundamental na origem dessas afec es. Seus estudos e a interlocu o com outros psicanalistas possibilitaram que avançasse nessa dire o.

Em 1893, Freud já faz uma analogia entre a depressão per dica e a melancolia, partindo de sua investiga o acerca da vida sexual. Refere-se a um *esgotamento sexual*

²¹ S GLAS. Onzi me leçon: Le délire dans la mélancolie, p. 308.

como índice das afecções. Assim, ao comparar a depressão periódica com a melancolia, ele diz:

[...] essa forma de depressão, em contraste com a melancolia propriamente dita, quase sempre tem uma conexão aparentemente racional com um trauma psíquico. Este, no entanto, é apenas a causa precipitante. Ademais, essa depressão periódica não é acompanhada por anestesia (sexual) psíquica, que é característica da melancolia.²²

O aspecto relevante para fazer a distinção é indicado como sendo a anestesia.

Já no ano seguinte, em seu “Rascunho E”, Freud indagava sobre a origem da angústia. Nesse momento, sua atenção se desdobrava para a estreita relação da etiologia da angústia com a vida sexual de seus pacientes. Ele chega à conclusão de que a abstinência é comum neles, e, nesses casos, o que ocorre é uma acumulação de tensão sexual física, pelo fato de se ter evitado a descarga. A expressão aí utilizada se destaca: a angústia é uma *neurose de represamento*, daí a sua semelhança com a histeria. Contudo, a angústia somente se define a partir da tensão sexual acumulada. A partir disso, Freud dá mais um passo importante, ao relacionar a angústia com a melancolia, com a seguinte proposição:

[...] com freqüência muito especial, verifica-se que os melancólicos são anestéticos. Não têm necessidade de relação sexual (e não têm a sensação correlata). Mas têm um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica — uma tensão erótica psíquica, poder-se-ia dizer. Nos casos em que esta se acumula e permanece insatisfeita, desenvolve-se a melancolia. Aqui, pois, poderíamos ter a contrapartida da neurose de angústia. Onde se acumula tensão sexual física — neurose de angústia. Onde se acumula tensão sexual psíquica — melancolia.²³

Convém lembrar a relação que Freud faz acerca da anestesia na vida sexual dos melancólicos. Esse aspecto será a base para sua posterior elaboração no seu “Rascunho G”,

²² FREUD. Rascunho B, v. 1, p. 205.

²³ FREUD. Rascunho E, p. 213-214.

acerca da libido e do processo que ocorre com a mesma, nesse primeiro momento de suas elaborações sobre o mecanismo na melancolia.

Ressalta-se o modo como Freud descreveu, acima, a necessidade de amor do melancólico, ao dizer que “os melancólicos têm um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica — uma tensão erótica psíquica, poder-se-ia dizer [...]”²⁴

No “Rascunho F”, Freud reuniu quatro casos clínicos, nos quais buscava verificar de que tipo de neurose se tratava. Em todos os casos, verifica-se que o ponto central gira em torno de uma complicação na vida sexual. Destacarei dois desses casos.

O primeiro caso é de um homem, Herr K, de 27 anos. Freud estuda a hereditariedade e observa que o pai desse homem está em tratamento por melancolia senil, e disso resulta que o diagnóstico do paciente está inteiramente ligado ao do pai, ou seja, uma neurose de angústia por disposição hereditária, na qual o paciente apresenta um estado de enfraquecimento da sexualidade. Freud diz que a libido desse homem vinha diminuindo há algum tempo e, geralmente após o coito, sentia-se enfraquecido. Dessa forma, observou também, no caso, um *declínio da libido*. Tal expressão, juntamente com a que se segue, pode já indicar a máxima que o autor desenvolverá no “Rascunho G”. A expressão utilizada ainda no “Rascunho F” é a seguinte: *há uma debilidade no domínio psíquico da excitação sexual somática*.²⁵ Além disso, Freud observou que há, no caso desse paciente, a presença de “um estado de espírito tipicamente melancólico em ataques de curta duração”.²⁶

O segundo caso analisado é o de um homem, Herr Von F, 44 anos, cuja queixa é de que “está perdendo sua vivacidade e o prazer de viver, de uma forma que não é natural num

²⁴ FREUD. Rascunho E, p. 213-214.

²⁵ *Ibidem*, p. 219.

²⁶ *Idem*.

homem de sua idade.”²⁷ Além disso, tudo ao seu redor lhe parece indiferente, e considera seu trabalho uma carga pesada, sentindo-se mal-humorado e debilitado. Esse caso, cujos sintomas são apatia, inibição, pressão intracraniana, dispepsia e insônia, Freud classificou como sendo característico de uma “depressão periódica”, “melancolia”. Ao analisar esse caso, ele observa que o mesmo se assemelha com a neurastenia, cuja etiologia, segundo pensa, é a mesma. Assim, irá concluir que se trata de um caso de melancolia neurastênica.

Observamos que, nesses rascunhos, vários termos são utilizados para se referir à melancolia, por exemplo, depressão. Isso se justifica pelo fato de que, na ocasião em que estabelecia sua primeira nosologia, que se passa entre 1894 e 1899, Freud ainda estava muito influenciado pela psiquiatria da época. Dessa forma, a noção ali empregada para se referir à neurose ou à psicose não é a mesma que utilizará no último desenvolvimento nosológico, a partir de 1924, embora ele conserve o mesmo princípio ordenador, ou seja, a oposição entre neuroses e neuropsicoses, desde esse primeiro momento.

Vale destacar o quanto Freud relacionava, nessa ocasião, a melancolia com o desfalecimento da libido sexual, o que o leva a acrescentar novos elementos sobre a etiologia da melancolia no ano seguinte, em seu “Rascunho G”. Nesse texto, Freud descreve a especificidade da melancolia, bem como as características e correlações possíveis com outras patologias, tais como a neurose de angústia, a neurastenia e a anestesia sexual. É o primeiro estudo mais aprofundado que o autor fez sobre o tema.

Na ocasião em que escreveu o artigo, em 1895, Freud estava às voltas com as mais recentes descobertas que fizera acerca da dinâmica das excitações sexuais e seus efeitos na predisposição às neuroses. Nesse contexto, nos apresenta, passo a passo, seu

²⁷ FREUD. Rascunho F, p. 219-220.

desenvolvimento conceitual acerca do que vem a ser a melancolia. Os aspectos propostos mostram a dedicação com que Freud desenvolveu sua pesquisa, relacionando-a com o saber psiquiátrico estabelecido na ocasião. Ressaltamos, nas diversas correlações acima apresentadas, a relação que é feita entre a melancolia e a angústia intensa.

O conteúdo desse rascunho, embora ainda esteja baseado numa concepção fisiológica da sexualidade, contém idéias e concepções que serão a sustentação para os seus estudos posteriores, particularmente em “Luto e melancolia”, de 1915, e “O eu e o isso”, de 1923. Em 1895, a principal idéia formulada é marcada pela expressão de que, na melancolia, há uma hemorragia de libido. Nessa ocasião, libido não significa excitação sexual.²⁸

Além dessa idéia, Freud irá anunciar uma analogia entre o luto e a melancolia, para apresentar as formulações originais sobre as características da última. Ao lado do fator da anestesia sexual, acredita-se, nessa ocasião, que a masturbação também é um fator que está na base da melancolia. Não menos importante, está presente a idéia de que a melancolia pode ser desenvolvida a partir de uma intensificação da neurastenia e numa combinação com uma intensa angústia. Por fim, estabelece como sendo típico da melancolia grave a forma hereditária periódica ou cíclica.

Desde o “Rascunho G”, em 1895, os avanços em direção à pesquisa acerca da melancolia são visíveis. Merece destaque a maneira pela qual Freud já lança mão de uma hipótese que deverá ser desenvolvida em 1915. Os termos em que expressa sua nova idéia são: “O afeto correspondente à melancolia é o do luto — ou seja, o desejo de recuperar algo

²⁸ Mazzuca nos alerta para o fato de que esses termos se opõem: “excitação sexual está reservado para o processo somático, corporal, um processo fisiológico, e libido é usado para a sexualidade em termos psíquicos, como prazer psíquico”. Cf. Mazzuca, 2004, p. 79-80.

que foi perdido.”²⁹ Esclarece, ainda, que na melancolia trata-se de uma perda na vida pulsional, isto é, a idéia é a de que, na melancolia, *o luto é pela perda da libido*.

Considera-se que, com essa hipótese, a investigação acerca da melancolia aponta para novas direções. No momento em que Freud relaciona a melancolia ao luto afirma que o afeto entre eles é o mesmo. Ou seja, em ambas as afecções, o luto é pelo desejo de recuperar algo que foi perdido. Parece bem nítida a distinção que Freud já faz, nesse artigo, entre o luto e a melancolia, embora ele só irá desenvolver e estabelecer tais diferenças em 1915.

Freud analisa a anorexia nervosa das moças jovens e afirma aqui que a neurose nutricional paralela à melancolia é a anorexia. Para ele, a anorexia é uma melancolia em que a sexualidade não se desenvolveu. Daí resulta que, se na anorexia temos a perda do apetite, em termos sexuais haveria perda da libido. Portanto, a conclusão é que “a melancolia consiste em luto por perda da libido”.³⁰ Tal idéia, bem como as vicissitudes da libido na melancolia, é fundamental para a pesquisa aqui proposta.

Em função de seu interesse nas pesquisas do desenvolvimento sexual e sua relação com a libido na etiologia das afecções psíquicas, Freud foi minucioso ao descrever o modo como a libido circula no corpo e sua relação com os processos e os tipos de melancolia. Vale destacar que o fator preponderante tanto na melancolia grave como na comum é uma perda na quantidade de excitação que advém do psíquico.

Freud se volta para a questão do papel da anestesia na melancolia e indaga: “Em que grau, pois, a anestesia favorece a melancolia?”³¹ Ao lançar essa pergunta, nos dá pistas para

²⁹ FREUD. Rascunho G, p. 222.

³⁰ *Ibidem*, p. 223.

³¹ *Ibidem*, p. 225.

adentrarmos em nossa pesquisa. Como vimos, ele já havia mencionado esse aspecto da anestesia sexual na melancolia. Agora, ressalta-se a estreita relação de que, na melancolia, a *perda da libido* indica uma perda sexual.

Quando descreve os tipos de anestesia e responde à questão acima, Freud afirma que é possível uma pessoa sofrer de anestesia sem ser melancólica. Mas, sua conclusão é a de que a anestesia é um sinal ou um pródromo da melancolia.

Recordar-se-á que, no “Rascunho E”, ele fez uma distinção importante e mais clara: que os melancólicos são anestésicos, pois não têm necessidade de relação sexual e não têm a sensação correlata, mas têm um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica.

Pode-se concluir, diante disso, que, na melancolia, a anestesia tem relação com o fator psíquico, conforme Séglas já havia descrito. Assim, vale destacar a idéia central aqui formulada: “Assim, enquanto os indivíduos potentes adquirem facilmente neuroses de angústia, os impotentes tendem à melancolia.”³²

Embora Freud tenha apresentado passo a passo as novas concepções, resultado de suas investigações sobre a melancolia, destacarei a última parte desse artigo, na qual ele faz a relação da melancolia com a hemorragia de libido.

A pergunta que é lançada, logo de início, é a seguinte: “Como se explica os efeitos da melancolia?”³³ Segundo Freud, os efeitos da melancolia são: inibição psíquica, com empobrecimento pulsional e o respectivo sofrimento. Importante destacar a forma com que descreve o modo como os efeitos ocorrem, sob o ponto de vista psíquico:

Quando o grupo sexual psíquico se defronta com uma grande perda da quantidade de sua excitação, pode acontecer uma retração para dentro na

³² FREUD. Rascunho G, p. 226.

³³ FREUD. Rascunho G, p. 226.

esfera psíquica, que produz um efeito de sucção sobre as quantidades de excitação contíguas.³⁴

Com isso posto, Freud analisa que a conseqüência desse processo é que os neurônios envolvidos se desfazem de sua excitação e isso acarreta uma produção de sofrimento. A finalização desse processo irá desencadear, na esfera psíquica, a instalação de um empobrecimento da excitação, ou seja, uma *hemorragia interna*. Assim, tal acontecimento de *hemorragia interna* se estende também às outras pulsões e funções, entre elas a atividade nutricional e sexual.

Pode-se dizer que, quando o grupo sexual psíquico retrair para dentro da esfera psíquica, isto produzirá um empobrecimento da excitação que se caracteriza por uma *hemorragia interna*. Essa retração para dentro atua, então, “de uma forma inibidora, como uma ferida, num modo análogo ao da dor”.³⁵

Com isso, o autor elucida que a dor característica da melancolia é decorrente da retração da excitação, com conseqüente empobrecimento da excitação. Ou seja, a dor é efeito de uma *hemorragia interna*, representada por uma ferida. Podemos dizer, então, que o modo com o qual Freud caracteriza a dor na melancolia é pela expressão “uma ferida psíquica”. Em *Séglas*, a dor moral, típica da melancolia, é representada pela *parada psíquica*. Observa-se uma relação bem estreita nessas duas expressões. Não seria a *parada psíquica* um acontecimento decorrente da ferida psíquica, por onde escoo toda a libido? Deixaremos essa questão em suspenso para, à luz de “Luto e melancolia” e outros textos, buscarmos a resposta.

³⁴ FREUD. Rascunho G, p. 226-227.

³⁵ *Ibidem*, p. 227.

Uma nova tentativa é feita, para aproximar a neurastenia da melancolia, pelo fator do empobrecimento, que é muito semelhante:

[...] porque é como se, digamos, a excitação escapasse através de um buraco. Mas, nesse caso [a neurastenia], o que escapa pelo buraco, é a excitação sexual somática; na melancolia, o buraco é na esfera psíquica. Contudo, o empobrecimento neurastênico pode estender-se à esfera psíquica. E, realmente, as manifestações são tão parecidas que alguns casos só podem ser diferenciados com dificuldade.³⁶

Aqui surge a expressão especial, que, com certeza, lançará luzes posteriormente, nas investigações de Freud acerca do funcionamento da libido nas estruturas da psicose e da neurose. O empobrecimento da excitação é chamado, então, de *hemorragia interna*. Uma hemorragia no nível orgânico é algo que pode tirar a vida de uma pessoa; uma hemorragia no nível psíquico é, também, algo que pode levar à morte — psíquica e, até mesmo, orgânica. O que me permite afirmar que o escoamento da libido, na melancolia, marcado pela expressão *hemorragia interna*, indica uma distinção feita por Freud, no estudo dos transtornos afetivos, entre o luto e a melancolia. Ao usar a expressão *hemorragia interna*, o autor já faz tal distinção: na melancolia, há uma *ferida na esfera psíquica*.

Se a investigação freudiana se orienta pela clínica, com a finalidade de isolar o mecanismo particular de cada afecção, nossa pesquisa vai caminhar nessa direção. Para isso, vamos ver o modo como relacionou, em sua obra, a neurose obsessiva à melancolia e à paranóia.

Vale destacar um caso clínico, diagnosticado como uma psicose cujo eu é esmagado — uma *Überwätigungpsychose* — com a presença maciça do fenômeno de auto-acusação:

³⁶ FREUD. Rascunho G, p. 228.

Uma jovem sofria de auto-acusações obsessivas. Se lia alguma coisa nos jornais sobre falsificadores de moedas, ocorria-lhe o pensamento de que também ela tinha produzido dinheiro falso; se uma pessoa desconhecida cometia um assassinato, perguntava-se ansiosamente se não fora ela quem tinha realizado tal façanha. Ao mesmo tempo estava perfeitamente cônica do disparate dessas acusações obsessivas. Por algum tempo, esse sentimento de culpa adquiriu tal ascendência sobre ela que suas capacidades críticas ficaram reprimidas e ela se acusava junto a seus pais e a seu médico de ter realmente cometido todos esses crimes.³⁷

Nesse caso clínico Freud indica que a psicose da paciente se desenvolveu a partir da auto-acusação obsessiva. Ainda nesse artigo Freud descreve o mecanismo de defesa na psicose:

Aqui o eu rejeita a idéia incompatível juntamente com seu afeto e comporta-se como se a idéia jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que o tenha conseguido, o sujeito encontra-se numa psicose, que só pode ser qualificada como confusão alucinatória.³⁸

Vê-se que nessa época Freud acreditava que uma patologia podia evoluir para outra, por exemplo, a psicose alucinatória é uma neurose em que o mecanismo de defesa é mais enérgico. Em função disso, em 1895, no “Rascunho H”, aborda a questão da paranóia, especificamente no que diz respeito à peculiaridade de defesa.

Tomando como base o caso clínico de uma jovem que desenvolveu delírio depois de ter tocado o pênis de um homem, o autor considera que, em seguida a esse episódio, ela adoece, passa a ficar com receio de ser uma mulher depravada e começa, então, a ouvir essa mesma censura vinda de fora:

O julgamento a respeito dela fora transposto para fora: as pessoas estavam dizendo aquilo que, de outro modo, ela diria a si mesma. Havia então uma vantagem nisso. Ela teria sido obrigada a aceitar o julgamento proveniente de dentro; já o que vinha do exterior podia rejeitar. Dessa forma, o julgamento, a censura, era mantido afastado do seu eu. Portanto o

³⁷ FREUD. As neuropsicoses de defesa, p. 68.

³⁸ *Ibidem*, p. 71.

propósito da paranóia é rechaçar uma idéia que é incompatível com o eu, projetando seu conteúdo no mundo externo.³⁹

Essa foi a primeira vez que Freud descreveu o mecanismo principal da psicose paranóica, ao dizer que o objetivo da paranóia é rechaçar uma idéia incompatível com o eu. Ao projetar tal idéia para fora do eu, o paranóico se defende, e pode rejeitar a idéia que vem de fora. Na paranóia, tratar-se-ia, pois, de um abuso do mecanismo da projeção para fins de defesa. Ver-se-á que isso trará uma série de conseqüências e modificações no eu do paranóico, que muitas vezes se infla, tornando-se então, um eu grande, um eu exaltado. No entanto, em 1911, ocasião em que analisará o caso Schreber, Freud acabará abandonando a premissa de que na paranóia haveria um abuso do mecanismo de projeção. Ele irá adiar sua pesquisa sobre a projeção na paranóia, porque descobre que o mecanismo da projeção não desempenha o mesmo papel em todas as formas de paranóia. Além disso, verifica que a projeção também está presente em outras condições psicológicas. Como se verá adiante, a partir da análise do caso Schreber, em 1911, Freud irá tomar a paranóia a partir do mecanismo do recalque vinculado ao desenvolvimento da libido.

No “Rascunho K” há uma aproximação do processo da paranóia com a melancolia. Segundo Freud, todas as patologias causam um prejuízo muito grande para o eu: se na histeria temos um conflito, na neurose obsessiva temos o mecanismo de autocensura, na paranóia temos a mortificação, e na amênia alucinatória aguda, o luto.

A hipótese apresentada é a de que esses conflitos surgem por causa de duas pré-condições: uma, de natureza sexual, e a outra, que ocorre durante o período anterior à maturidade sexual. Aqui Freud já faz uma analogia entre o processo na neurose obsessiva e na melancolia, além de localizar a melancolia fazendo parte do processo psicopatológico da

³⁹ FREUD. Rascunho H, p. 230-231.

paranóia. Ele descreve a posição do eu na neurose obsessiva, que está sempre num movimento de luta para se defender contra a obsessão. No entanto, e isso nos interessa ressaltar, “em alguns casos, muitas vezes pode acontecer uma subjugação do eu pela obsessão, por exemplo, quando o eu é atingido por uma melancolia transitória”.⁴⁰

Embora possa parecer um pouco confuso comparar a melancolia, ora com a neurose obsessiva, ora com a paranóia, esperamos que tais idéias sejam esclarecidas nos textos que se seguem, especialmente em “Luto e melancolia”, onde Freud irá distinguir o mecanismo que ocorre na melancolia e na neurose obsessiva, em relação à perda do objeto.

Ainda nesse artigo, Freud compara a paranóia à melancolia ao descrever o fracasso da defesa que ocorre na paranóia. Tal fracasso, segundo ele, faz com que o afeto reprimido retorne sob a forma de alucinação auditiva. Aos poucos Freud nos apresenta o mecanismo da paranóia e os seus fenômenos específicos: “[...] os delírios assimilatórios não podem ser interpretados como sintoma de defesa secundária, mas como o início de uma modificação do eu, expressão do fato de ter sido ele subjugado.”⁴¹

Tal processo pode atingir seu ponto de conclusão na melancolia (sentimento de aniquilação do eu) ou naquilo que é mais freqüente e mais grave, segundo Freud, nos “delírios protetores” — megalomania. Nesse aspecto, há uma aproximação do processo da paranóia e seus efeitos na posição do eu, que pode chegar a uma melancolia ou megalomania. Assim, na ocasião em que escreveu esse artigo, Freud pensava que a melancolia era uma afecção patológica que podia ocorrer ligada ao processo da paranóia. Embora o processo de uma seja o avesso da outra, Freud aqui já indica que o mecanismo de base das duas é um só: diante do fracasso da defesa, o eu rejeita a idéia incompatível e

⁴⁰ FREUD. Rascunho K, p. 245.

⁴¹ *Ibidem*, p. 248.

comporta-se como se ela nunca tivesse existido. No Capítulo 2, teremos condições de entender as razões pelas quais ele associou tais afecções.

Em “Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa”, texto datado de 1896, Freud dá seqüência a suas idéias acerca da paranóia, principalmente quanto ao fenômeno de auto-acusação. Conforme sinalizado na apresentação dessa dissertação, tal fenômeno será de grande valia na análise do mecanismo próprio da melancolia. Indica que, na paranóia, a auto-acusação é recalçada por um processo descrito como projeção, pelo estabelecimento do sistema de desconfiar das outras pessoas: “Dessa maneira o sujeito deixa de reconhecer a auto-acusação; e, como que para compensá-lo disso, fica privado de uma proteção contra as auto-acusações que retornam em suas idéias delirantes.”⁴²

Uma das características mais peculiares da paranóia é que essas auto-acusações recalçadas retornam sob a forma de pensamentos ditos em voz alta. Mais adiante, seremos esclarecidos no texto “O eu e o isso” de que, na melancolia, ao contrário do que ocorre na paranóia, a característica mais marcante é que a auto-acusação vem do supereu contra o eu e se manifesta, portanto, de modo diferente. Mas ele somente fará tal diferenciação a partir de seus estudos sobre as relações entre as instâncias psíquicas: o eu, o supereu e o isso.

Em 1897, em seu “Rascunho N”, ao abordar os impulsos hostis e o desejo de morte dos filhos para com os pais, Freud novamente permite uma aproximação entre a neurose obsessiva e a melancolia. Nesse contexto, ao ocorrer a morte de um dos pais, têm-se duas conseqüências: na primeira, a pessoa, ao manifestar-se de luto, passa a se acusar pela morte ocorrida. Para Freud, isso pode ser nomeado de melancolia. Na segunda, a pessoa se pune

⁴² FREUD. Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa, p. 210.

através de uma forma histérica, acometida por estados de doença idênticos ao daquele que morreu.

A essa segunda consequência, Freud nomeia de identificação, “que nada mais é que um modo de pensar”, mas para ele, é preciso que busque elaborar melhor essa indicação. Esse foi o prenúncio da elaboração teórica sobre o processo de identificação,⁴³ que somente será aprofundado em 1915, em “Luto e melancolia”.

O que se destaca nesse rascunho é a associação que Freud faz ao indicar uma analogia entre o impulso hostil e desejo de morte aos pais com o sentimento de acusação que se presentifica quando ocorre uma morte de um dos pais. Junta-se a essa cadeia de associações a identificação com o morto, através do sintoma de tomar para si todos os estados da doença que a pessoa que morreu teve antes da morte.

Ao retomar a questão da identificação, descreve os motivos para a construção dos sintomas:

A construção de sintomas por identificação está ligada às fantasias — isto é, a seu recalçamento no Ícs — numa forma análoga à da modificação do eu na paranóia. Como a irrupção da angústia está ligada a essas fantasias recalçadas, devemos concluir que a transformação da libido em angústia não ocorre por intermédio da defesa atuante entre o eu e o Ícs, mas sim no Ícs como tal. Conclui-se, pois, que existe também uma libido Ícs.⁴⁴

Nosso próximo passo será em direção a estabelecer a conexão entre a identificação e o desenvolvimento da libido, que encontrará no conceito de narcisismo, em 1914, seu assento definitivo. Tal percurso nos permitirá trazer, para a pesquisa aqui proposta, a questão da especificidade da identificação na melancolia. Conforme veremos, para Freud o

⁴³ Cf. MIJOLLA. *Dicionário Internacional de Psicanálise*. Ele indica que a noção de identificação aparece pela primeira vez no ano de 1896, numa carta de Freud a Fliess, ao se referir ao mecanismo de agorafobia nas mulheres. (Ver p. 913 do referido dicionário).

⁴⁴ FREUD. Rascunho N, p. 277.

modo de o melancólico se identificar é do tipo narcisista. Tal percurso trará também elementos para alicerçar a discussão acerca do que ele irá formular em 1924, em “Neurose e Psicose”, descrevendo a melancolia como uma psicose narcisista.

Capítulo 2 – A sombra do objeto recai sobre o eu

2.1 As vicissitudes da libido e a melancolia

Os termos “perda” e “libido” vão se fazendo aparecer gradativamente, relacionados intimamente com a investigação de Freud acerca da melancolia. É bom lembrar que, para ele, o processo da melancolia ocorre na instância psíquica, provocando uma espécie de represamento que irá produzir uma tensão psíquica, com o declínio da libido. Como já se sabe, isto irá culminar num processo de “empobrecimento pulsional e o respectivo sofrimento”,⁴⁵ que Freud designou, em seu “Rascunho G” como “hemorragia de libido”, que encontra na esfera psíquica um “buraco”, ou seja, uma “ferida aberta” por onde escoar toda libido ali represada. Tal acontecimento traz marcas para o eu, que, com esse “desastre libidinal”, sofrerá modificações manifestas nos fenômenos próprios da melancolia.

Algum tempo depois, em 1905, no texto: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud retoma sua teoria da libido. Com o objetivo de provar que todas as patologias que se manifestam na vida adulta têm, em sua origem, uma base de sustentação no modo como o sujeito respondeu à sua sexualidade na infância, Freud deduz de suas observações clínicas as fases do desenvolvimento da libido. Nesse contexto, existe a fonte primária de prazer sexual, nomeada de auto-erotismo, na qual a pulsão sexual não é dirigida para outras pessoas, mas obtém satisfação no corpo próprio do indivíduo. Essa fase trará fortes marcas para a estrutura psíquica da criança.

Nessa seqüência, Freud descreve a fase oral, na qual o ato nutricional de sugar o seio da mãe vai gerar um prazer sexual para a criança. Tal fase é nomeada de “organização

⁴⁵ FREUD. Rascunho G, p. 226. v. 1.

sexual pré-genital canibal”. Nesse sentido Freud e Karl Abraham⁴⁶ estão de acordo. Isto nos interessa, pois, como iremos ver, mais tarde, em “Luto e Melancolia”, na melancolia o sujeito se identifica com o objeto, por incorporação deste ao seu eu. Quanto ao objeto, na fase oral ele ainda não se separou da ingestão de alimentos.

Na segunda fase da organização pré-genital — a fase sádico-anal — já se encontram distintas as duas correntes que sustentarão toda a vida sexual: a passiva e a ativa. Nessa fase, o órgão que mais representa o objetivo sexual passivo é a membrana mucosa erógena do ânus, estimulada pela defecação.

A próxima fase do desenvolvimento sexual será descrita como a fase fálica. Nela os genitais ganham valor erótico, e o estímulo sexual será através da micção e dos cuidados na higiene. Já na puberdade, o instinto sexual está subordinado à função reprodutora, e o objetivo é descarregar as substâncias sexuais.

Até 1914, Freud permanece com a sua pesquisa sobre a libido, considerando-a intimamente ligada à sexualidade e aos elementos psíquicos. Tampouco tinha ainda descoberto as bases que constituem a estruturação psíquica na melancolia.

A investigação de Freud acerca do desenvolvimento sexual ligado às afecções psicopatológicas está em vias de ter novas e decisivas descobertas. Ele atinge um momento importante em 1914, quando formaliza seu conceito de narcisismo. É, pois, ao traçar as relações entre o eu e os objetos externos que Freud irá distinguir na libido duas disposições: libido do eu e libido objetual. A partir daí, encontra condições para introduzir os conceitos de “ideal do eu” e do agente auto-observador a ele relacionado, que formarão a base para o que será descrito como “Superego”, em 1923, em “O eu e o isso”.

⁴⁶ Cf. ABRAHAM.

A partir dessa nova distinção entre libido do eu e libido objetal, Freud terá elementos para distinguir as patologias psíquicas, culminando em sua formalização de uma concepção metapsicológica sobre a melancolia. Ressalta-se nessa formalização metapsicológica a relevância de seu texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” para a investigação ora proposta.

A diferença entre a libido e outras formas de energia psíquica permite situar a diferença entre os modos como ocorrem os processos sexuais e os nutritivos. Tal distinção culminou na formalização de que existe no eu uma quantidade de libido, que se movimenta, aumentando ou diminuindo, que será responsável por dar conta de “explicar os fenômenos psicosssexuais observados”.⁴⁷ No entanto, Freud nos alerta para o fato de a libido do eu só ser observada quando tiver sido transformada em libido de objeto. Nesse sentido, vale destacar a passagem em que ele aponta as vicissitudes da libido de objeto, pois ela nos abre para a formulação sobre a origem da especificidade da libido na melancolia:

Quando ela é retirada dos objetos, é mantida em suspenso em condições peculiares de tensão e é finalmente defletida sobre o eu, tornando-se assim libido do eu uma vez mais. Em contraste com a libido de objeto, também descrevemos a libido do eu como libido “narcísica”.⁴⁸

Assim, a expressão “libido narcísica” deriva do termo “libido do eu”. Nesse sentido, é no eu que se situa o reservatório de onde são enviadas as catexias de objeto e para onde são novamente recolhidas. Por isso é que Freud encontra razões para afirmar que “a catexia libidinosa narcísica do eu é o estado de coisas original, realizado na primeira infância, sendo meramente abrangido pelas manifestações posteriores da libido”.⁴⁹

⁴⁷ FREUD. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade, p. 223.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 224.

⁴⁹ *Idem*.

Seguindo tal idéia, mas ainda não convencido de sua teoria da libido, Freud irá dizer que é, pois, em função da economia da libido, que se pode observar e descrever os distúrbios neuróticos e psicóticos mais profundos, especialmente quanto às vicissitudes da libido do eu. No entanto, somente a partir da análise do caso Schreber terá argumentos clínicos elucidativos ao processo em que se estabelece uma patologia mais grave, no caso, uma psicose, tomando como referência o modo como se efetua, nesse contexto, as obstruções ao desenvolvimento da libido.

Como vimos no “Rascunho G”, o processo em que ocorre a melancolia se situa a partir de uma importante “perda da libido”.⁵⁰ A partir desse percurso, podemos dizer que a hemorragia interna que ali ele descreve ocorre originalmente devido a um processo que repercute na esfera do eu. Tal situação nos apresenta um eu que não consegue investir libido em objetos. Tal acúmulo de libido no eu, na melancolia, atinge o ponto mais alto ao produzir uma “ferida” por onde escoam toda a libido ali represada. Isso torna o eu empobrecido, em função do “desastre libidinal”.

Como já foi dito, o conceito de narcisismo é fundamental para o entendimento da pesquisa psicanalítica sobre a melancolia, pois é em função dele que Freud descortinou toda uma incursão teórico-clínica para definir as linhas de desenvolvimento da referida categoria clínica. A partir do texto sobre o narcisismo é que Freud funda as bases para uma teoria do eu. Com isso, é possível verificar o quanto Freud se ancora na idéia de um eu como sendo representante de um limite corporal. Nesse sentido, é no eu que ocorre o problema da “hemorragia psíquica” e da “ferida”, responsável pela dor melancólica. Além de considerar o lugar ocupado pelo narcisismo no desenvolvimento sexual, penetra nos problemas mais

⁵⁰ Observa-se que desde essa época Freud já se referia à melancolia, comparando-a ao luto e à perda: “A melancolia consiste em luto por perda de libido.” Cf. FREUD. Rascunho G, p. 223. v. 1.

profundos das relações entre o eu e os objetos externos. Com isso irá traçar uma distinção detalhada e aprofundada entre “libido do eu” e “libido objetal”. Então, é o eu que pode ser tomado como objeto de investimento libidinal no processo de identificação.

Isso nos parece fundamental, visto que uma das perguntas essenciais desta dissertação é sobre a especificidade da identificação na melancolia. Na verdade, são as formulações presentes no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” que irão esclarecer a distinção entre libido do eu e libido objetal, bem como abrir o caminho para, em 1915, estabelecer valiosas pistas quanto ao destino do objeto na melancolia.

Como nos lembra Freud, o conceito de narcisismo deriva da descrição feita por Havelock Ellis, em 1898, quando esse autor usou a expressão “semelhante a Narciso” para descrever uma atitude psicológica. Além de Ellis, outro autor, Paul Näcke, havia utilizado, em 1899, o termo “Narcismus” para descrever uma perversão sexual. Assim, a expressão “narcisismo” significa:

A atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado — que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades.⁵¹

É por meio da observação clínica de homossexuais que Freud encontrou o mais forte dos motivos para se adotar a hipótese do narcisismo. Conclui, contudo, que a libido investida narcisicamente faz parte do curso do desenvolvimento sexual humano, e que isso não seria uma perversão, mas uma forma de o indivíduo se defender e se preservar. Em certa medida o narcisismo está presente em todos os seres humanos. Com isso Freud aponta para a idéia de que há um narcisismo primário e normal onde prevalece o auto-erotismo.

⁵¹ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 89.

Mas, para elucidar tais pontos, é necessário pensar que o eu não está presente no indivíduo desde o início, ele precisa ser desenvolvido. Para isso, segundo Freud, é necessário supor que algo seja adicionado ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo propriamente dito.

Foi tentando compreender a *dementia praecox* ou a *esquizofrenia*, sob a ótica da libido, que surgiu a idéia de um narcisismo primário e normal. Na análise desses pacientes, Freud preferirá designá-los de *parafrênicos* ou *paranóicos*, dizendo que eles exibem duas características fundamentais: megalomania e desvios de seu interesse do mundo externo — de pessoas e coisas.

A mudança do termo neuropsicoses (primeira nosologia) para psiconeuroses (segunda nosologia) deve-se ao fato⁵² de que psiconeurose tem a ver com aqueles casos nos quais as funções mentais até o momento do desencadeamento da enfermidade eram normais, sem nenhuma manifestação prévia de alguma perturbação. Em relação às neuropsicoses, essas respondem à concepção etiológica das entidades que eram provocadas por fatores ocasionais, ou seja, são quadros em que o fator da predisposição era considerado menor. Por esse motivo Freud começou a substituir o termo neuropsicoses por psiconeuroses.

É importante esclarecer tal distinção, pois, para alguns leitores, ao se falar em psiconeurose narcisista, ainda resta algo confuso: uns acreditam que Freud designou essa categoria como sendo uma neurose, outros acreditam se tratar de uma psicose. Freud insiste que o modo como o parafrênico se afasta do mundo exterior precisa ser bem caracterizado, pois o neurótico também desiste da relação com o mundo, dependendo do grau de

⁵² Cf. MAZZUCA. *Cizalla del cuerpo y del alma: la neurosis de Freud a Lacan*, p. 37.

enfermidade. Observa que o neurótico não suspende seu vínculo erótico com as pessoas e as coisas: ele as conserva na fantasia.

Quanto ao parafrênico, esse retira a sua libido das pessoas e das coisas, do mundo exterior, sem substituí-las por outras na fantasia, e quando essa substituição ocorre parece tratar-se de algo secundário e fazer parte de uma tentativa de cura, que busca reconduzir a libido de volta ao objeto. Há uma nota de rodapé, no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, na qual Freud se refere ao caso Schreber, em seu delírio do “fim do mundo”, como “tentativa de restabelecer novamente a libido ligada ao objeto”,⁵³ conforme se verá adiante. Nesse caso, o destino da libido que foi retirada dos objetos, na esquizofrenia, faz um caminho onde “a libido afastada do mundo externo é dirigida para o eu e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo”.⁵⁴

O narcisismo que se constitui ao chamar de novo para si os investimentos anteriormente depositados nos objetos pode ser concebido como um narcisismo secundário, superposto ao primário. É assim que Freud chega à concepção de que, originalmente, o eu é investido de libido e de que uma parte dessa libido é repassada aos objetos posteriormente. Mas, em sua essência, a libido permanece retida no eu.

Sob esse aspecto, apenas quando passa a ocorrer um investimento nos objetos é que se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões do eu.

Sabe-se que as pulsões auto-eróticas estão presentes desde o início, diferente do eu, que precisa ser diferenciado ou constituído. Para que se constitua o eu, é necessário que uma nova ação psíquica se junte a esse auto-erotismo. É por essa via que o narcisismo se constituirá.

⁵³ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 91.

⁵⁴ *Idem.*

Nesse ponto do desenvolvimento da sua teoria das pulsões, o fato de Freud ter insistido na existência de uma oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais, que vinha sendo observada na clínica das neuroses de transferência, o levou a aplicá-la também às outras afecções, tais como a esquizofrenia.

É, pois, o estudo sobre o narcisismo que permite a Freud aprofundar na psicologia do eu, sobretudo ao descobrir que somente existe transferência da libido do eu para os objetos a partir da esfera de um narcisismo secundário, diferenciado do narcisismo primário (que faz parte da fundação do eu), no qual o estabelecimento da libido em direção aos objetos traz consigo as conseqüências da primeira fase narcísica. Isto é importante de se mencionar porque, como se verá nesta dissertação, a identificação narcísica do melancólico ao objeto tem sérias conseqüências para a constituição do seu eu.

A meu ver, há um problema crucial da melancolia em relação à passagem do narcisismo primário para o narcisismo secundário. Tudo indica que, nos casos de melancolia, a “nova ação psíquica” não se efetiva, deixando o sujeito estagnado na primeira fase narcísica, no narcisismo original.

Segundo Freud, o substituto do narcisismo perdido da infância, período em que o ser humano é o seu próprio ideal, aparece sob a forma do ideal do eu; e é sob essa forma que o sujeito procura recuperar seu narcisismo perdido. Assim, “o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era seu próprio ideal”.⁵⁵

⁵⁵ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 111.

Se Freud aponta que a “supervalorização sexual de um objeto é a idealização do mesmo”,⁵⁶ como é que se verifica o ideal do eu na melancolia? Ou será que podemos dizer que na melancolia tal função se encontra alterada e se pode afirmar que não há a valorização porque o objeto, na melancolia, tem um outro destino? Pretendemos encontrar resposta para tais questões, a partir dos textos “Luto e melancolia” e “O eu e o isso”, quando Freud já terá desenvolvido bem a teoria sobre as instâncias psíquicas, bem como a relação do eu com o supereu. Veremos que, na melancolia, é o supereu que prevalecerá, aniquilando então com o eu, que sofreu alterações, por causa do desastre libidinal.

Não obstante, em seu estudo sobre o narcisismo, Freud já nos oferece as primeiras elaborações que, mais tarde, serão agrupadas sob o nome de supereu. O modo pelo qual ele se refere a tal instância é, inicialmente, como um “agente”. Assim ele procura, a partir de tal “agente”, compreender como se processam os delírios de perseguição nos casos de paranóia, que são, como se sabe, conseqüência do desenvolvimento da libido:

Os pacientes desse tipo queixam-se de que todos os seus pensamentos são conhecidos e suas ações vigiadas e supervisionadas; eles são informados sobre o funcionamento desse agente por vozes que caracteristicamente lhes falam na terceira pessoa — “agora ela está pensando nisso de novo”, “agora ele está saindo”.⁵⁷

Para Freud, essa queixa é inteiramente justificada, pois um poder que vigia e faz crítica existe em cada sujeito.

Merece destaque o momento em que Freud se refere à origem do sentimento da estima de si, que guarda relação íntima com o desenvolvimento do eu. Segundo ele, a estima de si é a expressão maior do modo como o indivíduo se vê — é a expressão do tamanho do eu. Indica, ainda, que é o sentimento mais primitivo de onipotência que um

⁵⁶ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 111.

⁵⁷ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 113.

indivíduo já experimentou que o ajudará a aumentar sua estima de si. Tal afirmação servirá como elemento para distinguir as vicissitudes da estima de si nas neuroses e nas psicoses. Ele parte da premissa de que a estima de si depende inteiramente da libido narcisista. Assim, faz a descrição de que “nos parafrênicos, a auto-estima aumenta, enquanto que nas neuroses de transferência, ela se reduz”.⁵⁸

A incapacidade de amar é vista como um fator desencadeante que faz com que a estima de si diminua, favorecendo o surgimento do sentimento de inferioridade, típico dos melancólicos, que ele desenvolverá em “Luto e Melancolia”. A fonte do sentimento de inferioridade que os pacientes vivenciam é, sem sombra de dúvida, o empobrecimento do eu, “por causa das enormes catexias libidinais dele retiradas — por causa, vale dizer, do dano sofrido pelo eu em função de tendências sexuais que já não estão sujeitas a controle”.⁵⁹

A estima de si é descrita em três partes: uma parte é primária — ou seja, é o resíduo do narcisismo infantil. Outra parte decorre da onipotência que é corroborada pela experiência (a realização do ideal do eu). Uma outra provém da satisfação da libido objetal. Pelo que se vê até o momento, na melancolia, a estima de si comprometida tem a ver com os danos causados pela constituição do eu melancólico. Nesse caso, o ideal do eu fica sacrificado. Ele nada mais é do que a projeção, na esfera do ideal, daquilo que não pode mais ser sustentado pelo eu, ou seja, o narcisismo primário, que se desenvolve da seguinte maneira:

O desenvolvimento do eu consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em

⁵⁸ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 115.

⁵⁹ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 116.

direção a um ideal do eu imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal.⁶⁰

Isso posto, partindo da citação acima, cabe-nos indagar se a constituição do eu na melancolia se desenvolve da mesma forma que em outras afecções patológicas e em que medida o eu melancólico se distingue do eu na neurose.

É o que esperamos encontrar em “Luto e Melancolia”, texto no qual Freud irá descrever como o eu se apresenta na melancolia, o modo como está identificado e quais as conseqüências de tal identificação.

2.2 Melancolia e paranóia

Tendo em vista que Freud considera ser freqüente que a paranóia ocorra devido a “um dano ao eu, por uma frustração da satisfação dentro da esfera do ideal do eu”,⁶¹ buscaremos, na análise do caso Schreber, os aspectos do eu do paranóico que fundamentaram o desenvolvimento do conceito de narcisismo. A discussão sobre o impulso homossexual em Schreber nos trará elementos para avançar em nossa pesquisa acerca do modo como o melancólico se identifica. Além disso, estabelecendo uma analogia entre essas duas afecções, pretendemos discernir o campo específico em que a melancolia se fundamenta.

Embora as memórias de Schreber tivessem sido publicadas em 1903, foi somente entre 1910 e 1911 que Freud escreveu sobre o caso.⁶²

⁶⁰ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 117.

⁶¹ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 119.

⁶² O caso Schreber tornou-se para a psicanálise um caso paradigmático das psicoses. Embora nunca tivesse visto Schreber, Freud se encontrou com seu texto, encontro fecundo, por onde chegou a avançar e fundamentar sua teoria da psicose. A doença de Schreber começa com queixas hipocondríacas, até culminar num franco desencadeamento do surto psicótico, cuja idéia delirante central era a de que ele era “a mulher de Deus” e de que, a partir daí, iria conceber filhos puros, gerando uma raça pura. Essa idéia delirante é, como veremos, fruto de uma fantasia que ele tivera anteriormente. Tal fantasia foi expressa por ele da

Desde 1908, em cartas a Jung e a Ferenczi, Freud já apresentava a hipótese de que haveria uma articulação entre a paranóia e o homossexualismo passivo reprimido. Contudo, só veio a publicar sua teoria pela primeira vez, em 1911, articulada a um relato detalhado de sua análise dos processos inconscientes em ação na paranóia.

A descrição do caso do “presidente Schreber” feita pelo seu médico, Dr. Weber, a Freud, aponta para o ponto culminante em seus delírios, que é sua crença em uma missão pela qual teria que redimir o mundo. O que o inspira em tal tarefa era sua comunicação direta com Deus, através de seus nervos. Mas, segundo Freud, “a parte mais essencial de sua missão redentora é ela ter de ser precedida por sua transformação em mulher”.⁶³ Tal idéia culminará na origem de uma nova raça de homens, através do processo de fecundação direta nele, por Deus. Isso foi o germe de seu sistema delirante, no qual Schreber se vê perseguido por seu médico. Tal fenômeno persecutório é analisado por Freud, da seguinte maneira:

A pessoa agora odiada e temida, por ser um perseguidor, foi, noutra época, amada e honrada. O principal propósito da perseguição asseverada pelo delírio do paciente é justificar a modificação em sua atitude emocional.⁶⁴

Esse aspecto será a base de sua principal formulação sobre o mecanismo da paranóia.

A fantasia que Schreber teve no período de incubação de sua doença (“afinal de contas, deveria ser bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula”)⁶⁵ é a principal chave

seguinte maneira: “Como seria bom se eu fosse uma mulher e fosse copulado por um homem.” Tal fantasia homossexual será analisada por Freud, que descobrirá que esse componente homossexual será a base do mecanismo próprio da paranóia.

⁶³ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia, p. 32.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 60.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 61.

de leitura do mecanismo que ocorre na paranóia. Segundo Freud, logo que irrompe a psicose de Schreber, tal fantasia feminina vence todas as dificuldades. Dessa forma, vê-se que a manifestação de libido homossexual logrou êxito e teve o seu médico como objeto. No entanto, a essa fantasia Schreber se opõe firmemente, e o resultado é que “suas lutas contra o impulso libidinal produziram o conflito que deu origem aos sintomas”.⁶⁶

Essa idéia inconcebível teve como resultado o combate contra a libido homossexual resultando no sentimento de perseguição. Vale destacar o fragmento das *Memórias*,⁶⁷ assinalado por Freud, que ilustra bem essa passagem:

Desse modo, uma conspiração contra mim foi levada ao ponto culminante, seu objetivo era conseguir que... eu fosse entregue a certa pessoa de maneira que minha alma lhe fosse entregue, mas meu corpo... fosse transformado num corpo feminino e como tal entregue à pessoa em apreço, com vistas a abusos sexuais.⁶⁸

Como se vê, a base da moléstia de Schreber foi a irrupção de um impulso homossexual, que era vivido através da fantasia feminina passiva, cujo objeto era seu médico. Além disso, observa-se que o sentimento amistoso do paciente para com o médico teve sua base no processo de transferência, no qual o paciente transpôs o que sentia por uma pessoa muito próxima a ele, escolhendo o seu médico como o mais fiel representante e substituto dessa relação anterior.

O que se conclui dessa afeição do paciente ao seu médico, bem como a luta defensiva contra a fantasia homossexual a ele dirigida, é a transformação disso em delírio

⁶⁶ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia, p. 62.

⁶⁷ SCHREBER. *Memórias de um doente dos nervos*.

⁶⁸ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia, p. 63.

de perseguição, assim descrito: “A pessoa por que agora ansiava tornou-se seu perseguidor, e a essência da fantasia de desejo tornou-se a essência da perseguição.”⁶⁹

Recorto uma passagem do texto “Totem e tabu”, escrito nessa mesma época, em 1912. Como veremos mais adiante, embora Freud esteja ali falando da paranóia, há nessa citação, alguns elementos fundamentais para a compreensão da melancolia:

O modelo no qual os paranóicos baseiam seus delírios de perseguição é a relação de uma criança com o pai. A imagem que um filho faz do pai é habitualmente investida de poderes excessivos desta espécie e descobre-se que a desconfiança do pai está intimamente ligada à admiração por ele. Quando um paranóico transforma a figura de um de seus associados num “perseguidor”, está elevando-o à categoria de pai; está colocando-o numa posição em que possa culpá-lo por todos os seus infortúnios.⁷⁰

Para Freud, a imputação por Schreber ao Dr. Flechsig e a Deus, de cometerem o “assassinato de alma”, desde o início, revelou-se a ele como um conflito infantil com o pai que o paciente amava. Para Freud, foi isso que determinou o conteúdo de seus delírios.

Em sua busca do mecanismo que caracteriza a paranóia, Freud chega à conclusão de que tal mecanismo tem ligação estreita com o modo pelo qual os sintomas são formados ou o recalque é ocasionado. Para sustentar a hipótese do homossexualismo na paranóia, Freud chega à constatação de que o narcisismo é um estágio do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal, mas que, num determinado momento do desenvolvimento, é preciso que o sujeito se lance a fim de conseguir um objeto amoroso. No começo, o sujeito toma “a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto”.⁷¹

⁶⁹ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia, p. 67.

⁷⁰ FREUD. Totem e tabu, p. 71.

⁷¹ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia, p. 83.

Mas Freud nos alerta para o fato de que algumas pessoas demoram muito tempo nesse estágio. Quando isso ocorre, essas costumam transportar as características desse estado para os estádios posteriores de seu desenvolvimento. Daí advém a escolha de um objeto externo com órgãos genitais semelhantes, isto é, ocorre uma escolha objetal homossexual.

Quando as pessoas não se libertaram do estágio do narcisismo, permanecendo fixadas nessa fase, podem se dispor a ter uma enfermidade posterior. Na análise dos paranóicos, demonstra-se que eles “se esforçam por proteger-se contra esse tipo de sexualização de suas catexias sociais pulsionais”.⁷²

Assim,

somos levados a supor então, que o ponto fraco em seu desenvolvimento deve ser procurado em algum lugar entre os estádios de auto-erotismo, narcisismo e homossexualismo, e que sua disposição à enfermidade deve estar localizada nessa região.⁷³

Um dos traços que permanece com maior destaque, para Freud, na formação de sintomas na paranóia, continua sendo a projeção. Isso significa que quando uma percepção interna é suprimida, seu conteúdo ingressa na consciência depois de sofrer uma deformação, sob a forma de uma percepção externa. Nos delírios de perseguição, a deformação do conteúdo consiste numa transformação do afeto: aquilo que deveria ter sido internamente sentido como amor, é percebido externamente como ódio. Conseqüentemente, a proposição — *eu o amo* — se transforma por projeção em: *ele me odeia* (persegue), culminando em uma das três formas de o delírio paranóico se apresentar. As duas outras

⁷² FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia, p. 85.

⁷³ *Idem.*

formas são a erotomania e o delírio de ciúmes, todas calcadas na proposição básica — eu (um homem) o amo (um homem). Qual seria o mecanismo correspondente na melancolia?

Karl Abraham, discípulo e interlocutor de Freud, descreve a projeção na melancolia e busca definir o modo pelo qual esse mecanismo opera. Aqui, ao contrário do mecanismo de funcionamento da projeção na paranóia, o ódio produzido se junta a formulações internas que o melancólico pensa sobre si mesmo, calcadas nas idéias de inferioridade e desvalorização, que culminam na seguinte proposição: “As pessoas não me amam, odeiam-me... por causa de meus defeitos inatos. Assim, sinto-me infeliz e deprimido.”⁷⁴

Para Abraham, a idéia de o paciente não se sentir amado faz prevalecer o sentimento de inferioridade, favorecendo a formação de estados depressivos. Abraham afirma que por detrás de todo esse sentimento existe um forte sentimento de culpa a partir do qual o paciente chega a formar idéias delirantes: “Declara que ele sozinho foi o culpado de todos os pecados praticados desde o começo do mundo ou que todas as maldades se originam somente dele.”⁷⁵

Com isso, vê-se que na base da melancolia, que foi designada por Abraham como psicose-maniaco-depressiva, está o sentimento de culpa. Ver-se-á adiante como Freud e ele insistiram na relevância desse fator.

Freud, no entanto, admitirá que a formação de sintomas por projeção não é específica da paranóia, ocorrendo também em outras condições psicológicas. Em função disso, ele descarta o mecanismo da projeção como principal fator capaz de explicar a paranóia e parte para investigar como o recalque se desenvolve na paranóia, já que nessa categoria se trata de uma patologia que guarda estreita relação com a libido.

⁷⁴ ABRAHAM. *A teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*, p. 40.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 40-41.

Freud descreve as três fases do recalque, onde, na primeira, encontra-se a fixação, que é vista como a condição necessária a todo recalque. Nessa fase, determinada pulsão fica paralisada num estágio mais infantil, e, em consequência dessa inibição em seu desenvolvimento, comporta-se como se pertencesse ao sistema do inconsciente, como recalçada. Na segunda fase, temos o recalque, que provém dos sistemas mais altamente desenvolvidos do eu — que são conscientes. Os derivados psíquicos das pulsões retardadas originais e as tendências psíquicas são passíveis de serem recalçadas, quando indesejáveis, provocando uma repulsa pelo sistema consciente e uma atração exercida pelo inconsciente. Aí ocorre o recalque.

Na terceira fase, temos o retorno do recalçado, que consiste no fracasso do recalque. Ocorre uma irrupção do recalçado na superfície, originando-se no ponto de fixação e implicando uma regressão do desenvolvimento libidinal até esse ponto.

É, pois, partindo da análise do caso Schreber, que Freud explicitou e descreveu a forma em que predomina, na paranóia, o mecanismo do recalque. O paciente retira, silenciosamente, a libido que investia nas pessoas de sua convivência e do mundo em geral. Na paranóia, o que se destaca é o processo de cura, que desfaz o recalque e traz a libido de volta às mesmas pessoas que ela tinha abandonado pela via da projeção.

Nesse sentido, vale reafirmar que Freud já falara antes que um dos mecanismos mais importantes para retratar a paranóia seria a projeção:

Aqui o eu rejeita a idéia incompatível juntamente com seu afeto e comporta-se como se a idéia jamais lhe tivesse ocorrido. Mas, a partir do momento em que o tenha conseguido, o sujeito encontra-se numa psicose, que só pode ser qualificada como — confusão alucinatória.⁷⁶

⁷⁶ FREUD. As neuropsicoses de defesa, p. 71.

No entanto, com a análise do caso Schreber, ele acrescenta que:

Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora.⁷⁷

Em seu “Rascunho K”, Freud descreve o modo em que ocorre o *Unglauben*⁷⁸ na paranóia. Ali ele aponta que, se o recalque das idéias é realizado, “contudo, nenhuma autocensura se forma, nem é posteriormente recalçada; e o desprazer gerado é atribuído a pessoas que, de algum modo, se relacionam com o paciente, segundo a fórmula psíquica da projeção”.⁷⁹ Dessa forma, o sintoma primário (desconfiança das pessoas) se instala, pois ocorre o fracasso da defesa, permitindo o retorno do recalçado, mas de forma completamente distorcida. Nessas condições, Freud afirma que o que se passa na origem determinante da paranóia é o mecanismo de projeção que envolve a recusa da crença na autocensura — *Unglauben*.⁸⁰ Na paranóia, o *Unglauben* designa, pois, a incredulidade do paranoico em seu desejo, tal como acontece com Schreber.⁸¹ E na melancolia, como se designa o *Unglauben*? É possível que, a partir dessas afirmações, uma dedução seja feita, a fim de distinguir a paranóia da melancolia: a de que, na melancolia, a descrença na censura consiste na rejeição da própria culpabilidade, que é constituinte da neurose.

Contudo Freud observa que o desligamento da libido não seria, por si só, patogênico, pois, na vida normal, a libido também é retirada de certas pessoas ou objetos. A diferença fundamental é que, normalmente, um substituto é procurado para o laço perdido,

⁷⁷ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia, p. 95.

⁷⁸ O termo *Unglauben* é utilizado para designar a descrença na censura, que ocorre na psicose.

⁷⁹ FREUD. Rascunho K, p. 247.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 248.

⁸¹ Essa formulação do retorno de fora daquilo que foi abolido internamente tornou-se um ponto de referência fundamental utilizado por Lacan, para designar o mecanismo em questão na psicose, que é designado como forclusão do “Nome-do-Pai”, que será mais aprofundado no capítulo seguinte.

ao passo que, na paranóia, a libido liberada se fixa sobre o eu, sendo utilizada de modo especial:

Recordar-se-á [...] que a maioria dos casos de paranóia exhibe traços de megalomania, e que a megalomania pode, por si mesma, constituir uma paranóia. Disto pode-se concluir que, na paranóia, a libido liberada vincula-se ao eu e é utilizada para o engrandecimento deste.⁸²

É dessa forma que se faz, na paranóia, um retorno ao estágio do narcisismo, no qual o único objeto sexual de uma pessoa é o seu próprio eu.⁸³

Os mecanismos da paranóia e da esquizofrenia parecem fazer parte de uma mesma série e resultarão em um só mecanismo para a psicose.⁸⁴ Mas, e quanto ao destino da libido na melancolia?

A partir do texto “Luto e melancolia”, novos subsídios são trazidos por Freud para discorrer sobre a questão da melancolia. Como já se sabe, na melancolia, a libido retorna para o eu, mas de modo diferente em relação à paranóia.

Freud nos apresenta, nesse texto, as principais idéias que desenvolveu ao longo de sua investigação acerca da melancolia. Ele quer investigar a natureza da melancolia, e busca isso através da comparação com o afeto normal do luto. Tal comparação implica descobertas que marcam diferenças entre as duas modalidades.

A teoria que Freud construiu para dar conta da particularidade da subjetividade melancólica repousa fundamentalmente em dois conceitos, ambos originais em seu pensamento: identificação e narcisismo. Muito cedo, em seu diálogo com Fliess, Freud

⁸² FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia, p. 96.

⁸³ O estudo desenvolvido por Lacan para estabelecer como o eu se constitui — partindo de seu texto, “O estágio do espelho em sua formação do eu”, será sustentado por essas idéias aqui descritas por Freud. Ver-se-á, adiante, neste estudo, em que ponto do desenvolvimento da libido o melancólico se fixou.

⁸⁴ É o que Lacan vai isolar a partir do termo *Verwerfung*, que será destacado no terceiro capítulo desta dissertação.

utilizou o mecanismo de identificação para dar conta dos sintomas histéricos e melancólicos. Mas, no texto de 1915, desenvolve com precisão a distinção entre identificação histérica e identificação melancólica, porque nesse momento já pode articulá-las com referência à teoria do narcisismo. Além disso, ele retoma o sentido dado em seus primeiros manuscritos a respeito da perda no luto e na melancolia.

Desde o início somos alertados para o fato de que a melancolia assume várias formas clínicas, e de que sua definição também varia, inclusive nas descrições da psiquiatria sobre esse quadro clínico.

2.3 A perda no eu

Viu-se até o momento a necessidade da clínica diferencial da paranóia e da melancolia para uma maior diferenciação da natureza metapsicológica da melancolia em Freud. Interessa salientar que essa mesma perspectiva será buscada em Freud quando ele procura estabelecer esse mesmo procedimento na clínica diferencial entre o luto e a melancolia, extraíndo, da analogia entre as duas categorias, a especificidade de cada uma. De uma maneira bem precisa, estabelece a diferença entre a depressão normal e a depressão melancólica. O que se segue são os passos dados por Freud para delimitar as duas modalidades.

A correlação entre o luto e a melancolia, que nos apresenta, começa por definir o que é o luto:

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por

consequente, suspeitamos que essas pessoas possuem uma disposição patológica.⁸⁵

Em relação ao luto, segundo Freud, não há indicação de intervenção médica, pois é superado com o tempo.

Quanto à melancolia, seus traços principais são caracterizados por Freud como sendo:

Um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição.⁸⁶

Chama-nos a atenção a expressão com que Freud se refere à posição do melancólico: uma *expectativa delirante de punição*.⁸⁷ Passo a passo, Freud estabelece a distinção entre o luto e a melancolia, e verifica que os traços encontrados na melancolia também podem ser encontrados no luto. No entanto, anuncia um traço importante que os distingue. Trata-se de que, na melancolia, há uma perturbação da estima de si, o que não está presente no luto.

Recordemos como, em seu artigo sobre o narcisismo (1914), Freud já anunciara o conceito de estima de si como sendo a expressão maior do modo pelo qual o indivíduo se vê. É a expressão do tamanho do eu. Ali ele associa intimamente a estima de si com a libido

⁸⁵ FREUD. Luto e melancolia, p. 275. v. XIV.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 276.

⁸⁷ Grifos da autora. Como vimos no Capítulo 1, essa descrição evoca a de Cotard que, não só isolou, mas também descreveu o mecanismo do delírio de autoacusação, que culmina no delírio de punição como específico da melancolia: “Os pacientes acusam a si mesmos, e com isso, eles mesmos são seus perseguidores.”

narcisista para distinguir que, “nos parafrênicos, a estima de si aumenta, enquanto que nas neuroses de transferência ela se reduz”.⁸⁸

Para chegar ao processo que ocorre na melancolia, vale ressaltar o que vem a ser o trabalho do luto: “O teste da realidade revelou que o objeto não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto.”⁸⁹ Mas, segundo Freud, não é tarefa fácil uma pessoa abandonar uma posição libidinal. O fato de reconhecer a perda na realidade do objeto amado não impede que esse objeto permaneça carregado libidinalmente, já que o desligamento da libido não segue de maneira automática aquele reconhecimento. Há uma certa resistência por parte da libido em abandonar o objeto. Em função disso, a retirada libidinal não se opera de maneira imediata, nem em uma só operação. Por isso, quando se perde um objeto, o trabalho do luto vai ocorrendo passo a passo, em uma sucessão de pequenas operações que “são executadas pouco a pouco, com grande dispêndio de tempo e de energia catexial, prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido”.⁹⁰ Assim, a pessoa evoca cada uma das lembranças do objeto perdido, e a libido vinculada ao objeto é hipercatexizada. A consequência é que o processo de desligamento da libido em relação às lembranças do objeto se realiza e libera novamente o eu, desinibindo-o. Assim se conclui o trabalho do luto.

Quanto à melancolia, Freud irá dizer que o paciente não sabe *o que* perdeu. O paciente sabe *quem* ele perdeu, mas não *o que* perdeu nesse alguém. Pode-se dizer, então, que: “Isso sugeriria que a melancolia está, de alguma forma, relacionada a uma perda

⁸⁸ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 115. v. XIV.

⁸⁹ FREUD. Luto e melancolia, p. 276. v. XIV.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 277.

objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda.”⁹¹

As conseqüências da perda de objeto no luto e na melancolia são, portanto, distintas e nos orientam para a especificidade da resposta em cada um:

No luto, verificamos que a inibição e a perda de interesse são plenamente explicadas pelo trabalho do luto no qual o eu é absorvido. Na melancolia, a perda desconhecida resultará num trabalho interno semelhante, e será, portanto, responsável pela inibição melancólica. A diferença consiste em que a inibição do melancólico nos parece enigmática porque não podemos ver o que é que o está absorvendo tão completamente.⁹²

Freud sinaliza para o fato de que a perda melancólica é desconhecida. A diminuição da estima de si é um fator que tem, como conseqüência, um empobrecimento do eu em grande escala, culminando nas queixas e auto-reprovações. Destaca-se, então, que, no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio, ao passo que, na melancolia, é o próprio eu. Assim, pode-se dizer que no luto o buraco da depressão está do lado de fora, no mundo externo, ao passo que na melancolia, o buraco é interno, no eu. Isto terá ressonâncias na clínica diferencial entre o luto e a melancolia. Nesta última, vê-se um sujeito que se apresenta totalmente desvalorizado, que se mostra incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível. Nessas condições, ele encontra motivos para se repreender e se envilecer: “[...] esperando ser expulso e punido. Degrada-se perante todos, e sente comiseração por seus próprios parentes por estarem ligados a uma pessoa tão desprezível.”⁹³ A partir dessas características, Freud afirma, então, que o melancólico pode chegar, inclusive, ao delírio:

Esse quadro de um delírio de inferioridade (principalmente moral), é completado pela insônia e pela recusa a se alimentar, e — o que é

⁹¹ FREUD. Luto e melancolia, p. 277-278.

⁹² FREUD. Luto e melancolia, p. 278.

⁹³ FREUD. Luto e melancolia, p. 278. v. XIV.

psicologicamente notável — por uma superação do instinto que compele todo ser vivo a se apegar à vida.⁹⁴

A descrição do delírio de inferioridade foi feita por Jules Séglas⁹⁵ de forma profunda, como já visto no Capítulo 1. Ao reproduzir o parágrafo acima, vê-se o quanto Freud buscou referências na psiquiatria clássica para retratar a posição melancólica quando o quadro se exacerba, culminando na dor moral e no delírio de indignidade. Freud nos adverte, contudo, que não devemos contradizer um paciente que faz tais acusações contra seu eu, pois ele deve estar com a razão. Mas o ponto essencial não consiste em saber se a autodifamação aflitiva do melancólico é correta ou não. O ponto consiste em saber se ele apresenta uma descrição correta de sua condição psicológica: “Ele perdeu seu amor-próprio e deve ter tido boas razões para tanto.”⁹⁶ De fato, o paciente sofrera uma perda relativa a um objeto, mas o que ele apresenta, ao falar dessa perda, refere-se a uma perda relativa a seu eu. Assim Freud nos introduz ao modo pelo qual, no melancólico, o eu se constitui: “Vemos como nele uma parte do eu se coloca contra a outra, julga-a criticamente, e, por assim dizer, toma-a como seu objeto.”⁹⁷ Nesse ponto de sua elaboração, somos introduzidos ao esboço do que, mais tarde, em 1920 e 1923, ele desenvolverá como sendo a instância crítica, o supereu, que, é o responsável pelos conflitos e pelas modificações no eu melancólico.

O que sobressai, no quadro clínico da melancolia, é a insatisfação com o eu. Mas, o que se observa é que as auto-acusações de um melancólico são, na verdade, acusações que se ajustam a outrem, a alguém que o paciente ama, amou ou deveria amar. Assim, Freud, ao

⁹⁴ FREUD. Luto e melancolia, p. 278.

⁹⁵ Para Jules Séglas, a “dor moral” é uma espécie de “depressão dolorosa”, responsável por grande parte dos fenômenos manifestos na melancolia.

⁹⁶ FREUD. Luto e melancolia, p. 279. v. XIV.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 280.

examinar os fatos, acaba por confirmar tal conjectura e nos fornece a chave principal do quadro clínico da melancolia: “Percebemos que as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o eu do próprio paciente.”⁹⁸ Vê-se o quanto o fenômeno de auto-acusação, isolado e descrito por Cotard, segue como um dos fatores fundamentais para a teoria freudiana da melancolia. Esse processo é descrito da seguinte maneira:

Existe, num dado momento, uma escolha objetal, uma ligação da libido a uma pessoa particular; então, devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetal foi destruída. O resultado não foi o normal — uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo —, mas algo diferente, para cuja ocorrência várias condições parecem ser necessárias. A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o eu. Ali, contudo, não foi empregada de uma maneira especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o eu, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado.⁹⁹

É possível verificar no parágrafo reproduzido acima que o conceito de identificação¹⁰⁰ está utilizado no interior da teoria do narcisismo (retirada da carga de libido do objeto e seu deslocamento para o eu, que é comum a todo sujeito). No entanto, as particularidades de cada patologia psíquica levam o narcisismo de cada um a se apresentar de modo específico. Nesse sentido, podemos fazer um contraponto entre o modo pelo qual na paranóia e na melancolia ocorre a retirada da libido para o eu. Enquanto na paranóia o narcisismo exalta e infla o eu do sujeito, na identificação narcisista do melancólico, ao

⁹⁸ FREUD. Luto e melancolia, p. 280.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 281.

¹⁰⁰ Em “Luto e melancolia”, ao se referir à perda objetal de um objeto narcisicamente investido, acarreta no fenômeno da identificação do eu com o objeto abandonado. Essa identificação é qualificada de melancolia, e, diferentemente da identificação histórica que é parcial, na melancolia ela é total. Efetua-se pela retirada da libido do objeto perdido e pelo retorno da libido para o eu. Será considerada mais originária que a identificação histórica. Cf: MIJOLLA. *Dicionário Internacional de Psicanálise*.

contrário, constitui-se uma ferida permanentemente aberta para a perda libidinal, esvaziando o eu até o empobrecimento total, uma libidorrágia, poderíamos dizer, que explica — de acordo com Freud — o assombroso eclipse no melancólico da pulsão que em todos os seres vivos os leva a aferrar-se à vida.

Freud sustenta que o sujeito fracassa no cumprimento do trabalho do luto ante a perda da pessoa amada e que reage utilizando o recurso de identificar-se com o objeto perdido para, desse modo, reconstruí-lo em seu próprio eu. Isto permite separar a ambivalência amor-ódio, já que o eu, por uma parte, conserva o amor pelo objeto abandonado e, por outra, se enfurece com esse objeto substitutivo agora reconstruído no seu eu. É por isso que as queixas do melancólico constituem uma satisfação de tendências sádicas.

Eis então, pela primeira vez, a gênese da frase que encerra o processo que ocorre na afecção melancólica: *A sombra do objeto caiu sobre o eu*. Disso decorre que uma perda objetual se transforma numa perda do eu, e o conflito entre o eu e a pessoa amada passa a ser vivido pela separação entre o eu e a atividade crítica do eu que é alterado pela identificação. Para o propósito aqui apresentado, o conceito de identificação ocupa um lugar central e merece ser elucidado com cuidado.

O próprio Freud buscou, em vários autores, contribuições valiosas para desenvolver o que seria essa identificação com o objeto. Otto Rank, por exemplo, disse que a escolha objetual se efetuará numa base narcisista. Foi a partir dessa afirmação que Freud assinala que um dos mecanismos mais importantes nas afecções narcisistas é a substituição da identificação pelo amor objetual. Reafirma, em “Luto e melancolia”, a idéia que já havia dito em seu texto “A pulsão e suas vicissitudes”:

[...] A identificação é uma etapa preliminar da escolha objetal, que é a primeira forma — e uma forma expressa de maneira ambivalente — pela qual o eu escolhe, e, em conformidade com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o.¹⁰¹

Freud passa, então, a investigar os estados depressivos que se seguem à morte de uma pessoa amada, na neurose obsessiva, e os compara com a melancolia.

Segundo ele, na neurose obsessiva há um conflito devido à ambivalência, que empresta um cunho patológico ao luto, que o força a expressar-se sob a forma de auto-recriminação, no sentido de que a própria pessoa enlutada é culpada pela morte do objeto amado, isto é, que ela o desejou. Já na melancolia, a predisposição à doença vai além da perda por morte, incluindo situações de desprezo, desconsideração ou desapontamento, que podem trazer para a relação sentimentos opostos de amor e ódio, ou reforçar uma ambivalência já existente. Entre as pré-condições para a melancolia, Freud inclui o conflito devido à ambivalência:

Se o amor pelo objeto — um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja — se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento.¹⁰²

Com isso posto, Freud nos direciona para as conseqüências quando o ódio entra em ação no objeto substitutivo. Ele faz uma analogia entre a neurose obsessiva e a melancolia, mas distingue o processo em ambas as afecções. Segundo ele,

a autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa, do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto,

¹⁰¹ FREUD. Luto e melancolia, p. 282.

¹⁰² *Ibidem*, p. 284. v. XIV.

que retornaram ao próprio eu do indivíduo nas formas que vimos examinando.¹⁰³

O papel da autopunição é, via de regra, expressar a hostilidade do paciente em relação ao objeto original, e torturar o ente amado através da doença.

Freud tenta esclarecer a origem e a natureza dessas autotorturas e dessas auto-recriminações. Chegará à conclusão de que tais recriminações e auto-acusações são, na verdade, heteroacusações. Ou seja, se adequam muito pouco à sua própria pessoa e muitas vezes ajustam-se a outra, a quem o doente ama ou tenha amado. Tem-se então a chave de leitura que nos abre para o quadro clínico da melancolia: as auto-reprovações são reprovações contra um objeto de amor que então tenham se voltado para o próprio eu.

O ponto central em que Freud sustenta tal tese é a contradição notadamente marcada na posição do melancólico. Ele chama a nossa atenção para o fato de que o melancólico não se comporta como um indivíduo normal que, juntamente com as suas auto-reprovações, adota uma posição de modéstia, tendendo mais a escondê-las diante os outros. Pelo contrário, o melancólico carece de todo pudor e até poderia destacar-se o traço oposto, o desejo de comunicar a todo o mundo seus defeitos, como se obtivesse nisso uma satisfação. A expressão que Freud utiliza é bastante clara: o melancólico “encontra satisfação no desmascaramento de si mesmo”.¹⁰⁴ Esse aspecto é uma das marcas distintivas do estrago promovido pela hemorragia libidinal, no eu, que culmina no delírio de inferioridade. Esse traço, característica marcante do melancólico, é infranqueável, como disse Freud, ao trabalho psicanalítico. Ou seja, diante do delírio de inferioridade, ou de indignidade, ou de auto-acusações, presentes no melancólico, não se pode contradizer o paciente.

¹⁰³ FREUD. Luto e melancolia, p. 284. v. XIV.

¹⁰⁴ FREUD. Luto e melancolia, p. 279. v. XIV.

Quanto à catexia erótica do melancólico, no tocante a seu objeto, ela sofreu uma dupla vicissitude: “Parte dela retrocedeu à identificação, mas a outra parte, sob a influência do conflito devido à ambivalência, foi levada de volta à etapa de sadismo que se acha mais próxima do conflito.”¹⁰⁵

O sadismo é, na melancolia, expressão da tendência ao suicídio. Freud se refere a forças que impulsionam o eu a se destruir, mas ainda não sabe o que ocorre. No referido artigo, ele irá concluir:

O eu só pode se matar se, devido ao retorno da catexia objetal, puder tratar a si mesmo como um objeto — se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto, e que representa a reação original do eu para com objetos do mundo externo.¹⁰⁶

Outro momento importante que Freud destaca é o que já havia dito em seu “Rascunho G”. Em “Luto e melancolia”, ele utiliza a mesma expressão — *ferida aberta*:

O complexo de melancolia se comporta como uma ferida aberta, atraindo a si as energias catexiais — que na neurose de transferência denominamos de anticatexias — provenientes de todas as direções, e esvaziando o eu até ficar totalmente empobrecido.¹⁰⁷

Freud introduz a questão da mania como sendo uma tendência de transformação da melancolia. Segundo ele, o conteúdo da mania em nada difere do conteúdo da melancolia: ambas as desordens lutam com o mesmo *complexo*. São, pois, as mesmas condições econômicas que estão na base das duas afecções.

Até o final do artigo se vê o esforço de retomar a comparação do luto e da melancolia, buscando as causas dessa última:

¹⁰⁵ FREUD. Luto e melancolia, p. 284.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 285.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 285-286.

As causas excitantes da melancolia têm uma amplitude muito maior do que as do luto, que é, na maioria das vezes, ocasionado por uma perda real do objeto, por sua morte. Na melancolia, em consequência, travam-se inúmeras lutas isoladas em torno do objeto, nas quais o ódio e o amor se digladiam; um procura separar a libido do objeto, o outro, defender essa posição da libido contra o assédio.¹⁰⁸

A localização dessas lutas é no inconsciente. Quanto ao luto, os esforços para separar a libido são enviados, mas, nele, nada obstrui o processo de seguir o caminho normal através do pré-consciente até a consciência. Na melancolia, esse caminho está bloqueado para o trabalho. Vale ressaltar, para esclarecer melhor, o modo como Freud descreve essa situação:

A localização dessas lutas só pode ser atribuída ao sistema Ics, a região dos traços de memória de coisas (em contraste com as catexias da palavra). No luto, também, os esforços para separar a libido são enviados nesse mesmo sistema; mas nele nada impede que esses processos sigam o caminho normal através do Pcs até a consciência. Esse caminho, devido talvez a um certo número de causas ou a uma combinação delas, está bloqueado para o trabalho da melancolia.¹⁰⁹

No texto original, em alemão, encontramos, no lugar da palavra “bloqueado”, a palavra “barrado” — *Gesperrt*. Na psiquiatria alemã, *Gesperrt* designa a barragem da esquizofrenia. Essa discussão é muito importante, já que é pela via da inacessibilidade, causada pela barragem, que o melancólico não tem acesso à representação consciente do que ele perdeu. Nesse sentido, o caminho só leva ao resultado de uma identificação do eu ao objeto perdido. Vale lembrar a expressão mais importante, que designa o processo da identificação na melancolia, utilizada por Freud: “A sombra do objeto caiu sobre o eu, e

¹⁰⁸ FREUD. Luto e melancolia, p. 289-290.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 290.

este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado.”¹¹⁰

Das três pré-condições apresentadas por Freud para a melancolia, temos: a perda do objeto, a ambivalência e a regressão da libido ao eu. Entre essas, as duas primeiras também se encontram presentes nas auto-recriminações obsessivas que surgem depois da ocorrência de uma morte de um ente querido. Conclui-se, então, que o terceiro fator, o da regressão da libido ao eu, sob a base de uma identificação narcisista, é um fator específico, responsável pelo resultado da melancolia.

Uma leitura mais cuidadosa do texto foi o que permitiu visualizar a melancolia pela perspectiva do luto. Isso tem levado a crer que Freud estabelece uma continuidade entre luto e melancolia, e que, na verdade, há um erro ao se tentar compreender a melancolia como sendo um luto patológico. Na melancolia há uma impossibilidade para realizar o luto. É preciso que nos alertemos para as três formas clínicas que, no texto freudiano, estão bem claras: o luto normal, que tem seu sentimento de tristeza como correlato e, por modelo, o processo do luto. A segunda forma é o luto patológico, na qual estão incluídas as depressões neuróticas, que abarca um conjunto amplo de patologias não psicóticas. Quanto à terceira forma, Freud apresenta a melancolia, mas pode-se concluir que nesta cabem também as outras depressões psicóticas, reguladas segundo o regime do narcisismo. O que se pretende é fazer prevalecer o critério da distinção neuroses-psicoses.¹¹¹

¹¹⁰ FREUD. Luto e melancolia, p. 281.

¹¹¹ Cf. MAZZUCA. *Las psicosis: fenómeno y estructura*, p. 110. Segundo esse autor, o luto patológico é introduzido para referir-se à modalidade que adota o luto em certas patologias que não correspondem ao campo das psicoses, mas apresentam alguns traços da melancolia. Por exemplo, a severidade e o sadismo dos ataques do supereu na neurose obsessiva.

O que se vê é Freud, em Luto e Melancolia, ora pendendo para ressaltar as semelhanças e, dessa forma, agregando juntos, na mesma categoria, a melancolia e o luto, ora predominando as diferenças, destacando de um lado o luto, do outro, a melancolia e, no meio, a neurose obsessiva, na qual, ainda que patológico, há luto. Vale destacar que a elaboração freudiana está construída, então, sobre a diferenciação entre três estados clinicamente distintos. Tal delimitação entre esses campos é crucial no direcionamento de uma psicanálise.

Considero valioso destacar, ainda, um livro de Freud: *Neuroses de transferência: uma síntese*. Esse livro foi escrito após ter concluído “Luto e melancolia”, e foi enviado a seu discípulo Sándor Ferenczi, na ocasião em que foi escrito, em 1915. No entanto, o texto somente foi descoberto em 1986, por Ilse Grubrich-Simitis, quando ela estava em Londres, preparando a publicação da correspondência de Freud a Ferenczi. Após ter lido uma carta manuscrita por Freud, que estava endereçada a Ferenczi, juntamente com o texto encontrado, Ilse Simitis concluiu que se tratava do rascunho do décimo segundo ensaio metapsicológico.

O objetivo de percorrer esse texto é investigar os caminhos que Freud tomou para afirmar que tanto a paranóia quanto a esquizofrenia e a melancolia estão na mesma categoria de neuroses narcísicas. Além disso, o autor segue uma pista valiosa para a dissertação ora proposta, no que diz respeito ao processo de identificação na melancolia.

Além das neuroses narcísicas, Freud investigou também as três neuroses de transferência. Ele tentou fazer uma seqüência dessas enfermidades do ponto de vista do desenvolvimento biológico. Assim ele diz:

[...] as neuroses narcisistas, por sua vez, retrocedem às fases anteriores ao encontro do objeto: a demência precoce regride até o auto-erotismo; a

paranóia, até a escolha homossexual e narcisista de objeto; a melancolia baseia-se na identificação narcisista com o objeto. As diferenças consistem em que, sem dúvida, a demência aparece mais cedo que a paranóia, embora sua disposição libidinosa retroceda a estádios mais primitivos, enquanto que a melancolia-mania não permite uma classificação temporal segura.¹¹²

Mas Freud parecia inseguro quanto às seqüências cronológicas das neuroses. Retoma, então, seu texto “Totem e tabu” para fazer uma analogia da melancolia-mania na situação da horda primeva, a fim de reunir elementos que possam estabelecer a condição do mecanismo na melancolia. Trata-se de um momento fundamental, quando Freud nos dá pistas valiosas para estabelecermos as condições primitivas da melancolia.

Vejamos como ele estabelecerá tal analogia da melancolia com o assassinato do pai da horda primeva pelos filhos:

A classificação da melancolia-mania nesse contexto esbarra com a dificuldade de que não é possível determinar com certeza a época normal para o aparecimento individual desses sofrimentos neuróticos. Mas, seguramente, é mais na idade adulta que na infância. [...]. Assim, esse grande acontecimento da história da humanidade, que pôs fim à horda primitiva e a substituiu pela fraternidade vitoriosa, daria origem às predisposições da peculiar sucessão de estado de ânimo que reconhecemos como particulares afecções narcisistas ao lado das parafrenias. O luto pelo pai primitivo emana da identificação com ele, e tal identificação, provamos ser o mecanismo da melancolia.¹¹³

Essa citação contém uma nota de rodapé, na página 79, esclarecendo que “neurótico”, nesse lugar, é evidentemente usado no sentido de psicose e não de neurose de transferência. Aqui Freud já estabelece a distinção entre as psicoses e as neuroses. Mas o ponto principal que merece destaque é a afirmação de que o mecanismo da melancolia é a identificação com o pai primevo. Resta saber se é ao pai primevo, gozador, ou ao pai morto, assassinado pelos filhos. É possível que tenhamos pistas suficientes para

¹¹² FREUD. *Neuroses de transferência: uma síntese*, p. 73-74.

¹¹³ FREUD. *Neuroses de transferência: uma síntese*, p. 79-80.

afirmar que o melancólico se identifica é com o pai detentor de um gozo ilimitado. Vamos retomar isso logo adiante.

Em 1921, Freud dá passos decisivos em seu estudo sobre a identificação e, portanto, sobre a constituição do eu. Na parte VII do texto “Psicologia de grupo e análise do eu”, ele define o conceito de identificação como sendo “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo.”¹¹⁴ Além disso, a identificação serve de molde para a construção do eu.

Ao analisar a relação do menino com o pai, Freud retoma pontos importantes que já havia mencionado em seu artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução”, no que diz respeito ao tipo de escolha objetal. Discorre sobre tal relação e diz que o menino gostaria de crescer como o pai e de ser igual a ele, ou seja, de se identificar com ele. Ao mesmo tempo, o menino desenvolve um laço libidinal objetal em relação à mãe; ele quer ser o pai de forma a ter direitos sobre a mãe. Dessa forma, o menino apresenta um laço libidinal de identificação com o pai e um laço libidinal de investimento objetal com a mãe.

Diante dessa relação, pode-se concluir que

A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início [...] comporta-se como um derivado da primeira fase da organização da libido, da fase oral, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal.¹¹⁵

Freud nos apresenta de uma forma clara a distinção entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto: “No primeiro caso, o pai é o que gostaríamos de *ser*; no segundo, o que gostaríamos de *ter*, ou seja, a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito

¹¹⁴ FREUD. Psicologia de grupo e análise do eu, p. 133. v. XVIII.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 133-134.

ou ao objeto do eu.”¹¹⁶ A identificação com o pai é ambivalente porque apresenta tanto impulsos afetuosos como hostis.

Assim ocorre a identificação: uma pessoa tenta moldar o seu próprio eu segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo. O mecanismo de identificação está na base da identidade sexual e da constituição do eu.

A partir desse panorama conceitual, Freud vai descrever a identificação na histeria e na melancolia. Na histeria, como se sabe, a identificação traz consigo a produção de um sintoma, na qual a identificação é sempre parcial.

Antes de entrar no mecanismo da identificação que ocorre na melancolia, Freud retoma a gênese do homossexualismo masculino, em que, após a puberdade, o jovem não abandona a mãe, mas identifica-se com ela: “transforma-se e procura então objetos que possam substituir o seu eu para ele, objetos aos quais possa conceder um amor e um carinho iguais aos que recebeu de sua mãe.”¹¹⁷

Isso posto, Freud se refere ao ponto desse texto que mais nos interessa: a identificação com um objeto que é renunciado ou perdido, como um sucedâneo para esse objeto. A isso ele nomeia de introjeção do objeto no eu, processo que alicerça o mecanismo da melancolia:

Outro exemplo de introjeção do objeto foi fornecido pela análise da melancolia, afecção que inclui, entre as mais notáveis de suas causas excitadoras, a perda real ou emocional de um objeto amado. Uma característica principal desses casos é a cruel autodepreciação do eu, combinada com uma inexorável autocrítica e acerbas autocensuras. As análises demonstraram que essa depreciação e essas censuras aplicam-se, no fundo, ao objeto e representam a vingança do eu sobre ele. A sombra

¹¹⁶ FREUD. Psicologia de grupo e análise do eu, p. 134. v. XVIII.

¹¹⁷ FREUD. Psicologia de grupo e análise do eu, p. 137. v. XVIII.

do objeto caiu sobre o eu, como disse noutra parte. Aqui a introjeção do objeto é inequivocamente clara.¹¹⁸

Assim, podemos concluir, ao retomar Luto e Melancolia, que a frase “A sombra do objeto caiu sobre o eu” resume que, na melancolia, é o mecanismo de identificação pela qual o eu introjeta o objeto perdido e se identifica com ele, como modo de reter o objeto, que nos dá a chave do que ocorre no processo patológico da melancolia.

Em relação ao tema da introjeção, vale conferir Karl Abraham, discípulo e contemporâneo de Freud, que em seu artigo de 1924,¹¹⁹ teceu considerações relevantes sobre o assunto. A sua intenção é deixar bem claro que a introjeção do objeto de amor constitui uma incorporação do mesmo, acompanhando a regressão da libido ao nível do canibalismo. Nesse artigo pode-se encontrar dois termos: introjeção e incorporação, que não significam a mesma coisa, e é preciso esclarecê-los.¹²⁰ Podemos deduzir que a incorporação envolve não somente a atividade oral, mas também a incorporação pela pele, pela visão, pela audição e pelo ânus, que são zonas libidinais. Ao ato de incorporar, se observam três objetivos fundamentais: “obter um prazer fazendo penetrar um objeto em si; destruir esse objeto e assimilar as qualidades desse objeto conservando-o dentro de si.”¹²¹ O fato de assimilar e conservar o objeto dentro do eu é o que faz da incorporação *o protótipo corporal da introjeção e da identificação*.¹²² Quanto à introjeção, embora seja um processo parecido com a incorporação, não pode ser confundido com esta. O ato de incorporar está diretamente associado ao corpo, enquanto a introjeção é mais abrangente no que concerne a

¹¹⁸ FREUD. Psicologia de grupo e análise do eu, p. 137-138. v. XVIII.

¹¹⁹ ABRAHAM. *Teoria psicanalítica da libido*: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido.

¹²⁰ A incorporação é o processo pelo qual o sujeito, de um modo mais ou menos fantasístico, faz penetrar e conserva um objeto no interior do seu corpo Cf. LAPLANCHE & PONTALIS, p. 238.

¹²¹ LAPLANCHE & PONTALIS, p. 239.

¹²² *Ibidem*, p. 239.

colocar para “dentro” algo de “fora”.¹²³ Mais adiante ver-se-á a relação da introjeção e da incorporação do melancólico com o pai da horda primeva e com *das Ding*.

Tal mecanismo identificatório impede, na melancolia, o trabalho do luto. Portanto, o melancólico é impossibilitado de fazer o luto, pois o objeto perdido retorna para dentro do eu e o divide. Com isso, abre-se campo para a instância crítica agir com crueldade e severidade para com a parte do eu que introjetou o objeto. A melancolia nos mostra, pois, um eu separado em duas partes: uma delas vocifera contra a outra, que foi alterada pela introjeção e contém o objeto perdido. Quanto à parte cruel, ela é uma instância crítica dentro do eu.

Em seu artigo “Sobre o narcisismo...”, Freud já levantava a hipótese de que tal instância se desenvolve dentro do eu e que ela se isola do resto do eu e entra em conflito com ele. É o que ele, então, nomeia de ideal do eu, que tem a função de auto-observar, de vigiar e de censurar os sonhos.

Em 1921, em “Psicologia de grupo e análise do eu”, Freud retoma seu texto “Totem e tabu”, de 1911, em uma nota de pé de página, na qual ele se refere à identificação: “[...] o estudo dessas identificações, como por exemplo, as encontradas na raiz do sentimento de clã... podem mesmo ser criadas por uma refeição ingerida em comum. Esse aspecto torna possível vincular esse tipo de identificação à primitiva história da família humana que elaborei em “Totem e tabu”.¹²⁴

A análise de Freud em relação à melancolia prossegue, introduzindo as particularidades da melancolia e seu par, a mania. Ele havia mencionado brevemente tal

¹²³ O termo introjeção é mais amplo: já não é apenas o interior do corpo que está em questão, mas o interior do aparelho psíquico, de uma instância. Cf. LAPLANCHE & PONTALIS, p. 249.

¹²⁴ FREUD. Psicologia de grupo e análise do eu, p. 139. v. XVIII.

correlação em “Luto e melancolia”, mas, em “Psicologia de grupo e análise do eu”, ele desenvolverá mais sobre o assunto. Nesse caso, sempre que algo no eu coincidir com o ideal do eu, haverá uma sensação de triunfo, assim como haverá um sentimento de culpa e de inferioridade quando houver uma tensão entre o eu e o ideal do eu. Ele se refere à forma cíclica da melancolia: mania, quando a pessoa oscila periodicamente em seu estado de ânimo; ora uma depressão excessiva, ora uma sensação exaltada de bem-estar. Mas, nem todos os casos de depressão cíclica podem ser descritos como psicogênicos.

Existem outros casos, que perturbam e atormentam a vida da pessoa, mas não se encontram neles causas precipitantes nem externas nem internas. São os casos de melancolia que Freud nomeou de espontâneos. Quanto à melancolia psicogênica, ele assim descreve:

São aquelas que ocorrem após a perda de um objeto amado, seja pela morte, seja por efeito de circunstâncias que tornaram necessária a retirada da libido do objeto. Uma melancolia psicogênica desse tipo pode terminar em mania e o ciclo repetir-se diversas vezes, tão facilmente como num caso que parece ser espontâneo.¹²⁵

Mas, para Freud, ainda resta uma certa obscuridade nos quadros de melancolia, embora ele tenha compreendido e descrito o processo da melancolia, bem como o mecanismo de identificação em torno do qual tal patologia evolui.

Talvez essa obscuridade esteja colocada no fato de, às vezes, no decorrer desse texto, Freud se referir ao termo “depressão periódica” para se referir à melancolia, expressão que ele buscou na psiquiatria clássica, e em Abraham. Outro ponto que fica obscuro é quando ele se refere ao tipo de melancolia “espontânea”, ou seja, que não tem causa precipitadora nem interna e nem externa ao eu.

¹²⁵ FREUD. Psicologia de grupo e análise do eu, p. 167. v. XVIII.

Mas, paralelo à melancolia espontânea, Freud se refere a outro tipo de melancolia, que nomeou de *melancolia do tipo psicogênica*, para a qual utiliza a mesma expressão que utilizou para se referir ao mecanismo na paranóia, a partir da análise de Schreber: “No tipo psicogênico, o eu seria incitado à rebelião pelo mau tratamento por parte de seu ideal, mau tratamento que ele encontra quando houve uma identificação com um objeto *rejeitado*.”¹²⁶ No texto em português, encontramos a palavra rejeitado, mas, no texto original em alemão, está a palavra *Verworfen*. Essa citação nos indica que Freud estava investigando a melancolia na mesma direção que investigava o mecanismo de base na paranóia. Na análise do caso Schreber ele diz o seguinte: “[...] aquilo que foi internamente *abolido* retorna desde fora.”¹²⁷

Será então que nesses estados descritos acima por Freud como sendo de “melancolia espontânea”, não tendo o mesmo mecanismo de identificação ao objeto perdido, poderíamos falar de melancolia?

Resta-nos, a seguir, percorrer o texto “O eu e o isso”, no qual Freud desenvolve as instâncias psíquicas e as relações que mantêm entre si. Vale ressaltar que nesse texto ele formalizou, a partir dos desenvolvimentos teórico-conceituais acumulados até então, uma descrição mais precisa da melancolia.

2.4 A pura cultura da pulsão de morte

Em “O eu e o isso”,¹²⁸ novas descobertas são feitas em direção ao *sentimento inconsciente de culpa*. Freud elucida, então, o mecanismo da melancolia, ao aprofundar sua

¹²⁶ FREUD. Psicologia de grupo e análise do eu, p. 168. v. XVIII.

¹²⁷ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides), p. 95. v. XII. No terceiro capítulo, veremos como Lacan e outros autores retomaram essa formulação, ajustando os termos específicos da melancolia para tomá-la ao campo das psicoses.

¹²⁸ FREUD. O eu e o isso. v. XIX.

investigação sobre a relação entre o eu e o supereu. Retomando o Complexo de Édipo, bem como sua dissolução, dele extrai o conceito de supereu, como seu herdeiro. O supereu representa as relações primitivas com os pais, e relaciona-se com o eu, sempre impondo uma proibição ou um dever. Por via de consequência, o resultado desse conflito é vivido pelo sujeito como sentimento de culpa.¹²⁹

A propósito, chama a atenção a diferença que Freud estabelece entre a neurose obsessiva e a melancolia, relativamente à questão da auto-acusação. Na neurose obsessiva, o sentimento de culpabilidade exprime-se ruidosamente, mas sem poder justificar-se diante do eu. Este se revolta contra a atribuição de culpabilidade advinda da instância moral e implora ao analista um apaziguamento desse sentimento. Freud examina esse sentimento de culpa para distinguir a neurose obsessiva da melancolia. Nesta,

[...] a impressão de que o supereu obteve um ponto de apoio na consciência é ainda mais forte. Aqui o eu não se arrisca a fazer objeção; admite a sua culpa e submete-se ao castigo. Na neurose obsessiva, o que estava em questão eram impulsos censuráveis que permaneciam fora do eu, enquanto que na melancolia, o objeto a que a ira do supereu se aplica foi incluído no eu mediante identificação.¹³⁰

Freud assinala, contudo, que seria infrutífero ceder a essa reivindicação do paciente, pois o supereu se move por processos que ocorrem à revelia do eu. Na realidade, na base do sentimento de culpabilidade encontra-se uma série de moções pulsionais recalcadas. Já na melancolia, a impressão de que o supereu está anexado à consciência é ainda mais forte, e o eu não manifesta nenhum protesto — apresenta-se como culpável e submete-se aos castigos que lhe são infligidos. Merece destaque o posicionamento incisivo de Freud ao caracterizar

¹²⁹ No fragmento de caso clínico apresentado na Introdução, a culpa do paciente chega a ser implacável, que o leva a cometer atos contra si mesmo, colocando sua própria vida em risco. Assim, enquanto na paranóia o outro é o culpado (a acusação é feita ao outro), na melancolia, a culpa recai sobre o eu do sujeito e é o próprio eu que o sujeito golpeia.

¹³⁰ FREUD. O eu e o isso, p. 67-68. v. XIX.

essa diferença. Para ele, se, na neurose obsessiva, as moções inconvenientes permanecem fora do eu, na melancolia, o objeto que atrai a cólera do supereu é anexado, pela identificação, ao eu. Os termos de Freud são suficientemente claros para a neurose obsessiva: “[...] o eu se rebela contra a imputação de culpa”.¹³¹ Na reação do obsessivo a essa interpelação, constata-se uma certa incongruência entre a dimensão pulsional e o eu. No caso da melancolia, ao contrário, não se detecta nenhum traço de revolta ou de protesto em relação à imputação de ser culpado pela perda. A respeito disso, Freud esclarece:

[...] o componente destrutivo entrincheirou-se no supereu e voltou-se contra o eu. O que está influenciando agora o supereu é, por assim dizer, uma cultura pura de pulsão de morte e, de fato, ela, com bastante freqüência, obtém êxito em impulsionar o eu à morte, se aquele não afasta o seu tirano a tempo, através da mudança para a mania.¹³²

Mas, como vimos, nem toda melancolia evolui para mania. Nesses casos, a culpabilidade acontece sem nenhuma objeção, sem nenhum movimento contra, por parte do melancólico. Há uma espécie de ausência de mediação, uma falta de palavras que possam contestar tal imputação de culpa. E é justamente essa ausência da mediação capaz de livrar o melancólico da culpa que dá a chave para se explicar a metáfora paradoxal do melancólico que “apresenta queixa-crime contra si mesmo”.¹³³ Isso ocorre pelo fato de o melancólico reivindicar para si a culpa pela perda. Tal culpabilidade, elevada em seu mais alto grau, se transforma em auto-acusação. Conforme Freud afirmou, a auto-acusação advém de uma heteroacusação, onde o sujeito endereça a si mesmo as acusações que visam um outro objeto. Tal fenômeno é específico da melancolia quando se atinge um ponto de certeza sobre a acusação, onde o sujeito de incrimina a ponto de não deixar nenhum espaço

¹³¹ FREUD. O eu e o isso, p. 67.

¹³² FREUD. O eu e o isso, p. 69-70.

¹³³ Essa metáfora é descrita por Julia Kristeva, em seu livro *Sol negro*.

para dúvida. Em resposta à perda do objeto e à conseqüente identificação do sujeito a isso que foi perdido, as auto-acusações retornam para o eu. A ele são deferidos pelo supereu os insultos, as injúrias e as difamações que designam o ser supremo em culpa. O que vem para compensar essa auto-acusação é uma expectativa de punição, mas, por maior que seja o castigo a que o sujeito se submeta, jamais poderá ser absolvido.

O melancólico é aquele que espera e, nessa espera, adquire a certeza de que sua punição vai acontecer a qualquer momento. Enquanto isso, a auto-acusação vai se traduzindo por constantes golpes contra si mesmo, com ou sem delírio.

A pulsão de morte destaca-se, portanto, como que reinando ali onde ocorre a desfusão com o componente erótico. Como se sabe, o fio que segura o melancólico à vida é tênue, e nele pode-se ver a ação dessa força destrutiva imperiosa, que age no silêncio das tentativas de auto-extermínio. A meu ver, na melancolia, o medo da morte não está presente para barrar a morte. Nesse ponto, Freud acaba por articular o medo da morte na melancolia ao medo da castração.¹³⁴ O que se presentifica, então, é o impulso autodestrutivo que, ao imperar, leva o sujeito quase à morte — o que me permite ressaltar uma preponderância do desejo de morte sobre o medo da morte. E isso me leva a indagar — o que proponho aprofundar no Capítulo 3 desta dissertação — se essa não-presença do medo da morte tem a ver com o que Lacan irá chamar de não inscrição do “Nome-do-Pai”.¹³⁵ Se, na paranóia, verifica-se o deslocamento da libido como mecanismo e a projeção para o exterior, na

¹³⁴ No fragmento do caso clínico, o “caso M”, percebe-se que o medo da morte é pouco evidente — como se, não operando a castração, o sujeito ficasse à mercê da pulsão de morte.

¹³⁵ Noção introduzida por Lacan. Designa cada significante, na medida em que não se remete a um objeto, mas a um outro significante, é simbólico da falta que ele introduz no ser. É o significante do “Nome-do-Pai” que torna essa falta apta a manter e a alimentar o desejo. Se não ocorrer tal operação, essa falta será devorante. Cf: MIJOLLA, p. 1270.

melancolia, ocorre a “hemorragia de libido”, imperando, então, em decorrência da defusão¹³⁶ das pulsões, a pulsão de morte.

Contudo, as elaborações de Freud acerca das afecções patológicas ainda prosseguem. Merece atenção o modo pelo qual ele se refere aos campos psicopatológicos em seu texto “Neurose e psicose”. Aqui, em 1924, ele estava às voltas com o estabelecimento das diferenças entre as neuroses e as psicoses. Ao introduzir uma nova expressão para designar a melancolia, ele chama a nossa atenção ao tomá-la como uma *psiconeurose narcísica*, partindo da relação do supereu com o eu. Embora tente distinguir as patologias, o desenvolvimento que Freud fez, para chegar a formular a idéia de que a melancolia é um conflito do supereu com o eu, permanece pouco claro. Vamos ver como Freud desenvolve tal formulação:

A etiologia comum ao início de uma psiconeurose e de uma psicose sempre permanece a mesma. Ela consiste em uma frustração, em uma não-realização, de um daqueles desejos de infância que nunca são vencidos e que estão profundamente enraizados em nossa organização filogeneticamente determinada. Essa frustração é, em última análise, sempre uma frustração externa, mas no caso individual, ela pode proceder do agente interno (supereu) que assumiu a representação das exigências da realidade.¹³⁷

Freud vai se referir, então, ao fato de que para analisarmos um conflito patogênico devemos levar em consideração as relações do eu com o supereu. Segundo ele, quando o eu se deixa silenciar pelo isso, ele é arrancado da realidade. Mas, quando o conflito girar em torno do supereu, que é o reservatório que reúne tanto as influências originárias do isso

¹³⁶ Essa expressão é empregada para designar o desligamento da pulsão de morte da pulsão que liga o sujeito à vida, pela qual as pessoas se mantêm vivas.

¹³⁷ FREUD. Neurose e psicose, p. 191-192. v. XIX. Gostaria de destacar, a partir da citação acima, uma indicação bem precisa feita por Frédéric Pellion. Em seu livro: *Melancolia y verdad*, ele diz que o termo frustração usado nessa citação, na verdade foi traduzido recentemente do termo alemão *Versangungen*, como *negativa*. Para ele, o termo antes usado como *frustração* designa, muito menos, a determinação interna do fracasso em questão. Nesse caso, a nova tradução expressa de forma mais ampla o processo que fracassa na melancolia. Cf. PELLION. *Melancolia y verdad*.

quanto do mundo externo, o destino pode ser outro. O conflito do supereu com o eu acontece porque o primeiro constitui um modelo de reconciliação entre os diversos relacionamentos dependentes, mas que é um *modelo ideal* daquilo a que visa o *esforço total do eu*. Daí advém todo o conflito, pois o eu não se concilia, mesmo com todo esforço, com as exigências do supereu, e, como vimos em “O eu e o isso”, acaba por sucumbir à tirania do supereu, exatamente por ter introjetado o objeto perdido em seu interior.

Mas, aqui em 1924, as relações que Freud desenvolveu em 1923, em “O eu e o isso”, parecem ficar um pouco em reserva. Com isso, ele afirma então que:

Podemos provisoriamente presumir que tem de haver também doenças que se baseiam em um conflito entre o eu e o supereu. A análise nos dá o direito de supor que a melancolia é um exemplo típico desse grupo, e reservaríamos o nome de psiconeuroses narcísicas para distúrbios desse tipo. Tampouco colidirá com nossas impressões se encontrarmos razões para separar estados como a melancolia, das outras psicoses. [...] As neuroses de transferência correspondem a um conflito entre o eu e o isso; as neuroses narcísicas, a um conflito entre o eu e o supereu, e as psicoses, a um conflito entre o eu e o mundo externo.¹³⁸

Freud, por fim, afirma que o modo pelo qual o eu vai se arranjar diante do conflito, e por que meios ele consegue emergir dos conflitos, é que vai determinar se vai *cair enfermo* ou não. Nesse sentido Freud destaca que há dois fatores importantes para serem examinados: o primeiro é saber quais as tendências estão lutando entre si. Em segundo lugar, ele considera que o eu pode evitar uma ruptura ao deformar-se, ou submetendo-se a usurpações em sua própria unidade, ou até mesmo efetuando uma clivagem ou divisão de si próprio. Por não considerar esse assunto esgotado, tudo isso ainda merece, para Freud, desenvolvimentos posteriores. Ele considera que o mecanismo análogo ao recalque, por

¹³⁸ FREUD. Neurose e psicose, p. 192. v. XIX.

cujo intermédio o eu se desliga do mundo externo, deve ser o responsável pela enfermidade, na psicose.

Essa é uma discussão muito importante na obra de Freud acerca das patologias psíquicas e das conseqüências para o sujeito das enfermidades. Um dos fatores indicados¹³⁹ para estabelecermos a diferença entre psicose e neurose em Freud é considerar a eficácia do tratamento psicanalítico. É por essa razão que, em uma consideração mais recente, Mazzuca pondera que:

Isto fica registrado na nomenclatura com este termo, neuroses de transferência. Não se trata de que, no que hoje chamamos psicoses, não se produza o fenômeno da transferência, senão que este adquire outras características que não o fazem favorável à cura psicanalítica.¹⁴⁰

A partir de 1924, Freud estabelece sua terceira e última nosologia, na qual desaparece a categoria mais geral (psiconeuroses), e encontramos diretamente os três grupos: o das neuroses atuais, o das neuroses que coincidem com o que na nosologia intermediária (1914) chamou de neuroses de transferência e, para aquilo que havia chamado neuroses narcisistas, reserva o nome de psicoses.

As observações de Roberto Mazzuca são precisas e, segundo ele,

Sem dúvida, [Freud] conserva o termo de neuroses narcisistas, mas como uma categoria intermediária entre neuroses e psicoses, fundamentalmente para referir-se aos quadros de melancolia. Freud nunca terminou de investigar a esse respeito, se isto que chamamos melancolia é efetivamente uma psicose ou não. Isso fica como um ponto de dúvida e como um setor ambíguo na nosologia freudiana. Essa colocação intermediária não é casual, é o sinal de que ali há um problema não resolvido: alguns casos dos que eram diagnosticados como melancolia poderiam colocar-se como neurose, outros, como psicose.¹⁴¹

¹³⁹ Cf. MAZZUCA. *Cizalla del cuerpo y del alma*: la neurosis de Freud a Lacan, p. 38.

¹⁴⁰ MAZZUCA. *Cizalla del cuerpo y del alma*: la neurosis de Freud a Lacan, p. 38.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 38-39.

O modo pelo qual Mazzuca afirma que há uma ambigüidade no que se refere ao texto freudiano sobre a melancolia vem ao encontro da nossa observação de que, às vezes, Freud utiliza a expressão “melancolia espontânea” e “melancolia patogênica”. A meu ver, como já disse antes, somente a patogênica é, de fato, uma psicose melancólica.

Com as afirmativas do texto freudiano “Neurose e psicose”, Marie-Claude Lambotte,¹⁴² na sua tese de doutorado sobre o discurso melancólico, propôs uma distinção entre o “rechaço” melancólico e a forclusão do “Nome do Pai” como mecanismo da psicose. Para ela, o rechaço da melancolia tem a ver com a “identificação ao nada”, e isto confirma a sua hipótese de que se

o melancólico se considera um arruinado, desapossado de seus bens, é numa relação simbólica com um estado nostálgico que ele percebeu para em seguida chegar a rechaçar o que poderia dar-lhe esta ilusão.[...] Por outro lado, o sujeito psicótico, para o qual o corte, a supressão (*Verwerfung*), ulteriormente designada por Lacan com o termo “foraclusão”, opôs-se à “afirmação primária”, fez como se o nada nunca tivesse existido.¹⁴³

Para Lambotte, ao se identificar ao nada, o melancólico se encontra inserido no primeiro traço de identificação com o qual se distingue o organismo de seu meio. Por essa via, a autora conclui que, a partir dessa identificação, o sujeito é extraído do estado mortífero do gozo absoluto. Nesse contexto ela afirma que não se pode dizer que a melancolia é uma psicose, tampouco que ela é uma neurose. O termo que ela utiliza para a melancolia é o desmentido da castração, onde o melancólico afirma a castração sob o modo do nada da deserção do desejo:

A identificação ao nada, pois, só imperfeitamente atenuou os prejuízos da catástrofe original, posto que esta continua a animar o movimento que

¹⁴² LAMBOTTE. *O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia*.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 511-512.

empurra o sujeito a recusar toda espécie de investimento sob a forma do desmentido.¹⁴⁴

A sua grande hipótese é que, na melancolia, muito mais que um “fora da simbolização”, ou seja, uma forclusão, o que está em jogo é uma falta de simbolização, onde o sujeito recusa a realidade. Por isso Lambotte utiliza o termo do desmentido e se refere a ele como uma espécie de rechaço próprio da melancolia.

A partir das contribuições de Lacan e de outros autores, seremos levados a discutir a distinção proposta por Marie Claude Lambotte, o que nos permitirá interrogar a categoria diagnóstica de psicose narcísica como sendo “nem neurose e nem psicose”.¹⁴⁵ É o que pretendo fazer no Capítulo 3.

As afirmações de Lambotte me conduzem a retomar o ponto do texto “Totem e tabu”, no qual Freud falou sobre o tipo de mecanismo básico na melancolia, que é a identificação narcísica. Ali, após os filhos terem matado o pai gozador, eles se identificam ao pai na qualidade de morto, ou seja, nessa condição de não poder mais gozar de todas as mulheres. Podemos dizer que isso culmina na renúncia e na proibição, base de toda cultura, que coloca os filhos no campo da neurose. É justamente porque os filhos estão identificados ao pai morto que nenhum deles vai ser ou fazer como o pai gozador. A lei, para eles, está instaurada. Ao matarem o pai gozador, na tentativa de ser igual a ele e de usar todas as mulheres, não se identificam com esse pai primevo por causa do sentimento de culpa que se abateu maciçamente sobre cada um. Eles são, portanto, filhos castrados.

Podemos deduzir que, diferentemente dos filhos que se identificaram ao pai morto, o melancólico se identifica com o pai gozador. O que se pressupõe é que o pai gozador do

¹⁴⁴ LAMBOTTE. *O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia*.

¹⁴⁵ Esse é o título do capítulo XIX do livro *O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia*.

melancólico o desqualifica e isso leva o melancólico a ser um desvitalizado, um arruinado, um desabonado. É porque o pai goza o tempo todo, excessivamente, que não há o desejo, portanto, não há libido para investir nesse filho. Nesse sentido, talvez se possa dizer que o pai do melancólico é um pai que não cumpre com a função do pai, um pai privado de assumir tal função. Ou seja, um pai desfalicizado. Assim, o lugar que esse pai confere ao melancólico é o lugar de dejetos: onde não sobra nada para o melancólico, porque esse pai está ocupado, gozando o tempo todo. O melancólico ficou de fora, pois, sem se abater por ter matado o pai gozador, não ficou no mesmo campo dos filhos castrados após a morte. Na melancolia, há algo na castração que não opera, e, com isso, identificado ao pai todo gozador, o melancólico pode ter acesso ao gozo avassalador. Ou seja, ele está no campo do gozo absoluto. No próximo capítulo retornaremos ao modo em que tal gozo se evidencia no melancólico.

Embora em “Totem e tabu” Freud não seja claro ao dizer com qual pai o melancólico se identifica, vemos que fica claro que ele não se identifica com o pai morto do neurótico. Como então pensar a castração nesses sujeitos? Freud não nos dá os passos subsequentes na direção da resolução dessa questão. É por isso que temos que percorrer as contribuições lacanianas acerca do tipo de identificação próprio da melancolia, bem como as vicissitudes dela. Permanecem questões, tais como: qual é a relação desses sujeitos com o primeiro objeto de satisfação, com a perda que advém dessa relação, com a lei, com o desejo, com o Outro, e, principalmente com o gozo? É o que pretendemos aprofundar a partir da relação do melancólico com aquilo que Freud nomeou de a Coisa, *das Ding*, esse primeiro objeto de satisfação que, estando perdido para sempre, coloca o sujeito numa posição decidida de reencontrá-lo. Será que a identificação melancólica, na verdade, tem a ver com a identificação ao pai gozador ou a *das Ding*?

2.5 *Das Ding* e a melancolia

A primeira descrição de *das Ding* foi feita por Freud, em seu “Projeto para uma psicologia científica”, em 1895. Nessa ocasião, ele buscava relacionar o modo de funcionamento do aparelho neurônico através dos neurônios como instâncias dinâmicas, por onde escoam quantidades de energia para dentro e para fora do organismo. Momento no qual Freud deixa clara sua recusa à anatomia e à neurologia da época, e pesquisa outras formulações sobre a constituição do aparelho psíquico.

Desde então, a definição que melhor designa o conceito de *das Ding* é algo que é inassimilável, que escapa ao juízo e não tem representação porque é excluído do pensamento.

Freud cita o exemplo do bebê que suga o seio da mãe. Dessa primeira impressão fica uma marca, na memória do bebê, dessa experiência de mamar, que ele tentará reproduzir a cada vez que voltar a sugar o seio. Mas essa primeira experiência de satisfação será para sempre perdida. A criança, então, somente poderá reencontrar esse objeto (o seio) inassimilável, ao aluciná-lo. Mais tarde Lacan irá derivar do conceito de *das Ding* freudiano os elementos para construir sua teoria do objeto *a*, que abordarei com mais precisão no Capítulo 3.

Pode-se dizer, a partir de Freud, que *das Ding* é o primeiro exterior, ao redor do qual se orienta todo encaminhamento do sujeito. No entanto, por ser exterior, não habita o aparelho psíquico, mas nem por isso deixa de se fazer presente, embora ausente. Se empregássemos os termos de Lacan, poderíamos dizer que isso aponta para um furo, que é marcado por um dentro e um fora.

Nesse contexto é que, ao sugar o seio materno, a criança vivencia sua primeira experiência de satisfação, através da qual ela entrará em relação com a percepção da

presença do Outro. Tal presença é o que Freud designa como sendo o complexo de *Nebenmensch*, que é o complexo do próximo.¹⁴⁶ Nesse contexto, o recém-nascido irá revestir-se de interesse por esse primeiro objeto de satisfação, querendo repetir a satisfação. Contudo, tal experiência apenas ficará em sua lembrança como estranha, como não representável. É a partir disso que Freud desenvolverá o conceito de *das Ding* como sendo aquilo em torno do qual se organizam as representações —*Vorstellungen*. É, pois, ao redor desse objeto estranho, *Fremde*, que irá se constituir, para o recém-nascido, seu primeiro exterior.

Depois que Freud desenvolveu seu primeiro conceito de *das Ding*, será Lacan, cinquenta anos depois, em seu seminário sobre a Ética, que aprofundará sobre o tema, ao trazer para esse contexto a importância da linguagem na estruturação psíquica. É assim que Lacan concebe *das Ding*: como um vazio, um furo na subjetividade, que funciona como índice da exterioridade, ao mesmo tempo em que organiza e orienta o interior em direção ao mundo onde se referenciam os desejos do sujeito. Nesse sentido, para Lacan, o que Freud buscou fazer foi mostrar que há uma relação entre coisa e palavra: “Ele (Freud) nos mostra que as coisas do mundo humano são coisas de um universo estruturado em palavras, que a linguagem, que os processos simbólicos dominam, governam tudo.”¹⁴⁷

Mas o que Lacan nos aponta é para o cuidado em distinguir o termo *Ding* de *das Ding*:

O *Ding* é o elemento que é, originalmente, isolado pelo sujeito em sua experiência do *Nebenmensch* como sendo, por sua natureza, estranho, *Fremde*. [...] É o primeiro exterior por onde se orienta todo o

¹⁴⁶ Neste sentido, vale conferir Freud, em seu “Projeto para uma psicologia científica”, onde afirma que “um objeto semelhante foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto satisfatório do sujeito e mais tarde seu primeiro objeto hostil”.

¹⁴⁷ LACAN. *O Seminário, livro VII. A ética da psicanálise*, p. 60.

encaminhamento do sujeito em relação ao mundo onde se referenciam seus desejos. O sujeito faz a prova de que alguma coisa encontra-se aí e pode servir para referenciá-lo em relação ao mundo de anseios e de espera, orientado em direção ao que servirá quando for o caso, para atingir *das Ding*.¹⁴⁸

Concordando com Freud, Lacan dirá que esse objeto não pode ser reencontrado, pois, em sua natureza, ele é perdido como tal e jamais será encontrado. Isso é *Ding* (pode-se dizer que é o seio, por exemplo). *Das Ding* diz respeito ao objeto enquanto Outro absoluto (a mãe) que o sujeito visa reencontrar. Reencontramo-lo, diz Lacan, no máximo como saudade e o que encontramos são as suas coordenadas de prazer. O que se busca é o objeto que faz funcionar o princípio do prazer. Nesse contexto, cabe destacar as vicissitudes desse objeto na neurose e na psicose: se na histeria esse primeiro objeto causou insatisfação, a histeria vai se ordenar por essa vertente, sempre insatisfeita. Quanto à neurose obsessiva, esse primeiro objeto que organizou a primeira experiência de prazer, causou satisfação demais, por isso é que o neurótico obsessivo irá se orientar sempre em direção a evitar o excesso do prazer. Já na paranóia, esse primeiro estranho ao qual o sujeito tem que se referenciar, o paranóico não acredita nele. Lacan sinaliza que:

O móvel da paranóia é essencialmente rejeição de um certo apoio na ordem simbólica, desse apoio específico em torno do qual pode fazer-se a divisão em duas vertentes da relação com *das Ding*.¹⁴⁹

O que a paranóia nos indica, nesse caso, é que o sujeito não se referencia a esse objeto na mesma condição que o neurótico. Portanto, não se trata de re-encontrar o objeto perdido, porque na paranóia esse mecanismo do primeiro exterior, ao qual o sujeito irá se referenciar, não se constitui como tal. E na melancolia, como será que isso se organiza?

¹⁴⁸ LACAN. *O Seminário, livro VII. A ética da psicanálise*, p. 69.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 71.

Parece que o processo é o mesmo na psicose paranóica, mas o resultado é diferente. Ver-se-á, daqui a pouco, como o melancólico se relaciona com *das Ding*.

A hipótese de que *das Ding* está “fora do significado”, aponta para o fato de que é anterior a todo recálque, sendo em torno dessa realidade que tudo em volta se organizará. Segundo Lacan, *das Ding* é uma realidade muda, mas tem o poder de comandar e ordenar as coisas, e só se referencia a partir do Outro. A partir daí é que se esboça a trama do simbólico. O que se sabe é que esse objeto é perdido, mas Lacan nos adverte que ele nunca foi perdido, apesar de que o que se visa é reencontrá-lo. Na neurose, o que comanda a busca desse reencontro são as *Vorstellungen*, ou seja, as representações desse objeto que ficam guardadas na memória, cujo funcionamento é regulado pelo princípio do prazer. Essas representações se situam na esfera entre a percepção e a consciência. O princípio do prazer se situa aí. É, pois, o princípio do prazer que dirige e comanda a busca do objeto e lhe impõe rodeios que conservam sua distância em relação ao seu fim. Assim, na neurose, é uma série de satisfações que se encontram pelo caminho, na busca pelo objeto perdido, satisfações que, embora dizem respeito ao objeto perdido, não garantem o reencontro com o mesmo.

Segundo Lacan, são os processos do pensamento que regulam os investimentos e a estrutura na qual o inconsciente se organiza. Essa estrutura tem a mesma estrutura do significante, que, organizado pelas palavras, trazem à consciência os processos de pensamento por meio de um discurso. A organização na qual se manifestam as auto-injúrias melancólicas é bem distinta do processo de pensamento, pois está fora de qualquer articulação numa cadeia significante. Ou seja, a palavra não se dirige a nenhuma outra, a não ser ao próprio sujeito.

É nesse contexto que uma série de efeitos são verificados, a partir do momento em que *das Ding* passa para o discurso. O que torna essa passagem possível é, como se vê, a organização dos significantes num determinado registro. Isso somente é possível a partir do momento em que um termo pode ser recusado, para que o sistema de palavras se ponha em condições de ser articulado em um discurso. Não é o que ocorre com o psicótico, pois, como vimos, ele recusa a crença nesse termo que falta. Ou, melhor dizendo:

No fundo da própria paranóia, que nos parece, no entanto, toda animada de crença, reina esse fenômeno de *Unglauben*. Não é o *não crer nisso*, mas a ausência de um dos termos da crença, do termo em que se designa a divisão do sujeito.¹⁵⁰

Por isso é que vemos o significante retornar no real, ou seja, diante da não crença, da recusa disso que diz respeito a uma coisa que falta, podemos ver o psicótico fazer desesperadamente o esforço para suprir essa falta, significando a falta através das manifestações delirantes, que são uma tentativa de consertar, de reparar isso que, primordialmente, já está irreparável. Em termos lacanianos, ali onde o pai fracassou no cumprimento de sua função, que é a de inserir o filho no campo do desejo, portanto, da lei, o que surge é a psicose.

Lacan retoma Freud, ao se referir à lei fundamental, primordial que funda a cultura, ou seja, a lei da interdição do incesto. Assim, ao falar de *das Ding*, está se referindo à lei de interdição do incesto. Como vimos, esse conceito veio sendo construído desde a primeira relação da criança com a mãe, que envolve a primeira experiência de satisfação, de frustração, de gratificação e de dependência. Por isso é que se diz que o desenvolvimento da Coisa materna, da mãe, “ocupa o lugar dessa Coisa, de *das Ding*”.¹⁵¹

¹⁵⁰ LACAN. *O Seminário, livro XI*. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, p. 225.

¹⁵¹ LACAN. *O Seminário, livro VII*. A ética da psicanálise, p. 86.

Pode-se dizer que o correlato disso é o desejo do incesto. Segundo Lacan, Freud designa na interdição do incesto o princípio da lei primordial e, ao mesmo tempo, ele identifica o incesto com o desejo mais fundamental. É por isso que se buscou trazer o que Freud investigou na situação do pai primevo em “Totem e tabu” para se fazer uma certa analogia entre *das Ding*, o pai primevo e a melancolia. Se Freud investigou que a lei tem como conseqüência excluir o incesto fundamental, ou seja, o incesto filho-mãe, Lacan, a partir de tais formulações, irá nos dizer que:

O que encontramos na lei do incesto situa-se como tal no nível da relação inconsciente como *das Ding*, a Coisa. O desejo pela mãe não poderia ser satisfeito, pois ele é o fim, o término, a abolição do mundo inteiro da demanda, que é o que estrutura mais profundamente o inconsciente do homem. É na própria medida em que a função do princípio do prazer é fazer com que o homem busque sempre aquilo que ele deve reencontrar, mas que não poderá atingir, que nesse ponto reside o essencial, esse móvel, essa relação que se chama a lei da interdição do incesto.¹⁵²

Assim, é, pois, a interdição do incesto que coloca o sujeito numa relação com a fala, com o discurso e com o laço social. Cabe indagar se o pai primevo, que gozava de todas as mulheres, não seria ele o correlato de *das Ding*, a Coisa? Ou melhor, antes da proibição do incesto, da instauração da lei proibitiva, o pai gozava de todas as mulheres, sem que houvesse nada que regulasse esse gozo, uma ausência total de lei. Não seria esse pai o correlato daquilo que Lacan designou como o mecanismo do empuxo à mulher na psicose paranóica e, conseqüentemente, ao empuxo à morte na melancolia? Mas, pelo percurso feito, pode-se dizer então, que a identificação melancólica, portanto, é ao objeto perdido (*Ding*), e o que o melancólico visa alcançar é algo que representa para ele esse objeto, ou seja, *das Ding*, a Coisa. Se *das Ding* é ao mesmo tempo início e término, interior e exterior, ver-se-á no Capítulo 3 o que acontece quando o melancólico encontra *das Ding*.

¹⁵² LACAN. *O Seminário, livro VII. A ética da psicanálise*, p. 87-88.

Sob essa ótica, a relação que o psicótico estabelece com *das Ding* é designada por Eric Laurent como sendo marcada pela expressão de que ele “é o único que pode tratar de identificar-se, como dizia Schreber, à ordem das coisas”.¹⁵³ Nesse sentido, o psicótico é o único que pode se inscrever na posição de mestre, sendo o único que rechaça de maneira absoluta a ética do trabalho. Lacan se referiu ao psicótico como mestre na cidade da linguagem.

Disso adviria então, na manifestação da psicose, esse gozo desenfreado, absoluto pelo encontro com *das Ding*, que é essa Coisa absoluta. Na psicose melancólica o sujeito experimenta o reencontro com isso que estava antes da instauração da lei. Melhor dizendo, somente o psicótico reencontra o pai, porque, na verdade, ele nunca foi perdido. No caso da paranóia, como se sabe, o que desencadeia, pois, a doença é o encontro com Um pai, ao passo que na melancolia, pode-se dizer que é o encontro com uma perda. Voltaremos a esse ponto mais adiante.

Éric Laurent, ao reler Freud, aponta para o fato de que ele situou *das Ding* ao lado das representações, *Vorstellungen*, mas que, de fato, *das Ding* é algo que não tem nenhuma representação. É bom lembrar que é assim que Freud define a pulsão de morte, ou seja, ao que não se pode representar. Pode-se ter acesso à organização das coisas a partir das palavras. São, pois, as palavras, que nos orientam em direção à uma certa idéia de como é que o mundo das coisas humanas se organizou. Pode-se dizer, então, que *das Ding* é um núcleo silencioso, é o Outro absoluto:

Outro absoluto é uma expressão que Lacan usa também para qualificar a relação do sujeito psicótico ao Outro. O psicótico está em relação com o Outro absoluto. O Outro absoluto é também a relação do sujeito psicótico

¹⁵³ LAURENT. Introducción a la Cosa, p. 49-50.

com um gozo que o invade, com um gozo que não está medido pelo símbolo fálico.¹⁵⁴

Assim, na psicose, o gozo absoluto que se impõe ao sujeito diz respeito a esse Outro absoluto que, pode-se dizer, é *das Ding*. Se na paranóia esse Outro absoluto é apresentado ao ser nomeado um perseguidor, será que se pode dizer que na melancolia esse Outro absoluto se apresenta na auto-injúria alucinada? Na melancolia, o que se evidencia é que a auto-injúria vem no lugar disso que não tem nome, que é, digamos, o objeto fora do significante — a Coisa. É porque ela não existe que o melancólico a inventa. O insulto, a auto-injúria não seria, pois, uma invenção para dar nome à Coisa inominável? O que se sabe é que são palavras impostas, que não fizeram uma articulação. Por isso, cabe tomá-las, com certeza, como retorno do significante no real, onde não existe a separação entre o sujeito do enunciado e a enunciação. Nessa perspectiva, uma expressão de Serge Cottet, a meu ver inédita, merece destaque: “a forclusão da ética faz retorno nas auto-acusações”.¹⁵⁵

Em relação a esse aspecto, a injúria melancólica visa à Coisa, que está fora da captação pelo simbólico. Embora a Coisa seja produzida no simbólico, ela está fora do simbólico, ela é um efeito do simbólico sobre o vivente. Ela está fora do simbólico, ela é isso que resta inapreensível na significação.

Colette Soler, em seu seminário “Les pouvoirs du symbolique”¹⁵⁶ indica que as auto-injúrias não fazem parte da construção do pensamento, no sentido de que o pensamento é algo articulado e construído a partir da posição do ser, e que o significante na auto-injúria melancólica está no real, e não numa cadeia de significantes. Pode-se dizer então, que o melancólico que faz auto-injúrias visa um gozo maldoso.

¹⁵⁴ LAURENT. Introducción a la Cosa, p. 58.

¹⁵⁵ COTTET. La fausse énigme de l'état d'âme, p. 63.

¹⁵⁶ SOLER. *Seminário*. Les pouvoirs du symbolique.

Nesse percurso onde se destaca a relação que o melancólico estabelece com o objeto perdido e com *das Ding* chama-nos a atenção o debate que se seguiu após a conferência estabelecida por Eric Laurent, e já mencionada, sob o título “La Introducción a la Cosa”. Uma das reflexões feitas por Gustav Dessal endereçada a Laurent merece ser destacada. Ele se inspira no complexo do semelhante, o *Nebenmensch*, para se referir à primeira experiência do homem primitivo diante da morte de uma pessoa amada. Recorda também o texto “Considerações da atualidade sobre a guerra e a morte”, no qual Freud tratou desse tema. Sua reflexão é construída a partir dessas referências. Segundo Dessal, o homem primitivo desdobra sua relação com o objeto morto em duas partes: por uma parte o objeto substituía um objeto de identificação, como objeto amado, $i(a)$ ¹⁵⁷. Por outro lado, uma parte desse objeto integrava uma parte não reconhecida, estranha, hostil, que levava tal objeto a ser odiado, que é nomeada de *das Fremde*, o estranho do objeto. Nesse sentido, a reflexão feita por Dessal refere-se ao fato de que a oposição e a correlação entre traço e objeto talvez seriam capazes de lançar luzes na leitura do texto de Freud “Luto e melancolia”. Dessal assinala a dificuldade enfrentada por Freud quando estabeleceu a categoria de narcisismo nas psicoses da mesma forma em que a aplicou no campo das neuroses. O que esse autor comenta é que Freud disse que a morte do objeto é restituída através de uma identificação. Para ele, é necessário fazer uma leitura distinta, que, na melancolia, se trata de uma introjeção de um significante, mas essa introjeção desse significante faz retornar a Coisa. Ou seja, que o objeto perdido na melancolia não seria outro, senão a encarnação da Coisa que, ao ser introjetado como significante, traz a morte, traz a perda do objeto.¹⁵⁸

¹⁵⁷ O matema $i(a)$ é desenvolvido por Lacan para designar a imagem do eu, o semelhante, construída a partir do espelho.

¹⁵⁸ DESSAL. Introducción a la Cosa, p. 67-68.

A questão ora apresentada vem ao encontro do percurso feito até o momento, sobre o qual se funda a identificação melancólica. Daí a pertinência não só em recortar a reflexão, mas em trazer as considerações feitas por Laurent, que diz estar inteiramente de acordo com Dessel. O problema central que Laurent aponta é que, ao falar de identificação narcisista no texto “Luto e melancolia”, deve-se levar em consideração que a concepção das psiconeuroses no ano de 1915 era a mesma que a das psicoses. Há textos em que Freud identifica, de maneira precisa, as psiconeuroses narcisistas com a paranóia. Um deles é “Totem e tabu”; o outro, *Neuroses de transferência, uma síntese*. Seguem outros, por exemplo, “A perda da realidade na neurose e na psicose”. O que chama a nossa atenção é o fato de a categoria “psiconeurose narcísica” não ser nova para Freud, em 1915. “Ao introduzir a identificação narcisista nesse famoso parágrafo que diz: *A sombra do objeto recai sobre o eu*, o comentário que se segue são duas páginas sobre a identificação na esquizofrenia. Ou seja, a identificação narcisista, temos que entendê-la como uma identificação psicótica.”¹⁵⁹

Em relação à citação acima, é preciso um certo cuidado para que não se incorra em equívocos. O caminho tomado até aqui nos leva a esclarecer que, em termos freudianos, para que o eu se constitua é necessário a identificação narcisista, que é comum e fundante a todo eu. No entanto, é somente no *a posteriori* que se verificará como cada sujeito respondeu à perda inerente não somente à nova ação psíquica, mas, sobretudo à castração. Ou seja, somente depois que a libido volta para o eu, com a carga da perda. A resposta que o sujeito vai dar a isso pode ser: ou se orientar pela via do desejo ou trazer, introjetar esse objeto perdido para dentro do seu eu. A partir daí pode-se dizer que, no caso da melancolia,

¹⁵⁹ LAURENT. Introducción a la Cosa, p. 68.

em termos freudianos, houve uma regressão tópica ao narcisismo, onde o sujeito e o objeto são uma só coisa. O que Laurent chama de identificação narcísica psicótica designa uma posição, em termos freudianos, onde o eu se constitui, mas com danos suficientes para impedir que se conecte aos objetos do mundo externo da mesma forma que o eu do neurótico. Assim, ao se falar em identificação narcísica psicótica, defronta-se com um eu colado ao objeto, situação primeira, anterior à nova ação psíquica. Como se vê, uma das dificuldades em relação à melancolia gira em torno da questão da identificação narcisista ser ou não uma identificação psicótica. A partir das considerações feitas, será que se pode afirmar, de fato, que a identificação narcisista na melancolia refere-se a uma psicose? Lembramos que, na leitura do último parágrafo de seu texto “Psicologia de grupo e análise do eu”, Freud refere-se à identificação ao objeto na melancolia com o termo *rejeitado*, o mesmo que utiliza para o objeto rechaçado na paranóia: *Verworfen*.

Dessa forma, quando Freud, em “Luto e Melancolia” se refere à expressão identificação narcisista, a meu ver, ele coloca lado a lado, sob o mesmo tipo de identificação, tanto a esquizofrenia quanto a melancolia, opondo e distinguindo essas duas categorias do tipo de identificação histérica. Então, ao trazermos a expressão do estranho, *Fremde*, e do semelhante, *Nebenmensch*, passaremos a dispor de mais elementos para que nossa hipótese seja confirmada no sentido de que a identificação melancólica é ao objeto perdido, *das Ding*. Mas, a partir da leitura do texto “O eu e o isso”, pode-se dizer que o melancólico está identificado ao pai morto. É uma questão: será possível articular *das Ding* ao pai morto? Laurent arrisca uma resposta que vai na mesma direção da que proponho. Nesse caso, ao se admitir que a identificação narcisista é a que funciona nas psicoses, ele afirma que:

Então, para Lacan, me parece que a *Verwerfung* do pai, o rechaço à identificação com o pai, é o verdadeiro nome da identificação narcisista. É o modo de identificação quando não há nenhuma identificação ao pai, quando não há nenhum traço do pai que seja vivo para o sujeito. É o rechaço completo do pai ou dos nomes do pai. Esta é a vertente escrita por Freud oito anos depois de “Luto e Melancolia” e este rechaço é o que permite o desnudamento do gozo mortífero, o que provoca a identificação com a Coisa, *das Ding*. Tal invasão tem suas duas vertentes, tanto a pulsão suicida da melancolia, quanto a excitação maníaca que destrói toda a homeostase narcisista do corpo, e que conduz também à morte, por efeito desta destruição de todo equilíbrio biológico.¹⁶⁰

Pela descrição acima, vê-se o modo como Laurent trata e desvenda esse problema. Ele declara que está inteiramente de acordo com a idéia de que o ponto de partida é ler “Luto e Melancolia” com o complexo de *Nebenmensch* e a articulação de *das Ding* aos objetos do mundo, em sua função central de objeto perdido. A partir dessa descrição, pode-se concluir a importância dessas articulações no texto freudiano, para melhor compreensão da identificação melancólica a *das Ding*. Isso irá nos permitir seguir adiante, já no próximo capítulo, buscando compreender como é que se dá o mecanismo dessa identificação narcísica na melancolia, tomando como eixo aquilo que Lacan designa como *i(a)* e *a*.

¹⁶⁰ LAURENT. Introducción a la Cosa, p. 70.

Capítulo 3 – A pura dor de existir

3.1 O problema da identificação narcísica

Como se viu antes, a identificação e a perda são dois exemplos conceituais para compreendermos os mecanismos essenciais da melancolia. Cabe agora verificar como é que se pode estabelecer a distinção entre o sujeito melancólico e o sujeito neurótico em relação à perda de objeto. Em primeiro lugar, a referida clínica diferencial procurará ser investigada do ponto de vista da imagem especular e dos processos identificatórios concomitantes. Assim, busca-se uma explicitação desses processos, a partir da experiência no estágio do espelho, que, como se sabe, acontece numa etapa ainda precoce da constituição do sujeito.

A identificação a que se refere, nesse contexto, é a identificação narcísica, na qual a substituição do amor pelo objeto, pela identificação ao objeto, é a pedra angular das chamadas afecções narcísicas: a esquizofrenia, a melancolia e a paranóia. Considera-se não ser preciso retornar aos meandros dessa discussão em Freud porque ela já foi apresentada nos capítulos anteriores. Deve-se, no entanto, salientar que o modo como ocorre a identificação é o que determina as conseqüências para cada um desses tipos clínicos. Em relação à contribuição de Freud sobre as psicoses, sabe-se que a identificação corresponde a uma regressão até o narcisismo originário a partir de um tipo de escolha de objeto. Os fatores diferenciais, destacados por Freud em sua obra entre a identificação histérica e a melancólica, são bastante nítidos. É nesse sentido que, ao se manifestar de maneira pura na melancolia, a identificação narcísica à Coisa (*das Ding*) descortina a relação que o sujeito mantém com ela, ocupando uma posição de gozo que lhe é particular.

Ao analisar essa situação pelo viés da orientação lacaniana, depara-se com um postulado que evidencia e demonstra com clareza a natureza da questão da clínica diferencial. Lacan é categórico ao afirmar que apenas se pode estabelecer a diferença radical entre o luto e a melancolia a partir da distinção entre o destino do objeto a e a captura da imagem especular, o $i(a)$: “A menos que distingamos o objeto a de $i(a)$, não poderemos conceber a diferença radical existente entre a melancolia e o luto.”¹⁶¹ Nesse sentido, a problemática da identificação melancólica — discutida no Capítulo 2, desta dissertação — somente se esclarece ao se efetuar a separação entre o $i(a)$ e o a . Tal distinção ocorre pela resposta dada no processo da perda, em que o sujeito pode estabelecer, por um lado, a sua relação ao objeto a e ao $i(a)$, no caso do luto. Por outro lado, na melancolia, vê-se um sujeito mantendo uma relação maciça com o objeto a , relação que passa a ser seu ponto de referência. Se o que confere a especificidade do melancólico é a referência ao objeto a , é porque, nele, predomina uma certa radicalidade que está “mais arraigada para o sujeito que qualquer outra relação, mas intrinsecamente desconhecida, alienada, na relação narcísica”.¹⁶² Isso apenas se confirma com as formulações e conceitos que, na obra de Freud, sustentam os principais mecanismos na melancolia, e, principalmente, com as contribuições posteriores de Lacan.

É necessário relembrar que o texto do narcisismo é considerado a chave de leitura que Lacan utilizou para elucidar o problema, pois nele existem elaborações em que Freud postula não somente a fase do narcisismo primário, à qual não se tem acesso direto para observação, mas, sobretudo, porque ali se postula sobre o caráter basicamente perdido do objeto de plena satisfação. Além disso, o texto atinge um momento fecundo quando Freud

¹⁶¹ LACAN. *O Seminário, livro X. A angústia*, p. 364.

¹⁶² *Idem.*

nos apresenta, passo a passo, o modo como ocorre a primeira disjunção entre a libido do eu e a libido objetal. É, pois, numa etapa seguinte que ocorre uma “nova ação psíquica”, que se refere à formação do ideal do eu (*Ichideal*), que funda o narcisismo secundário, responsável pelas identificações que serão estabelecidas a partir desse acontecimento.

É, pois, a partir do ideal do eu que os dois tipos de libido passam a se referenciar. A essência desse momento merece ser destacada para elucidar o que ocorre na identificação melancólica.

Além do fato de que o ideal do eu conserva o sinal formal da influência crítica dos pais, ele é condição para o recalque, que se ergue desde a relação estabelecida entre o sujeito e o objeto. Conclui-se, assim, que nas neuroses de transferência o recalque nega a tradução em palavras da representação rechaçada. Contudo, no tocante às psicoses, é possível postular esse mesmo mecanismo? Por essa via é que Freud, em seu texto “O inconsciente”, sustenta a afirmação de que, ao negar a tradução em palavras, que estão conectadas ao objeto, o sujeito encontra-se no campo da neurose, ao passo que, “na esquizofrenia, [...] há que saber se o processo aqui chamado recalque tem ainda algo em comum com o recalque nas neuroses de transferência”.¹⁶³ Freud, ao acenar com a possibilidade da diferença, pressupõe que o processo não é o mesmo nessas afecções acima indicadas, mas, ao referir-nos ao recalque, encontra dificuldades para distingui-las.

Nesse sentido, o que se viu a partir da análise do caso Schreber, é que, na psicose, o recalque não opera da mesma maneira que na neurose. Além disso, como Freud mostrou em “Luto e melancolia”, a perda de objeto na melancolia não pode ser traduzida pelo fato de o acesso às representações de palavras estar “barrado” — *Gesperrt*. Tal obstrução torna

¹⁶³ FREUD. O inconsciente, p. 230-231. v. XIV.

impossível o processo de se tornar consciente a perda de objeto e, com isso, a representação de coisas inconscientes fica desconectada da representação pré-consciente de palavras. É o contrário do que ocorre no luto normal e no luto patológico, nos quais a relação inconsciente com o objeto segue ligada à representação de palavra, que autoriza, em caso de perda do objeto, a supressão gradual do afeto, mediante a menção a cada detalhe identificatório. É isso que possibilita, no luto, a extração dos “detalhes identificatórios” do objeto perdido, e encaminha o sujeito para uma nova ligação objetal. O que o trabalho do luto possibilita, pois, é um certo ajuste contábil de cada detalhe que identifica o sujeito em relação aos traços que o ligavam ao objeto perdido. Na melancolia, como não existe identificação aos traços, talvez não seja errado pensar que é por essa razão que o recalque não opera do mesmo modo, pois para o sujeito eles não existem, o sujeito não sabe o que perdeu e nem pode contabilizar os detalhes disso que perdeu, ele então se identifica à Coisa nessas afecções. A partir daí, já não haveria condições de afirmar que o mecanismo é o mesmo tanto na esquizofrenia, quanto na paranóia e na melancolia?

O problema crucial que gira em torno da problemática da identificação narcísica aponta para o fato de que, na melancolia, o desaparecimento de um objeto faz com que o sujeito se identifique a ele, introjetando essa perda narcisicamente. Ao fazer isso, o sujeito é remetido ao estágio do narcisismo original, no qual o I(A) ainda não desenvolveu plenamente sua função, tampouco havia ocorrido a captura da imagem especular, $i(a)$, para sustentar o eu na identificação secundária. Se a identificação narcísica, primária, é fundante para o eu, ela é sustentação para que o eu possa fazer novas identificações. Na melancolia, falar que o melancólico está identificado narcisicamente ao objeto significa que houve uma falha, um desastre na efetivação da passagem do narcisismo primário para o narcisismo secundário, na qual, o eu, sem se sustentar no I(A), que teria a função de assegurar a via do

desejo, e no $i(a)$ não efetua a identificação secundária. O que ocorre é uma regressão ao estágio anterior, no qual o $I(A)$ ainda não se desenvolveu plenamente. Pode-se dizer que ele, o $I(A)$, é arcaico, contendo apenas o lado feroz da influência crítica dos pais. Assim, pode-se dizer que houve narcisismo secundário, porém o destino da libido não foi religar-se a objetos fora, mas retroceder ao estágio anterior. O sujeito, não sabendo o que perdeu nesse objeto, está barrado para ver se existem, nesse caso, os atributos desse objeto perdido, para que se possa ir se desfazendo deles aos poucos. O que se vê, portanto, é o melancólico sendo consumido pela identificação narcísica a esse objeto a , sem os contornos, sem as molduras e os artifícios que normalmente são fornecidos pelo simbólico. Por isso é que encontram-se razões para se afirmar que na melancolia não há imagem especular, $i(a)$, mas o que se presentifica é o eu identificado ao objeto a .

Pode-se deduzir, pelas formulações apresentadas, que somente a partir das formulações de Lacan sobre o narcisismo, ou seja, a partir da distinção entre o objeto a e a identificação, $i(a)$, é possível esclarecer e aprofundar a problemática da componente narcísica na melancolia. A partir dessas reflexões é que se observa a divisão daquilo que se delega ao Outro e o que se imputa ao eu no funcionamento sutil e complexo da economia narcísica dessa afecção.

É nesse sentido que, do ponto de vista econômico, há na melancolia uma inversão das moções pulsionais — eu/mundo externo, atividade/passividade e prazer/desprazer. Do ponto de vista dinâmico, o que ocorre é o retorno ao estágio anterior da libido — o sadismo, que é marcado pela identificação ao objeto e promove o alojamento, no coração do eu, de um objeto de ódio, objeto que, pelo contrário, esperar-se-ia que se mantivesse no exterior.

Uma das resoluções possíveis da ambivalência inerente à identificação narcisista que traduz a perda de objeto é, de um lado, a melancolia e, por outro, a paranóia, onde a maldade se mantém fora do eu, a distância. Com isso, o que se vê é que o ideal do eu ficou à margem, substituído por uma satisfação narcisista original, e é o que faz com que no melancólico não tenha se consumado a perda do objeto incestuoso. Ele rejeita a perda ao introduzir o objeto perdido em seu eu. Em função disso, pode-se dizer que os fatores que determinam a melancolia se localizam em um estágio anterior à identificação edípica, e é isso que impede, então, que o melancólico faça uma identificação secundária.

Sabe-se que “a identificação edípica se produz no momento da perda consumada do objeto incestuoso”,¹⁶⁴ ou seja, do abandono da moção de desejo a respeito desse objeto incestuoso. A perda do objeto é, pois, para o melancólico, um acontecimento que está articulado com a identificação original do sujeito. É isso que explica o fato de que, ao não atravessar o Édipo e, portanto, a castração, nele não se revela a representação na qual se conectam coisa e palavra. Por isso ele sabe que perdeu, mas não tem acesso ao que ele perdeu nesse objeto.

Ao demonstrar a perda de objeto e a constituição do eu, pela via do que Lacan formulou em sua investigação sobre o “estádio do espelho”, ver-se-á o quanto é importante para o desenvolvimento psíquico, o reconhecimento da imagem do eu no espelho. Isto irá designar o eu ideal, que será a base de sustentação para todas as identificações secundárias. Já se sabe, porém, que o advento da imagem do eu, o *i(a)*, apenas poderá acontecer a partir da entrada de um Outro. A consistência do eu depende de um Outro, um Ideal — I(A), que não só governa, mas que dá a forma do corpo. Mas, para tal acontecimento, isso implica um

¹⁶⁴ PELLION. *Melancolía y verdad*, p. 172.

laço com o simbólico, ou seja, com um significante ideal, que irá definir o ideal do corpo, separando o eu da Coisa.¹⁶⁵

Nesse sentido, é o atravessamento do espelho que coloca o sujeito separado da Coisa, pelo reconhecimento da sua imagem a partir da entrada do Outro. Assim, é o ideal do eu I(A) que interdita esse eu que se mostrava ainda conectado com o objeto (*Ding*) de pura satisfação. A partir dessa intervenção, o eu se separa do objeto, que fica perdido para sempre. O que se segue a esse momento, ao concluir tal travessia, é a identificação com a imago do semelhante, *i(a)*, que inaugura para o sujeito “a dialética que liga o [eu] a situações socialmente elaboradas”.¹⁶⁶ É isso que torna possível que o saber humano bascule pela mediatização operada a partir do desejo do Outro e, conseqüentemente, com o seu próprio desejo.

Mas, desse encontro com a sua própria imagem há uma estranheza, que surge à luz da imagem do sujeito no espelho. O que resulta disso são as duas funções que se desdobram no eu: o ideal do eu, que se presentifica pelo reconhecimento do sujeito como objeto de desejo do Outro e o eu ideal, que é a imagem que sela o contorno do eu, é a superfície do eu.

A partir da relação com o grande Outro pode-se deduzir o advento da função da imagem especular percebida como *i(a)* — essa que se interpõe no meio do eu e da Coisa. Lacan ilustra magistralmente essa situação através do drama de Hamlet, que irá nos permitir articulá-la ao objeto perdido, abrindo-nos o campo para o entendimento da problemática da identificação narcísica e da identificação neurótica.

¹⁶⁵ Cf. SOLER. La etica del psicoanalisis.

¹⁶⁶ LACAN. O estádio do espelho como formador do eu – tal como nos é revelada na experiência psicanalítica, p. 101.

3.2 Hamlet e a perda do objeto

A pertinência em trazer o comentário de Lacan a respeito da ficção hamletiana é fundamental, pois, ao tomar como paradigma a relação do personagem com as circunstâncias do assassinato do pai, vê-se que a perda no luto pode ser confundida com a perda na melancolia.¹⁶⁷ Lacan se vale dessa ficção para apresentar a questão da identificação imaginária sob duas formas distintas: uma delas é aquela ao objeto *a*, a outra, ao *i(a)*, imagem especular tal qual ela nos é dada no momento da cena sobre a cena.¹⁶⁸ Em outro momento a questão retorna naquela cena mais misteriosa, na qual o objeto do desejo que até então fora negligenciado é reintegrado à cena pela identificação.¹⁶⁹ A leitura empreendida por Lacan sobre o drama vivido por Hamlet irá nos guiar para discernir ainda mais sobre a questão crucial entre o trabalho do luto e o processo da melancolia. É, pois, no momento em que Laertes chora a morte de sua irmã que Hamlet reintegra o seu objeto perdido, pela via da sua identificação a Laertes. Com isso, somente quando faz o luto de Ofélia é que ele faz o luto do pai, que fora assassinado. Sob esse olhar, Lacan comenta que o objeto do desejo em Hamlet já estava aí. Bastou esse giro, a partir do luto de Ofélia, para que ele reintegrasse o objeto de seu desejo em si. A expressão utilizada por Lacan, *reintegração do objeto em seu marco narcisista*, indica que quando o sujeito faz uma retomada do objeto, reunindo em si as mesmas condições em que se estabeleceu a perda do primeiro objeto de satisfação, essa reintegração lhe permitirá, portanto, reapossar-se definitivamente da perda do objeto e, em seguida, fazer o seu luto e se orientar na via do

¹⁶⁷ Esse comentário é desenvolvido por Lacan em *O Seminário, livro X: A angústia*. Lição do dia 28/11/1962, p. 45.

¹⁶⁸ SHAKESPEARE. *Hamlet*: Cena onde Hamlet armou uma outra cena teatral para mostrar ao público como o seu pai, o rei, havia sido assassinado pelo seu tio Claudius.

¹⁶⁹ *Idem*. Trata-se da cena onde Ofélia é enterrada, na qual Hamlet se identifica ao irmão dela, Laertes, que, ao chorar desesperadamente, causa a identificação, representando o *i(a)* para Hamlet.

seu desejo. Cabe então fazer uma analogia com a identificação ao objeto perdido na melancolia: nesta última, como não é possível o trabalho do luto, o objeto do desejo não aparece. Pode-se dizer que nessas circunstâncias a identificação é narcisista.

Ao conceber a função de investimento especular no interior da dialética do narcisismo, Lacan apresenta uma hipótese de que nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. “Existe um resto”, ele diz: “somente podemos saber se nesse ou naquele sujeito existe resto pelo modo em que se situa em relação ao desejo”.¹⁷⁰

Como se sabe, nem toda perda de objeto pode ser elevada à instância de objeto perdido e nem toda falta diz respeito ao que Lacan irá nomear de falo, que é representado por $-\phi$. É esse o resto que está fora do espelho, que escapa à articulação. Dizendo de outro modo, o falo é o que advém em decorrência do resultado da castração. Após o declínio do complexo de Édipo, ao ter renunciado ao lugar do pai ou da mãe, o sujeito experimenta o luto pela perda do falo. Mas, para Lacan, o falo não é um objeto como os outros, dentre aqueles que têm que fazer o luto. O falo é valorizado de modo diferente de todos os objetos:

O que dá seu valor ao falo é [...] uma exigência narcísica do sujeito. No momento do desenlace final de suas exigências edípicas, vendo-se de qualquer forma castrado, privado da Coisa, o sujeito prefere, se podemos dizer, abandonar uma parte de si mesmo, que será a partir de então para sempre interdita, formando a cadeia significante.¹⁷¹

A partir desse abandono de uma parte de si, é que se pode dizer que ocorre a separação desse objeto que aliena o sujeito ao Outro, na vivência edípica. Após tal perda, o campo subjetivo está pronto para uma nova ação psíquica, denominada de narcisismo

¹⁷⁰ LACAN. *O Seminário, livro X. A angústia*, p. 46.

¹⁷¹ MANNONI. *Hamlet por Lacan*, p. 82.

secundário. É a partir desse consentimento com a perda, do assentimento à perda do falo, que o sujeito será direcionado para o luto do falo.

O eu advém, no momento de saída do sujeito, logo após o seu contorno ao campo do Outro, onde o sujeito abre mão do falo. O eu guarda relação a duas funções: ideal do eu, que, em 1923, Freud localizará no supereu¹⁷² e eu ideal, que é dentro do eu, uma formação remanescente do narcisismo,¹⁷³ resultado desse processo. Para Lacan, o eu ideal é uma formação essencialmente narcísica que tem sua origem na fase do espelho e que pertence ao registro do imaginário.

Ao retomar o episódio vivido por Hamlet na cena da cova de Ofélia, o que Lacan faz é comentar a distinção entre o luto e a melancolia. Nesse aspecto, Hamlet, que não é melancólico, passou a vida inteira às voltas com o luto que estava por fazer, diante da perda de seu pai. Somente ao perder para sempre seu grande amor — Ofélia — é que ele pôde fazer o luto da perda de seu pai. Por isso, no trabalho de luto são fundamentais os rituais, na tentativa de que tais artifícios simbólicos possam combater a desordem advinda da perda. Assim, o buraco decorrente do objeto perdido pode ser elaborado, não permitindo que o abalo da perda incida sobre o sistema significante. De certa forma, o trabalho do luto contempla todo um ritual diante do buraco que advém da perda do objeto. Mas, no caso de Hamlet, ele adiou agir pelo fato de que em sua vida todos os lutos postos em questão foram

¹⁷² Segundo LAPLANCHE & PONTALIS, essa expressão é utilizada por Freud no quadro de sua segunda teoria do aparelho psíquico. Resulta da convergência do narcisismo e das identificações com os pais, com seus substitutos e com os ideais coletivos. O ideal do eu constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se. As variações desse conceito provêm do fato de que ele está estreitamente ligado à progressiva elaboração da noção do supereu. Assim, em 1914, o ideal do eu seria o substituto do narcisismo perdido da infância. Em 1921, Freud via o ideal do eu como uma instância distinta do eu. Em 1923, ideal do eu e supereu constituem uma mesma instância. Em 1932, o supereu surge englobando três funções: auto-observação, consciência moral e função de ideal.

¹⁷³ Segundo LAPLANCHE & PONTALIS, alguns autores a definem como sendo um ideal narcísico de onipotência, forjado a partir do modelo do narcisismo infantil.

ritualizados brevemente, clandestinamente. Ele só pôde agir após o vivido no ritual do cemitério, quando, ao enterrar Ofélia, se depara com a perda do objeto, que lhe oferece condições para fazer o seu luto.

Talvez se possa compreender a natureza da perda de objeto típica das neuroses por meio da expressão de Lacan: *o objeto reintegrado a seu marco narcisista*. É o que ocorreu com Hamlet, que, não sendo um melancólico, ao ver “a desapareção real de Ofélia, faz desmoronar em pedaços o marco narcisista que lhe oferecia esse *love affair*, e o obriga a reapossar-se do verdadeiro objeto em questão, cujo rechaço só havia sido temporário.¹⁷⁴

Dessa forma, ao falarmos do processo de identificação na melancolia, estamos em condições de falar de *identificação narcisista*, ao passo que a identificação neurótica, a que vimos pelo exemplo de Hamlet, podemos chamar de *reintegração do objeto a*. Nesse contexto pode-se também incluir a depressão que se segue ao trabalho de luto, tema sobre o qual será debatido por Serge Cottet, que corrobora as idéias aqui apresentadas, descrevendo o luto assim:

Tendo esgotado o conjunto dos significantes que fazem a consistência do objeto, seu casulo narcísico, este, despido de sua capa imaginária *i(a)*, que lhe assegurava o significante de ideal do eu, cai no nível do objeto intragável sem nenhum suporte narcísico; o luto completa-se e um novo objeto ornamentado com insígnias precedentes pode fazer seu aparecimento.¹⁷⁵

É, pois, o *i(a)* decorrente da ação do narcisismo secundário no eu que vem fazer com que o *a* permaneça mascarado. Dessa forma, pode-se dizer que só existe *i(a)* onde houve uma perda de objeto com elaboração do luto. Nesse caso, o I(A) exerce sua plena função de sustentar o eu.

¹⁷⁴ PELLION. *Melancolía y verdad*, p. 188-189.

¹⁷⁵ COTTET. A bela inércia. Nota sobre a depressão em psicanálise.

Lacan retoma Freud, naquilo que ele disse a respeito do luto: o sujeito do luto tem que realizar a tarefa de consumir, pela segunda vez, a perda provocada pelo acidente do destino, do objeto amado. É por isso que Freud insiste muito na rememoração detalhada do luto referente a tudo o que foi vivido da ligação com o objeto amado. Segundo Lacan, a conclusão do luto é que:

É essa ligação com o objeto fundamental que se trata de restaurar, o objeto mascarado, o objeto *a*, verdadeiro objeto da relação ao qual, em seguida, um substituto poderá ser dado que não terá, no final das contas, mais dimensão que aquele que, de início, ocupou o lugar.¹⁷⁶

Dessa forma, no luto, o que se trata é de manter as ligações pelas quais o desejo está suspenso, não ao objeto *a*, mas a *i(a)*.

Pode-se afirmar, a partir da citação acima e das elaborações já feitas até aqui, que a *reintegração do objeto* é uma das condições para se concluir o trabalho do luto, quando se perde um objeto. Ao localizar o que se perdeu, o sujeito consegue reintegrar os traços identificatórios desse objeto perdido, podendo, a partir desse momento abrir mão do objeto e abandoná-lo. Nesse caso, com base nessas formulações, está-se no campo da neurose, onde a perda fica fora do eu, e onde a morte é do Outro, fora. O contrário disso se vê na melancolia. Nessa condição, a morte de alguém ou a perda de qualquer objeto amado não se traduz pela *reintegração do objeto*, mas sim por uma *identificação do sujeito ao objeto perdido* em seu marco narcisista. Sob essa ótica, a morte fica dentro do eu. Ao se instalar no eu, a partir da “sombra do objeto que recai sobre o eu”, o que advém é uma pura destruição.

¹⁷⁶ LACAN. *O Seminário, livro X. A angústia*, p. 376.

O que Lacan apresenta no *O Seminário, livro X: a angústia* é precisamente o aspecto da identificação na melancolia e da passagem ao ato suicida. Ao pensar no melancólico em referência à identificação ao a , ele o distingue do neurótico, que faz sua identificação ao $i(a)$, que recobre o objeto, permitindo uma máscara para o objeto a , impossibilitando o reencontro do objeto. Nesse contexto, retoma-se a distinção entre o luto e a melancolia a partir do que já foi estabelecido anteriormente com o drama de Hamlet. O que se destaca é o fato de que a ausência de luto em sua mãe fez desvanecer-se e dissipar-se em Hamlet, de maneira bem radical, temporariamente, qualquer impulso de um possível desejo. A ele o desejo falta porque o seu Ideal desmoronou de uma só vez, com a morte de seu pai. Logo após a morte de seu adorado pai, sua mãe rapidamente se rendeu aos encantos de Creonte, assassino do rei Hamlet. Nela não houve luto. Em Hamlet, o efeito foi de destruição. Ele perdeu todas as insígnias que o colocavam numa relação ao $i(a)$, e, por isso mesmo, em relação ao seu desejo. O que se sabe é que esse pai era, para Hamlet, o seu Ideal. Mas, imediatamente após o seu assassinato, sua mãe, recém-viúva, não esperou o tempo para fazer o luto e logo o substituiu, ao se casar rapidamente com Creonte. Isso causa em Hamlet o desmoronamento que se constata pelo desaparecimento do seu desejo. O que merece ressaltar é o que Lacan mostra como sendo o momento da elaboração do luto, em Hamlet. Nesse caso, somente foi possível restaurar a possibilidade de se fazer o luto, a partir da reação que Hamlet teve ao ver o luto em Laertes, do lado de fora, com quem ele entra em competição. Assim, Hamlet conclui o luto na cena da cova, ao ver um outro luto, que se trata “do luto de Laertes por sua irmã, que era o objeto amado por Hamlet e de quem ele fora subitamente separado pela carência de desejo.”¹⁷⁷

¹⁷⁷ LACAN. *O Seminário, livro X. A angústia*, p. 363.

Nessa perspectiva Lacan assinala que, em Freud, o luto consiste em se consumir, pela segunda vez, a perda do objeto amado provocada pelo acidente do destino. Por isso se justifica a rememoração detalhada de tudo aquilo que foi vivido na ligação com o objeto amado.

Numa perspectiva diferente, Lacan apresenta uma outra forma de se efetuar o luto, onde o trabalho empreendido mantém e sustenta todos esses vínculos de detalhes, na verdade, com a finalidade de “restabelecer a ligação com o verdadeiro objeto da relação, o objeto mascarado, o objeto *a*, para o qual, posteriormente, será possível dar um substituto, que, afinal, não terá mais importância do que aquele que ocupou inicialmente seu lugar”.¹⁷⁸

Pode-se dizer que é isso que ele designou com a expressão *reintegração do objeto a*. É nesse contexto que Lacan recupera Freud, em “Luto e melancolia”, para nos afirmar que para distinguir o luto da melancolia é preciso distinguir o objeto *a* de *i(a)*. Se Freud afirma que na melancolia o objeto perdido retorna para o eu do sujeito, no luto, o processo descrito é bem diferente disso. O que ele afirma para as duas condições é que o sujeito deve se entender com o objeto. Na melancolia, o objeto *a* se encontra, em sua essência, desconhecido. Segundo Lacan, isso exige

que o melancólico, digamos, atravesse sua própria imagem e primeiro a ataque, para poder atingir, lá dentro, o objeto *a* que o transcende, cujo mandamento lhe escapa — e cuja queda o arrasta para a precipitação suicida, com o automatismo, o mecanicismo, o caráter imperativo e intrinsecamente alienado com que vocês sabem que se cometem os suicídios de melancólicos.¹⁷⁹

A partir dessas elaborações, o que se pode afirmar é que, para se distinguir o luto da melancolia, o que Lacan propõe é que se recorte bem o modo como o sujeito se posiciona

¹⁷⁸ LACAN. O *Seminário*, livro X. A angústia, p. 363.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 364.

em relação ao *a* e ao *i(a)* no luto. É preciso, dessa forma, diferenciar o que é particular da melancolia e da mania de tudo o que caracteriza o ciclo ideal da referência ao luto e ao desejo. Para isso é preciso, por um lado, acentuar bem a diferença de função entre a relação de *a* com o *i(a)* no luto, e, por outro lado, é preciso ver, na melancolia, um sujeito que se referencia radicalmente ao *a*, de maneira mais arraigada do que qualquer outra relação. Nessa, vê-se um sujeito marcado por uma perda desconhecida, que o aliena para sempre numa relação narcísica primária. Essa relação é a mais viva presença da identificação do melancólico à Coisa.

3.3 A identificação à Coisa

É preciso dar continuidade às nossas indagações sobre o modo como se dá a identificação melancólica à Coisa. Viu-se, em “Luto e melancolia”, que Freud descreveu a identificação melancólica em oposição à identificação histórica. No entanto, ao fazê-lo, acabou por alinhar no mesmo plano tanto a identificação melancólica quanto a identificação esquizofrênica. A íntima relação que o melancólico mantém com a Coisa foi que lhe permitiu utilizar a expressão *identificação narcísica* para se referir ao tipo de identificação melancólica. Nesse contexto, ao se manifestar em sua forma mais pura, se desnuda a relação mortífera que o sujeito mantém com a Coisa.¹⁸⁰

A hipótese que se formula a partir do ensino de Lacan é que a identificação na melancolia passa diretamente pela identificação à Coisa, que é o objeto perdido, original. Conforme se viu, a análise da melancolia revela que “o eu só pode se matar se [...] puder tratar a si mesmo como um objeto”,¹⁸¹ ao dirigir contra si mesmo a hostilidade outrora

¹⁸⁰ Cf: LAURENT. Melancolia: dor de existir, covardia moral, p. 161.

¹⁸¹ FREUD. Luto e melancolia, p. 285.

relacionada ao objeto.¹⁸² Pode-se dizer que o melancólico se identifica com o ódio de si mesmo.

No entanto, em “O eu e o isso”, somos apresentados a um outro modo de Freud se referir à identificação melancólica, apoiada na vasta reformulação de sua teoria da identificação, exposta no texto “Psicologia de grupo e análise do eu”, no qual o eu se identifica ao pai morto. Mas, vale lembrar que, em 1916, no artigo “Neuroses de transferência - uma síntese”, Freud já havia feito tal analogia: “O luto do pai primitivo provém da identificação (com esse morto), e demonstramos que tal identificação é a condição do mecanismo da melancolia”.¹⁸³ Nesse contexto é que, em 1923, ao nomear o supereu como instância que está em jogo na melancolia, Freud o alinha com a instância de vigilância já identificada na paranóia. Nesse ponto ele se refere ao fato de que “o supereu é a primeira identificação que se produz”.

Nesse aspecto, o ponto crucial encontra-se recortado pela seguinte questão: Essa identificação é com a Coisa ou com o pai morto? É Eric Laurent quem elucida esse ponto, pois, embora as duas identificações se mostrem análogas, elas podem se apresentar de duas formas diferentes: em uma, tem-se a pulsão suicida da melancolia, e, na outra, a excitação maníaca, que destrói a homeostase narcisista do corpo e que também conduz à morte. Ou seja, tanto a mania quanto a melancolia se sustenta numa mesma base identificatória. Nesses quadros, o estrago libidinal já está consolidado. Segundo Lacan, a modalidade específica de identificação que entra em jogo nas psicoses é devida à forclusão do “Nome-do-Pai”. Nota-se, por esse ângulo, ao apresentar tal regime de identificação, que: “É esse

¹⁸² Pode-se dizer que o melancólico se identifica com o ódio de si mesmo. O ódio do melancólico nos remete à particularidade afetiva do melancólico, mas, infelizmente, isso extrapola os objetivos dessa pesquisa.

¹⁸³ FREUD, S. *Neuroses de transferência: uma síntese*, p. 80. Conforme descrito no Capítulo 2.

mesmo mecanismo significante que permite a modalidade de retorno do gozo, que é a Coisa que cai sobre o eu. É pela forclusão do “Nome-do-Pai” que se desvenda a relação com a Coisa.”¹⁸⁴

Ao chegar nesse ponto, o que se revela nos possibilita esclarecer que é necessário afastar uma possível leitura que consiste em fazer da identificação narcísica um modo intermediário entre a neurose e a psicose, conforme o grau de empobrecimento do eu. Como já se viu, em *Neuroses de transferência - uma síntese*, Freud coloca explicitamente na categoria das neuroses narcísicas tanto a paranóia quanto a esquizofrenia e a melancolia.¹⁸⁵

A partir dessas elaborações, pode-se dizer então que as duas identificações — com a Coisa ou com o pai morto — são duas faces do mesmo mecanismo. Dessa forma, as questões apresentadas em “Totem e tabu”, a respeito de o melancólico ser identificado com *das Ding* ou com o pai morto, encontram sustentação, mais uma vez, para se afirmar que é ao pai morto e a *das Ding* simultaneamente. Isso significa que o supereu, como uma instância herdeira do pai, contém duas partes: uma, que corresponde ao significado do Outro, que é a mensagem edipiana do interdito, mensagem do pai, herdeiro da lei e que limita o gozo para o sujeito. A outra parte contém a ferocidade do supereu que determina o mandamento de gozo. Trata-se então do supereu tirânico, do supereu que impõe o gozo ao sujeito, gozo esse fora de inscrição no Outro e fora de qualquer dialetização.

A partir dessa formulação, pode-se levantar a hipótese de que esse supereu que não se inscreve a partir do Outro, que está fora do simbólico, que é o único responsável pelas acusações ao eu, é, na verdade a sombra de *das Ding* ou do pai tirânico, que recai sobre o

¹⁸⁴ LAURENT. Melancolia, dor de existir, covardia moral, p. 162.

¹⁸⁵ *Idem.*

eu. Recordemos o que Freud disse sobre isso em “Totem e tabu”: os filhos que se identificaram ao pai assassinado, se encontram na cultura, na lei. A culpa que advém com a morte do pai é decisiva e coloca alguns filhos no campo da neurose. Os outros, entre os quais se incluem os melancólicos, estão identificados ao pai gozador, sem lei. Ao lado desses, não há o remorso e nem a culpa tal como se apresenta para o neurótico obsessivo.¹⁸⁶ Dessa forma, a origem da culpa na melancolia é diferente. O que se percebe é que, de fato, Freud teve dificuldades em estabelecer o diagnóstico de psicose para a melancolia. Talvez isso se deva à seguinte questão: Como é que se pode pensar em psicose para a melancolia se nessa afecção o sujeito é um hiperculpado? No entanto, a culpa pela perda do objeto no melancólico não se flexibiliza. Nele não há nada que possa livrá-lo dessa feroz imputação de culpa. Ou seja, ele não abre mão da culpa em hipótese alguma. Ao introjetar o objeto perdido e identificar-se à perda, ele e o objeto perdido são uma só coisa. O resultado disso é o que Freud assinalou: “O componente destrutivo entrincheirou-se no supereu e voltou-se contra o eu.”¹⁸⁷ Assim, “uma cultura pura de pulsão de morte” faz recair sobre o sujeito uma hiperculpabilidade que se traduz pelas auto-acusações e, na maioria das vezes, pode culminar no delírio de culpabilidade e na expectativa delirante de punição.

Se Freud apresenta o *Unglauben* da paranóia, conforme se viu, como sendo um processo pelo qual o sujeito recusa a crença na censura,¹⁸⁸ vê-se que, na melancolia, a descrença na censura consiste em introduzir um sujeito rejeitando a culpabilidade. Rejeitar a culpabilidade original é alienar-se no gozo do Outro, que, no caso é o gozo feroz do supereu.

¹⁸⁶ Essa discussão foi trazida no Capítulo 2.

¹⁸⁷ FREUD. O eu e o isso, p. 69-70.

¹⁸⁸ FREUD. Rascunho K, p. 248.

Nesse sentido, ao designar o *Un glauben* como “ausência de um dos termos da crença, do termo em que designa a divisão do sujeito”,¹⁸⁹ Lacan introduz, também para a melancolia, essa mesma ausência, e, nesse caminho, correlaciona o *Un glauben* freudiano com a forclusão. O que se presentifica, em se tratando de fenômeno elementar, é uma mortificação, que faz retorno no real através do distúrbio da libido e da presença maciça do fenômeno de auto-acusação, gozo que é imposto pelo supereu. Ao se isolar do Outro, o melancólico acaba por fazer sua retirada, despedindo-se do Outro, em pura ausência da relação com o Outro.

Nesse contexto, a identificação à Coisa, que funda a modalidade de identificação melancólica, chama para si a ausência de um termo do Outro, que seria capaz de abrir o campo de negociação para que o sujeito se orientasse pela via do desejo, da perda e do luto. Essa ausência de um nome para pacificar, para organizar — tal qual já se mencionou como sendo a forclusão do “Nome-do-Pai”, designa o modo pelo qual o melancólico tomou licença do Outro, “despediu-se do Outro”¹⁹⁰ sem fazer nenhum apelo.

A partir dessas formulações é que podemos fundamentar a apreensão de uma categoria clínica amarrada ao objeto perdido. Nessa situação é que o sujeito irá se localizar em relação ao Outro, ou seja, essa relação vai ser determinada a partir da relação do sujeito com o objeto perdido. Daí advirão todas as patologias psíquicas. Mas, cada patologia será acompanhada de mecanismos próprios, que podem ser deduzidos a partir da manifestação dos mecanismos estruturantes de cada afecção. Por isso é que vale seguir, nessa trajetória, o

¹⁸⁹ LACAN. *O Seminário, Livro XI: Os quatro Conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 225.

¹⁹⁰ Expressão utilizada por COTTET em “Gai savoir et triste vérité”, p. 35. Cottet compara as depressões neuróticas com as psicóticas. Para ele, a culpa na melancolia advém do fato de o sujeito ter “tomado licença do Outro”: “A essa experiência da psicose, que nos fornece o modelo estrutural da depressão, opomos os estados de humor da neurose, que assinalam um momento de fechamento do inconsciente, e não de sua rejeição.”

modo como se manifestam os fenômenos da melancolia, sobretudo aquele que Séglas isolou como “dor moral”, e que Lacan retoma como “dor de existir”.

3.4 A dor da hemorragia de vida

Deve-se notar que alguns dos fenômenos presentes na melancolia, tais como o luto, a dor, a auto-acusação e a perda, estão presentes também em outras estruturas clínicas, sendo, pois, consideradas transestruturais. Embora em nosso percurso tenhamos feito a distinção entre a melancolia e a paranóia, merece destaque investigarmos agora a expressão “dor de existir”, utilizada por Lacan, tomada de empréstimo a Jules Séglas, que havia destacado a expressão “dor moral”.

Esse caminho, traçado pela psiquiatria do século XIX, teve como precursores Jules Cotard e Jules Séglas, conforme vimos no Capítulo 1. Séglas debatia muito sobre a distinção paranóia/melancolia. Conforme disse há pouco, foi a partir de sua expressão “dor moral” que Lacan derivou a célebre expressão “dor de existir”, que irá cunhar, para a melancolia, o mais nítido fenômeno que a nomeia, que se pode designar como “a pura dor de existir”.

Essa expressão foi desenvolvida por Lacan pela primeira vez em seu texto “Kant com Sade”, ao se referir ao fantasma sadiano e ao fantasma masoquista. O recorte que se pretende fazer ao retomar a “dor de existir” não se propõe a discutir aqui a dor na vertente do fantasma sadiano,¹⁹¹ mas delimitar o que Lacan desenvolveu sobre a dor de existir, já que ela é uma evidência para o ser falante. Se ela existe em todo ser falante, como Lacan irá

¹⁹¹ Segundo Lacan, o sádico nega a existência do Outro, nesse aspecto, “o sadismo rechaça para o Outro a dor de existir”. Cf. LACAN. Kant com Sade, p. 789.

traçar sua especificidade tanto na neurose quanto na psicose melancólica, onde se apresenta distinta?

Na melancolia, essa dor é descrita como “pura dor de existir”. Ela aí se encontra em *estado puro*, modelando a canção de alguns melancólicos,¹⁹² cujo embalo se traduz por uma lamentação lenta, chorosa e sombria. Diferentemente disso, nesse sentido é que Lacan diz que o sádico nega a existência do Outro, e negando-a, rechaça para o outro a dor de existir. Não é bem isso que ocorre com o melancólico.

Trata-se de um aspecto crucial, na fenomenologia melancólica, a maneira como o melancólico vivencia essa “pura dor de existir”. A dor moral, como se viu em Séglas, é uma característica secundária da melancolia. Nesse aspecto, Lacan assinala que o que nos impede de cairmos todos os dias sob o golpe da “pura dor de existir” são os efeitos do simbólico, que presentificam no sujeito dividido a sua captura na rede de significantes e os atributos decorrentes de sua orientação pelo circuito do desejo.¹⁹³ Tal operação é que enlaça, pois, o sujeito como efeito da linguagem. A partir dessa elaboração Colette Soler aponta os dois resultados do efeito de linguagem: a falta a ser e a falta a gozar. É desse resultado que advém o fator que afasta a dor de existir:

O que nos protege da *pura dor de existir* é a falta a ser, a falta a gozar, sob cujo golpe o neurótico cai, mas nele a dor de existir está mascarada, pelo que Freud chamou de angústia de castração, que não é, senão, a dor de existir.¹⁹⁴

Então, podemos dizer que o sujeito neurótico se protege da dor de existir pela libido, que implica o desejo como vetor. É, pois, a libido, tal qual Freud a chamou de

¹⁹² LACAN. Kant com Sade, p. 777-778.

¹⁹³ Comunicação pessoal de Ana Cecília Carvalho: “O único desejo que opera, nesse caso, é o de morte, em seu aspecto profundamente conservador (lendo Freud)”.

¹⁹⁴ SOLER. *Seminário*. Les pouvoirs du symbolique.

“libido de objeto”, sustentada pela nova ação psíquica do narcisismo, que possibilita que o sujeito faça o movimento em direção à relação objetual. Nesse caso, pode-se dizer que *a proteção da dor de existir é o desejo*.¹⁹⁵

Para adentrar no que concerne à dor de existir no campo da melancolia, é preciso indagar sobre o que é que torna possível que essa dor de existir não caia sobre o golpe da morte. Encontra-se, nesse caso, a função do pai como a que tempera a dor de existir. Em termos freudianos, partindo do narcisismo, essa mediação do pai se dá pelo ideal do eu e o eu ideal.¹⁹⁶ Ao incidir em sua efetiva plenitude, a função do pai age apontando, como resultado, um sujeito que não seja tão extremista em sua relação ao objeto. Ao seguir tal idéia, vê-se o pai mediando as relações objetuais do sujeito. O que vem barrar o gozo *puro*, ou seja, o *puro extremismo* ou a *pura dor de existir* é, pois, o significante do “Nome-do-Pai”. Ao incidir na operação simbólica, ele determina o surgimento do significante fálico, esse que corta o gozo. Mas, essa operação tem um duplo resultado, pois, num primeiro momento, consiste numa negativização de gozo, que é o mesmo que a falta a gozar, e depois temos o objeto *a*, um resto de gozo. A partir disso é que se pode afirmar que a dor de existir no neurótico não é pura porque ele, ao se inserir no campo da falta a ser, torna-se então um sujeito que se orienta pela via do desejo.

¹⁹⁵ Cf. LACAN. *O Seminário, livro X: a angústia*, p. 37: “[...] em nossa própria concepção do desejo, eu te identifico, a ti com quem falo, com o objeto que falta a ti mesmo. Ao rumar por esse circuito obrigatório para atingir o objeto de meu desejo, realizo para o outro justamente o que ele procura.”

¹⁹⁶ Nova formulação a título de hipótese de Ana Cecília Carvalho: “O melancólico mostra de que é feito o narcisismo: o narcisismo é feito de castração. Castração definida como limites à onipotência do desejo e toda sorte de impossibilidades à realização desse desejo. Narcisismo compreendido como complemento libidinal do egoísmo (Freud nas Conferências Introdutórias de 1916-1917) e também como aquela função que Freud levará para descrever no ego (em 1923), como instância que busca a integração, a manutenção de uma imagem totalizada de si. As duas operações (narcisismo e castração) são consubstanciais para qualquer sujeito. No caso da melancolia, o que se vê é um sujeito imobilizado na impossibilidade de fazer uma dialética entre o ideal do eu e o eu ideal.” (Anotações pessoais).

Pode-se dizer que a dor de existir resulta de um resto, do objeto resto, ao nível do objeto não simbolizado, do objeto *a*, ao passo que a “pura dor de existir” decorre da operação da qual não sobrou resto. Nesse caso, pode-se dizer que se está no campo da psicose, onde o efeito da forclusão sobre a dor de existir traz sérias conseqüências. Talvez tenha sido por isso que Lacan formulou que o melancólico, em suas auto-acusações, está inteiramente no domínio do simbólico. Ou seja, ele está no simbólico, mas sem a operação do desejo, sem resto. Lembremos do pai gozador que não dedicou nada ao melancólico. O resultado é vivido pelo melancólico assim: “Eu nada sou, não sou mais que um lixo.” Na verdade, trata-se de uma auto-injúria difamatória, manifestação no real daquilo que foi forcluído, ou seja, do resto da operação do desejo que não incidiu sobre o melancólico. É dessa forma que Lacan nos esclarece essa questão:

Reparem que não se trata nunca da imagem especular. O melancólico não diz a vocês que ele tem má aparência, ou uma cara feia, ou que é corcunda, mas sim que é o último dos últimos, que acarreta catástrofes para toda a parentela, etc. Em suas auto-acusações, ele está inteiramente no domínio do simbólico. Acrescentem aí o ter: ele está arruinado.¹⁹⁷

No parágrafo acima reproduzido, pode-se deduzir que, se o melancólico está no simbólico, é porque ele depende do simbólico na medida em que o simbólico engendra o lugar vazio. Mas o melancólico não tem os atributos simbólicos nele próprio. Para que esses atributos simbólicos fossem transformados seria necessária uma outra operação. A especificidade dessa operação, conforme se viu, é designada como o efeito da linguagem sobre o sujeito.

¹⁹⁷ LACAN. *O Seminário, livro VIII*. A transferência, p. 380.

Lembremos que a forclusão significa que, no lugar do simbólico que dá um tratamento ao gozo, vem a ausência da operação simbólica, o S_o ¹⁹⁸ para escrever o defeito. Essa ausência da operação simbólica vai fazer com que o gozo fique livre, sem nenhuma barra, sem mediação. Por isso é que se diz que o psicótico é o único homem livre, ou seja, nele o gozo está livre do significante que organiza a cadeia, que o enlaça ao Outro. Em decorrência disso, o gozo aparece, mas não significantizado ou, melhor dizendo, não localizado. E isso que não foi significantizado é aquilo que Lacan designou como forclusão do “Nome-do-Pai”, que não é qualquer pai, mas Um-pai, que viria no lugar do furo, do resto, para organizar os efeitos do desastre imaginário evidenciado na relação especular.¹⁹⁹

A partir da análise do caso Schreber viu-se que o desencadeamento da psicose na paranóia guarda relação com o encontro com um pai. Nesse contexto, viu-se, na fenomenologia da melancolia, que o desencadeamento se dá pela *perda de libido* que é uma consequência da forclusão, onde o sujeito permanece petrificado em sua dor.²⁰⁰ A manifestação se evidencia através da perda de apetite tanto para se alimentar quanto para o objeto sexual. É o retorno da libido, tal qual Freud o descreveu para se referir à perda da libido na melancolia. A libido no melancólico o torna mergulhado no enfraquecimento, que pode ser traduzido como a *hemorragia de libido*.²⁰¹ Além disso, evidencia-se a perda do desejo, consequência da não efetivação da operação de castração e, por isso mesmo, falta

¹⁹⁸ S_o quer dizer a ausência da operação simbólica.

¹⁹⁹ LACAN. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose.

²⁰⁰ Embora isto extrapole os objetivos desta dissertação, podemos antecipar a importância desses elementos para o manejo da transferência na clínica da melancolia. Esse assunto será examinado em uma pesquisa posterior.

²⁰¹ Cf. FREUD. Rascunho G. Conferir também o Capítulo 1, no qual me dedico a esse tema.

da negativização de gozo, que, ao incidir no melancólico, produz o *puro gozo*, que é o que alimenta a “pura dor de existir”.²⁰²

No parágrafo acima, nota-se que a “pura dor de existir” é uma das manifestações que merecem ser destacadas no que tange à psicose melancólica. Ela se expressa através da perda de libido que recai sobre o sujeito, traduzindo-se pela falta de vontade de fazer tudo aquilo que torna uma pessoa viva. É a *pura perda de vida*, ou seja, a *desvitalização*. Pode-se evocar a anorexia, a insônia, a indiferença, a abulia, como sendo manifestações de uma inibição vital completa. Isso recai para o sujeito sob dois eixos: a interrupção da relação de objeto e o enfraquecimento da autoconservação.

Soler se refere ao fato de não ser somente a relação de objeto que entra em pane, mas a pulsão vital, que impele o sujeito para a vida, cuja função mantém a homeostase do corpo e nutre de força um melancólico. Para ela, esse esgotamento de libido é “a sombra da morte que cai sobre o sujeito”, o que a leva a afirmar que a “sombra da morte” é o coração da melancolia, ou seja, é a doença primária da melancolia. Já que Freud disse que é a sombra do objeto que cai sobre o sujeito, talvez se possa dizer que a perda na melancolia pode ser ilustrada pelo retorno no corpo, do que se designa como negação da vida.

Em todas as formas pelas quais o melancólico fala de sua dor de existir, o que ele não abre mão é de um sentimento de perda, sempre presente em suas queixas, que se repetem sem cessar. Mas, tal sentimento não é o de uma perda qualquer nem se reduz apenas aos interesses vitais. Qualquer perda, seja ela de dinheiro, de um objeto amado, de uma situação ou de um ideal, pode servir para que se desencadeie a melancolia. A perda, seja ela pequena ou grande, pode representar em alguns casos, um fator de profunda

²⁰² SOLER. *Seminário*. Les pouvoirs du symbolique.

privação de vida. Com isso, o desencadeamento da melancolia encontra razão para acontecer.

Nesse sentido, para Soler, existe uma relação estreita entre a melancolia e a falta-a-ter, que se expressa pela falta de elegância, de dinheiro, de origem social, de tudo aquilo que pode faltar a alguém. Toda a gama de falta-a-ter presentifica-se na queixa melancólica. Observa-se, inclusive, como os melancólicos são conformistas, isto é, como declinam de todos os valores de troca com o Outro.

Então, a *desvitalização como consequência da forclusão melancólica* está presente em torno dessa falta-a-ter, que existe para consolidar tanto uma falta de valor fundamental que irá culminar no sentimento de que *não se vale nada*, quanto naquilo em que se está *despossuído de tudo* o que os outros têm e que vale para todos. Ele, o melancólico, é aquele a quem falta o que todos os outros têm. Toda essa falta, característica da forclusão, compõe o *fenômeno de desvitalização*.

Nesses termos, pode-se dizer que o melancólico carrega em si um corpo “mutilado”: “Sua queixa se formula em termos de mutilação. É um mutilado de força, mutilado de coragem.”²⁰³ Embora na paranóia também esteja presente a mutilação, ela se manifesta como uma heteromutilação. É nesse contexto que o paranoico vivencia a mutilação, ou seja, ele a experimenta através de uma perseguição, ele a vivencia em termos de um assassinato vindo do Outro.

Quanto ao melancólico, ele vivencia a mutilação em si mesmo, como um vivido primário, resultado da identificação narcísica. A desvitalização é, pois, um fenômeno elementar da psicose melancólica, que traz em si a *perda da libido*, em todos os sentidos.

²⁰³ SOLER. Les pouvoirs du symbolique.

Por isso, pode-se dizer que a *pura dor de existir*, presente na melancolia, é a expressão maior para designar a forclusão, e que a *desvitalização* manifesta a *dor da hemorragia de vida*, que é específica da melancolia.

O que se deduz disso é que a desvitalização na melancolia é um fenômeno primário, no qual o melancólico diante da perda não sabe o que perdeu e tampouco encontra o agente da perda. Conseqüentemente, também, não tem acesso ao agente da mutilação. Nesse sentido, talvez se possa dizer que a culpa tão presente na melancolia seja um fenômeno secundário à desvitalização. É como se a culpa viesse dar razão à desvitalização, tal como se impõe o fenômeno do delírio paranóico persecutório. Não seria, pois, um bom exemplo do retorno no real do que Lacan designa como sendo o rechaço da linguagem?²⁰⁴

É nesse sentido que Lacan é lembrado a partir do que disse no texto “Televisão” a respeito da melancolia e da mania serem manifestações de uma covardia moral, que, “por ser rechaço [*rejet*] do inconsciente, leva à psicose — é o retorno no real daquilo que foi rechaçado de linguagem; é a excitação maníaca pela qual esse retorno se faz mortal”.²⁰⁵ Ou seja, retorno no real pelo fato de que o simbólico implica uma negativização. O simbólico implica uma perda, e essa perda é o que Freud descobre na mediação paterna como castração. Mas, o que se conclui é que, quando essa perda não é tomada pela mediação paterna, ela somente se apresenta sob a forma de fenômenos mortíferos. Ou seja, a perda está presente, pois, ao se identificar ao objeto perdido, o melancólico introjeta essa perda. O resultado dessa perda é manifestado maciçamente, pela desvitalização que se traduz nas

²⁰⁴ Cf. LACAN. *O Seminário, livro III. As psicoses*. Onde ele se debruça em torno do mecanismo da forclusão e do rechaço da linguagem na psicose.

²⁰⁵ LACAN. *Televisão*, p. 525.

queixas melancólicas de *mutilação*, de *pura dor de existir*, de *hemorragia vital*, que irão culminar em um predomínio de *fenômenos mortíferos*.

Conclusão

O texto freudiano mostrou o quanto a relação que o sujeito mantém com o objeto perdido, quando ele é elevado à instância de uma identificação, engendra sobre o eu as auto-acusações que se dirigem ao sujeito. O melancólico, como se sabe, reivindica para si a culpa pela perda e, por lidar com a culpabilidade em seu mais alto grau, essa se transforma em auto-acusação. Na verdade, conforme Freud apontou, a auto-acusação melancólica advém de uma heteroacusação, onde o sujeito endereça a si mesmo as acusações que visam, na realidade, um outro objeto. Tal fenômeno é específico da melancolia quando se atinge um ponto de certeza sobre a acusação, na qual o sujeito se incrimina a ponto de não deixar nenhum espaço para dúvida. Nesse sentido, o ponto de certeza adquire o *status* de uma certeza psicótica, onde não há mediação de sequer um significante que possa operar uma flexibilização. O que pude observar é que, para compensar essa auto-acusação, o que advém é a expectativa de uma punição, mas, por maior que seja o castigo a que o sujeito se submete, jamais poderá ser absolvido. Ele não pede a punição. O melancólico tem a certeza de que a sua sentença virá a qualquer momento. É apenas uma questão de tempo.

Neste contexto de conclusão, gostaria de me valer de fragmentos do filme *As horas*, dirigido por Stephen Daldry, baseado no livro *As horas*, de Michael Cunningham.²⁰⁶ Dois fragmentos ilustram o percurso que foi feito nesta dissertação, para esclarecer a identificação narcísica na melancolia e os efeitos para o sujeito.

²⁰⁶ Inspirado no romance *Mrs. Dalloway*, escrito por Virgínia Woolf, em 1925, Michael Cunningham escreveu *As horas* mais de 70 anos depois. Recentemente *As horas* é transformado em filme, sendo resultado de uma inspirada colaboração entre alguns dos mais renomados talentos criativos do cinema. Publicado em 1998, o romance de Michael Cunningham foi aclamado como uma obra literária da maior importância. Recebeu vários prêmios. O filme foi lançado em 2002.

A cena inicial se passa entre uma mãe, Laura, e seu filho, Richard, que tem cerca de quatro anos. Essa cena é marcada pela busca incessante do olhar dessa criança para a sua mãe. O que se viu é que o desejo dessa mãe não capturou o filho. Em todas as cenas entre os dois personagens, pude observar que, por mais que o filho suplicasse o olhar da mãe, essa não o capturou no desejo. Ela visava outra coisa, certamente muito distante do filho, apenas atentava para seus planos de suicídio. O filho, Richard, percebe que a mãe não olha para ele. Ele sabe que ela está ocupada com as idéias de morte. Viu-se o quanto essa criança se depara com momentos de extrema dor, ao ver seus olhos não capturarem essa mãe e não conseguir, assim, salvá-la dos pensamentos mortíferos. Ela não o desejou. Não sobrou nada para ele. Tal qual o pai gozador em “Totem e tabu”, essa mãe portava o puro gozo, que é a morte. Essa mãe decide abandoná-lo, largando-o juntamente com o pai e a irmã.²⁰⁷

A outra cena que gostaria de destacar no filme é vivida por Richard, já adulto. Ele cresce, e se torna um escritor. No entanto, adquire AIDS e desencadeia nele a melancolia, com presença de delírio. Condenando duplamente: pela AIDS e pela certeza melancólica de que já está morto, não suporta o momento em que irá receber uma premiação literária. Nesse momento, o que se presentifica é a morte, que lhe fora apresentada desde criança, ao se identificar narcisicamente com o objeto perdido — à mãe — que, ao não lhe trazer o seu desejo, presentifica a pura cultura de morte. Ao ser abandonado pela mãe, Richard se identifica para sempre ao objeto perdido, à mãe morta.²⁰⁸

²⁰⁷ Uma cena na qual Richard está na janela da casa da babá, gritando pela mãe, que o deixa sob os cuidados da babá, é ilustrativa do quanto essa criança gritou pelo olhar da mãe, que não se dedicou ao filho.

²⁰⁸ Essa expressão foi descrita por André Green, em 1980: “Trata-se de uma descoberta da transferência que se torna o habitat de um núcleo frio. Este seria a consequência de um desinvestimento materno brutal, que é inexplicável para a criança e subverte o seu universo psíquico.” Cf. MIJOLLA.

Ele passa a buscar reencontrar esse objeto a qualquer custo. Como se viu, de fato ele consegue, ao se atirar pela janela.²⁰⁹

Assim, na melancolia, em se tratando do fenômeno elementar, é pela via da mortificação que a perda inerente à linguagem faz retorno no real. Através da auto-acusação é que esse gozo retorna, gozo feroz do supereu. Nos fragmentos do filme, se vê um sujeito apresentar-se quase morto, indigno da vida. Nesse caso, o desastre libidinal se manifestou pela mortificação e se traduziu pela cessação de sua relação com o Outro. Não houve, por parte do personagem melancólico, apelo ao Outro.

O que pude verificar, através da leitura de autores lacanianos, entre eles Serge Cottet, é que, ao se ausentar da relação com o Outro, a culpa que advém para o sujeito, “é de ter tomado licença do Outro, de ter se despedido do Outro”.²¹⁰ Isso se distingue de uma queixa que visa o Outro, ou de um apelo ao Outro, que se vê na neurose.

Nessa mesma perspectiva, deparei-me com Colette Soler e pude interrogar sobre o que será que mantém o melancólico vivo, já que ele não faz apelo ao Outro? A hipótese que encontrei é que é pela via do delírio de culpabilidade que o melancólico guarda um lugar no Outro. Ou seja, ao manter um lugar no Outro por intermédio do delírio, o melancólico exhibe uma pequena semente de simbólico onde ele já rompeu seus laços. É, pois, pela via do delírio de punição e pela espera do castigo que o melancólico se mantém vivo. Como nos mostrou o personagem Richard, é uma questão de tempo. O filme *As horas* retratou bem essa questão da espera *das horas*²¹¹ para a morte.

²⁰⁹ No momento antes de o personagem se atirar pela janela ele se recorda da cena infantil na qual ele se debate, na vidraça da janela da casa da babá, gritando e chorando pela mãe que lhe deixa. Isso indica que, ao se identificar a esse objeto perdido, a mãe mortificada, Richard passará a vida inteira buscando reencontrá-lo.

²¹⁰ COTTET. *Gai savoir et triste vérité*, p. 35.

²¹¹ Grifos da autora.

Conclui-se que a espera de punição é o fator que manterá o melancólico, por um fio, ligado no tempo. Então, o fato de o melancólico esperar o castigo, além de segurá-lo no tempo, o reata a um laço social, ao Outro, onde o “autismo de sua dor” não está completamente encerrado sobre si.

Ao lado dos que esperam muito tempo pela chegada *da hora* do castigo, viu-se que existem casos, por exemplo, o fragmento de caso clínico apresentado na introdução desta dissertação, em que se evidenciam em um maior grau as tentativas de auto-extermínio e as automutilações como formas de passagem ao ato. Nesse caso, parece-me que o fio de ligação ao Outro é mais tênue, ou quase não existe. Pode-se dizer que, ao prevalecer a passagem ao ato suicida, vê-se o quanto isso realiza o melancólico, que é expulso do simbólico. Essa realização é designada como sendo a transformação do sujeito em objeto *a*. É o que Lacan nomeou de “aificação”, onde o melancólico fica com o *a*, atacando o Outro nele mesmo.

Por essa via pude demonstrar, tanto a partir de Freud quanto de Lacan, que os ataques ao eu, manifestos pelas inúmeras vezes que o melancólico se auto-agride, são, na verdade, uma maneira de reencontrar o objeto. Por isso é que me permito trazer novamente uma analogia entre a paranóia e a melancolia: se na primeira, Lacan utilizou a expressão “empuxo à mulher” para designar o mecanismo próprio da psicose paranóica (desejo homossexual recalçado e rejeitado), será que na melancolia pode-se dizer que há um “empuxo à morte”, como mecanismo próprio que traduz a forclusão?²¹² Se for assim, a identificação do melancólico a um objeto de *puro gozo*, de um gozo absoluto, outrora perdido, o torna um ser colado nesse gozo em que se trata, enfim, da morte.

²¹² A questão proposta merecerá ser desenvolvida, por ocasião de pesquisa futura.

Com efeito, o que advém é o ser supremo em indignidade, tal qual Séglas o descreveu,²¹³ fazendo exceção em sua relação a todo semelhante e se situando como a Coisa (*das Ding*). A ferocidade com que se ataca e se culpabiliza, retorna em seu ser. Para ele, todo o tribunal de justiça é caduco e inapropriado a seu crime, uma vez que se considera o pior dos criminosos. Não há sentença ou pena que lhe seja imputada, que ele possa pagar, a não ser com a própria vida. Nesse aspecto, o percurso que realizei possibilitou-me afirmar que, na melancolia, temos um sujeito que é tão arruinado, que ele fica fora do campo da responsabilidade fálica. Isso se justifica em decorrência do fato de que o melancólico perdeu algo que tinha um valor de significante de seu desejo. Tal perda não sendo elaborada, como se vê, o faz identificar-se ao objeto perdido.

Mas, enquanto o sujeito não toca o objeto *a*, pela morte, ele vai experimentando esse reencontro com o objeto perdido, através dos golpes que engendra em seu corpo, através da automutilação, e, em seu eu, pela autopunição, autodepreciação e autocondenação. Nesse sentido, o que Jules Cotard descreveu a respeito da mortificação e do suicídio melancólico encontra-se presente visivelmente nos fenômenos da psicose melancólica.²¹⁴ De fato, o percurso que fiz me autoriza a afirmar que o forte anseio do melancólico em sua busca por situações que o aproximam da morte se justifica pelo fato de ele já se considerar um “morto vivo”.

Se o neurótico passa a vida toda tentando reencontrar o objeto perdido e, como se sabe, em sua busca só encontra sinais desse primeiro objeto de satisfação, o melancólico também está à caça desse objeto. No entanto, para esse último, o objeto perdido é inserido no eu, onde ocorre a identificação. O melancólico passa a sua vida buscando esse objeto e

²¹³ Conferir o Capítulo 1.

²¹⁴ *Idem*.

ele, de fato, o reencontra, mas às custas de sua morte. Com isso, não basta a identificação narcísica ao objeto perdido. A grande visada do melancólico tem alcance ainda muito maior.

Ao abordar os danos sofridos no eu, Freud destacou o temor que o eu carrega em relação ao perigo externo e o pavor que o eu tem do supereu. Para Freud, o maior medo do eu pode ser traduzido como medo de ser esmagado — *Überwältigung*. Com isso, o que ele afirma é que o medo da morte se constitui pela relação entre o supereu e o eu, e que ele surge devido a duas condições: uma, ligada a um perigo externo, e a outra, ligada a um processo interno. A melancolia se enquadra nessa última condição e se explica devido ao fato de o eu estar abandonado e se sentir odiado e perseguido pelo supereu, ao invés de amado: “ele se vê deserdado por todas as forças protetoras e se deixa morrer”.²¹⁵

Para Freud, o medo da morte é encarado como um desenvolvimento do medo da castração. Ao atravessar a vivência da castração, incidiu sob o sujeito uma operação que é a de matar nele uma experiência de gozo ligada ao pai ou à mãe. Tal acontecimento, como se viu, é a marca da neurose, que orienta o sujeito no campo do Outro, de seu desejo e dos temores oriundos desse corte, que é a castração. Mas, como Freud mesmo indicou, há casos em que nem sempre o medo da morte consegue ser mais forte que a morte. Na melancolia, não ocorrendo a castração, o que se vê é o eu ser vencido pela pura cultura da pulsão de morte que habita o supereu, e acaba por obter sucesso em sua empreitada. Ao seguir essas elaborações, posso observar que o medo da morte está mais presente na neurose, ao passo que na psicose melancólica o que se vê é a presença maciça da morte sobre o medo da morte.

²¹⁵ FREUD. O eu e o isso, p. 75.

A tese lacaniana apresentada no *Seminário X: a angústia* indicou que, na melancolia se ressalta tanto o aspecto da identificação narcísica ao objeto quanto a passagem ao ato suicida. Nesse seminário o melancólico é colocado em referência à identificação: $i(a)$, para dizer que, no neurótico, a identificação recobre o objeto, permitindo uma máscara para o objeto a , impossibilitando o reencontro do objeto.

É nesse contexto que Lacan recuperou Freud, em “Luto e melancolia”, e nos afirmou que para distinguir o luto da melancolia é preciso distinguir o objeto a de $i(a)$. Na melancolia, o objeto a se encontra, em sua essência, desconhecido. É em torno disso que Lacan formulou sua hipótese de que o melancólico, ao se precipitar no ato suicida, atravessa a sua própria imagem para poder atingir dentro de si mesmo o objeto a , ao qual ele está narcisicamente identificado.²¹⁶

O fato de lhe ser desconhecido, sem representação, faz com que o melancólico passe a vida inteira se esbarrando no objeto a , onde o Outro e o $i(a)$ — as identificações secundárias — não estão presentes para barrar o reencontro ao a . O que se impõe é uma precipitação vazia de apelo, num impulso mortífero ao buraco da morte, que se designa como passagem ao ato suicida, tal como nos é apresentada, por Richard, na cena do filme *As horas*, que se atira pela janela.

A esse respeito, cabe ainda uma consideração importante, que encontrei ao ler Jorge Chamorro: “no melancólico, os parênteses do $i(a)$ se levantam, a imagem se atravessa e aparece a identificação com o objeto.”²¹⁷ Mas, para atingi-lo, é preciso que o sujeito se deixe morrer, sem sentido algum que o faça pensar ou flexibilizar sua certeza em relação à morte.

²¹⁶ LACAN. *O seminário X*. 1963-1964, p. 364.

²¹⁷ CHAMORRO. *Clínica de las Psicosis. Cuadernos del Instituto Clínica de Buenos Aires*, p. 196.

Ao se jogar pela janela o melancólico se realiza como expulso do simbólico. Nesse ato ele se realiza como o objeto perdido que cai, ele mata o objeto nele mesmo. É o tornar-se objeto, designado por Lacan como aificação. Para além da identificação narcísica, o eu reencontra o objeto de puro gozo, do gozo absoluto onde o melancólico sacrifica a si mesmo. Nessas condições, ele não faz apelo ao Outro do castigo, nem ao juiz, nem ao psiquiatra, nem a ninguém.²¹⁸

Não se trata mais de uma “sombra do objeto que recai sobre o eu”, nem de uma “sombra da morte que recai sobre o eu”, mas sim, da morte que recai sobre o eu, tal qual nos mostra Richard, personagem suicida de *As horas*.

²¹⁸ Essa questão será reservada para uma futura pesquisa, onde investigarei o lugar do analista na clínica da melancolia e a especificidade da transferência. Considero relevante destacar que é preciso que se faça intervir um apelo ali onde não havia nenhum. Pode-se dizer que o analista tem que desejar muito, porque diante dele há um sujeito que se apresenta sem demandas, sem fazer apelo.

Bibliografia

ABRAHAM, K. *A teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Rio de Janeiro: Imago, 1970. 205 p.

CHAMORRO, J. Clínica de las psicosis. *Cuadernos del Instituto Clínico de Buenos Aires* n. 8, p. 254, 2004.

COTARD, Jules. Do delírio das negações. In: QUINET (Org.). *Extravios do desejo: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Marca D'Água, 1999. 320 p.

COTTET, S. Gai savoir et triste vérité. *La cause freudienne*, n. 35, Paris, p. 33-36, fev.1997.

COTTET, S. La fausse énigme de l'état d'ame. *La cause freudienne*, Paris, n. 23, p. 60-65 fev. 1993.

COTTET, S. A bela inércia: notas sobre a depressão em psicanálise. *Transcrições*, Salvador, n. 4, p. 49-68, dez. 1988.

DESSAL, G. Introducción a la Cosa. In: LAURENT, Eric. *La etica del psicoanálisis. Seminario del Campo Freudiano*. Madrid. 1988-1989.

FREUD, S. Rascunho B: 1893. A etiologia das neuroses. In: _____. *Publicações psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, I).

FREUD, S. Rascunho E: 1894. Como se origina a angústia? In: _____. *Publicações psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, I).

FREUD, S. Rascunho F: 1894. In: _____. *Publicações psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, I).

FREUD, S. As neuropsicoses de defesa: 1894. In: _____. *Publicações psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, III).

FREUD, S. Rascunho G: 1895. Melancolia. In: _____. *Publicações psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, I).

FREUD, S. Rascunho H: 1895. Paranóia. In: _____. *Publicações psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, I).

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. 1895. In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, I).

FREUD, S. Rascunho K: 1896. As neuroses de defesa. (Um conto de fadas natalino). In: _____. *Publicações psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, I).

FREUD, S. Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa: 1896. In: _____. *Publicações psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, III).

FREUD, S. Rascunho N: 1897. In: _____. *Publicações psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, I).

FREUD, S. 1900-1901. A interpretação dos sonhos. In: _____. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, XVIII).

FREUD, S. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. 1905. In: _____. *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, VII).

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In: _____. *O caso Schreber e artigos sobre técnica*. 1911. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, XII).

FREUD, S. Totem e tabu. In: _____. *Totem e tabu e outros ensaios*. 1912. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, XIII).

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. *A história do movimento psicanalítico*. 1914. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, XIV).

FREUD, S. Luto e melancolia. In: _____. *A história do movimento psicanalítico*. 1915. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, XIV).

FREUD, S. *Neuroses de transferência*: uma síntese. 1915. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. O inconsciente. In: _____. *Artigos sobre metapsicologia*. 1915. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, XIV).

FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do eu. In: _____. *Além do princípio do prazer*. 1921. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, XVIII).

FREUD, S. O eu e o isso. In: _____. *O eu e o isso*. 1923. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, XIX).

FREUD, S. Neurose e psicose. In: _____. *O eu e o isso*. 1924. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, XIX).

LACAN, J. (1949). O estágio do espelho como formador do eu – tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1955-1956). *O Seminário, livro III*. As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. 368 p.

LACAN, J. (1955-1956). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

- LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário, livro VII. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 396 p.
- LACAN, J. (1960). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1960-1961). *O Seminário, livro VIII. A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. 386 p.
- LACAN, J. (1963). *O Seminário, livro X. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 368 p.
- LACAN, J. (1963). Kant com Sade. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- LACAN, J. (1964). *O Seminário, livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 272 p.
- LACAN, J. (1973). Televisão. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LAMBOTTE, M-Claude. *O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 552 p.
- LAURENT, É. Introducción a la Cosa. In: _____. *Seminário del Campo Freudiano. La ética del psicoanálisis*, Madrid, 1988-1989.
- LAURENT, É. Melancolia: dor de existir, covardia moral. In: _____. *Versões da clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. 248 p.
- MANNONI, Octave (Comp.). *Hamlet por Lacan*. LACAN, J. Campinas: Escuta, 1986. 95 p. (Compilação cotejada com *Seminário. O desejo e sua interpretação, 1958-1959* e texto publicado em *Ornicar?* n. 25, 1982; n. 26 e 27, 1983.
- MAZZUCA, R. *Cizalla del cuerpo y del alma: la neurosis de Freud a Lacan*. Buenos Aires: Bergasse 19, 2004. 418 p.

- MAZZUCA, R. *Las psicosis: fenómeno y estructura*. Buenos Aires: Bergasse 19, 2004. 254 p.
- MIJOLLA, A. *Dicionário Internacional da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- PELLION, F. *Melancolía y verdad*. Buenos Aires: Manantial, 2003.
- SCHEREBER, Daniel-Paul. *Memórias de um doente de nervos*. [1903]. Traduzido do original por CARONE, Marilene. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- SÉGLAS, J. De la mélancolie sans délire. In: ASSELIN; HOUZEAU (Ed.). *Leçons cliniques sur les maladies mentales et nerveuses*. Paris. Salpêtrière 1887-1894.
- SÉGLAS, J. Le délire dans la mélancolie. In: ASSELIN; HOUZEAU (Ed.). *Leçons cliniques sur les maladies mentales et nerveuses*. Paris. Salpêtrière 1887-1894.
- SHAKEASPEARE, W. *Hamlet*. São Paulo. Martin Claret, 2000.
- SOLER, C. *Seminário*. Les pouvoirs du symbolique. Trad. Maria de Fátima Ferreira. Paris, 1988-1989. Não publicado.
- SOLER, C. La etica del psicoanálisis. *Seminário del campo freudiano de Madrid*, 1988-1989.